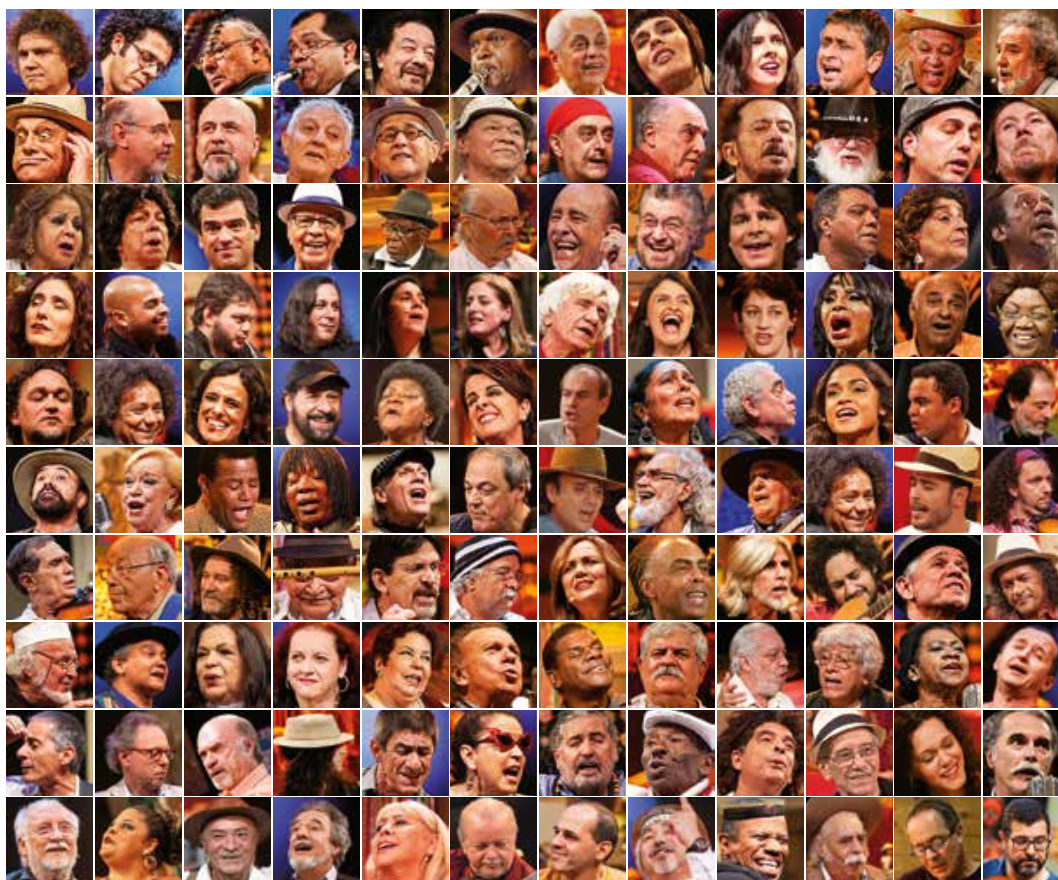
retratos

PIERRE YVES REFALO

50 ANOS

da MÚSICA BRASILEIRA

14 anos no palco do programa Sr.Brasil da Tv Cultura

RETRATOS DA MÚSICA BRASILEIRA

14 anos no palco do programa Sr.Brasil da TV Cultura

FOTOGRAFIAS: PIERRE YVES REFALO
TEXTOS: KATIA SANSON

PDF

Para melhor experiência interativa, abra este arquivo em um computador. O programa indicado é o Acrobat 6.0 ou posterior.

Sumário

Pelo sumário interativo é possível acessar diretamente qualquer sessão do livro com apenas um clique.

Navegação

Utilize a barra inferior para navegar entre as páginas ou acessar o Sumário a qualquer momento.

Zoom

Para aumentar ou diminuir as páginas e não perder nenhum detalhe do seu conteúdo, utilize as teclas CTRL e + ou CTRL e – do seu teclado.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Refalo, Pierre Yves
Retratos da música brasileira : 14 anos no palco do programa Sr. Brasil da TV Cultura / fotografias Pierre Yves Refalo ; textos Katia Sanson. -- São Paulo : Cultura, 2019.

ISBN 978-85-8028-092-0

1. Boldrin, Rolando, 1936- 2. Compositores - Brasil 3. Música - Brasil - História 4. Músicos - Brasil 5. Sr. Brasil (Programa de Televisão) 6. Televisão - Programas 7. TV Cultura (SP) I. Sanson, Katia. II. Título.

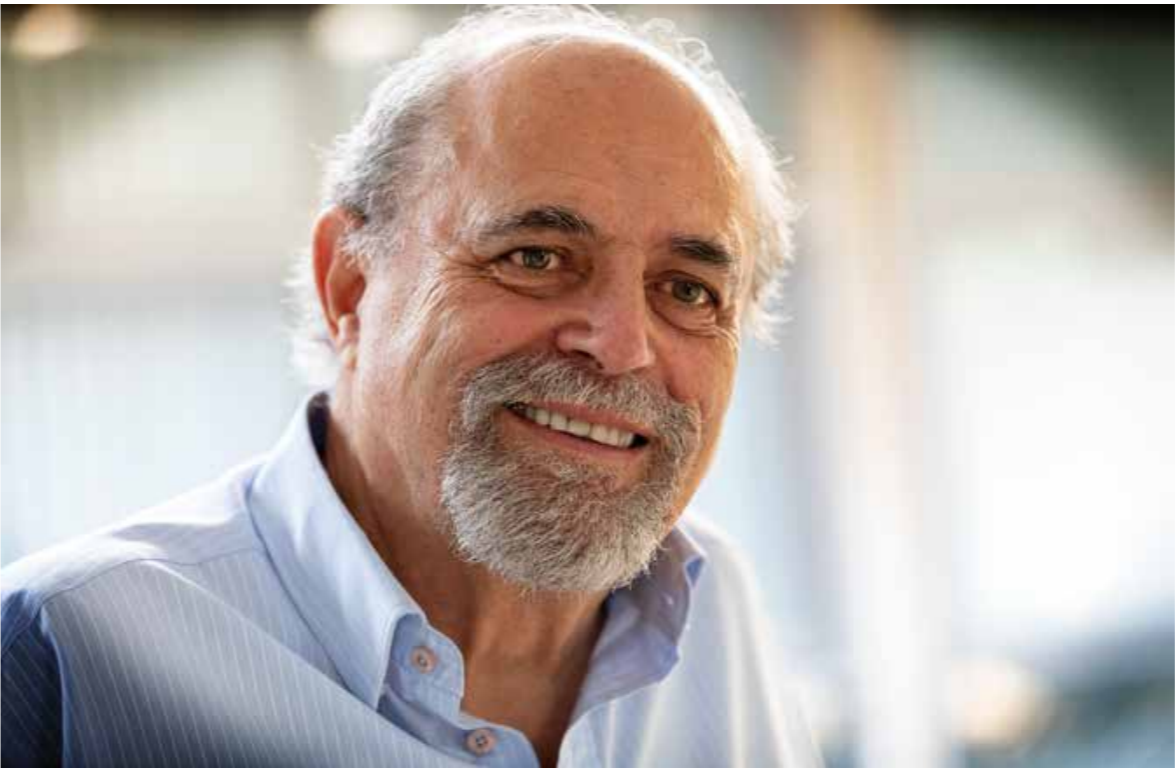
19-26717 CDD-791.420981

Índices para catálogo sistemático:

1. Sr. Brasil : TV Cultura : Música brasileira : Programa de Televisão 791.420981

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

SUMÁRIO

A MAIS BONITA JANELA DO BRASIL

Em 50 anos de história, a TV Cultura trilhou caminhos diversos. Em todos, se manteve sólida, com suas raízes firmes na missão de contribuir para a formação de uma sociedade crítica, humana e plural. A fim de propagar essa compreensão do mundo, programas impulsionadores foram produzidos como instrumento de transformação, ano após ano, década após década.

Um dos principais estandartes empunhados pela emissora é o de divulgar, valorizar e preservar a cultura de um país que, em lapsos de baixa autoestima, não se lembra de sua envergadura, mesmo sendo frequentemente exaltado para além de nossas fronteiras. E há na grade um programa que se destaca como autêntico representante dessa bandeira. Em 2004, no início de minha primeira passagem à frente da Fundação Padre Anchieta, projetávamos soprar novos ares sobre a programação musical da TV aberta com uma atração única. E, para comandar o projeto, ninguém melhor ou mais indicado do que Rolando Boldrin. Convencê-lo a voltar à televisão após 10 anos de ausência na rotina de gravações não foi tarefa fácil. A conquista veio pelo desejo em comum de "tirar o Brasil da gaveta" e dar oportunidade aos talentos musicais escondidos em nosso imenso território.

Em maio do ano seguinte, o programa estreava e pessoas dos quatro cantos da nação se viam refletidas na tela, em sua mais pura autenticidade. O nome já anunciava: o *Sr. Brasil* nascia com a missão de ser grande. E, de fato, o é. Logramos o feito de reunir num único palco culturas tantas vezes esquecidas por estarem afastadas dos grandes centros urbanos.

Boldrin, com sua força potencializadora, vem nos guiando há quase 15 anos numa viagem engrandecedora aos incontáveis lugares do Brasil. Na verdade, ele faz mais: narra-os em seus causos e cantos. Torna próxima e real a imaterialidade da cultura dos campos e sertões.
Desde seu lançamento, o programa recebeu mais de três mil músicos e foi palco para nomes marcantes da música, mas que dificilmente ultrapassariam os limites de seus municípios sem o *Sr. Brasil*, a bonita janela que nos mostra o Brasil real, com todos os artistas e histórias de carne e osso.

Inicialmente, o *Sr. Brasil* foi gravado nos estúdios da TV Cultura. A partir de 2008, graças a uma parceria com o SESC São Paulo, dirigido por Danilo Santos de Miranda, as gravações passaram a ocorrer no Teatro do Sesc Pompeia, onde permanecem até hoje com grande sucesso de público.

Fotógrafo do programa e responsável pelas imagens deste livro, Pierre Yves Refalo retrata a grandeza do povo brasileiro: um apanhado de sotaques e trajetórias, a marca do nosso diferencial mundo afora. Em suas mais de 40 mil fotografias do programa *Sr. Brasil*, o francês, que criou vínculos com nosso país e suas manifestações artísticas, conseguiu capturar o que boa parte dos telespectadores sentem ao assistirem ao programa: afeto, respeito, amor e sede pela cultura do país.

Se a TV Cultura é uma árvore frondosa, com suas raízes fincadas nas profundezas da cultura brasileira, o *Sr. Brasil* é um de nossos frutos mais doces e raros. Nasce e cresce forte em qualquer solo.

Nestes 50 anos da emissora, a celebração do programa é o exemplo de que nossa missão se consolida em muitas salas de visita do nosso imenso país, quando na tela da TV as cortinas se abrem e tornam o Brasil ainda mais brasileiro.

Marcos Mendonça
Diretor-presidente da TV Cultura (Maio de 2019)

FOTOGRAFIA
PROJETO GRÁFICO, EDITORAÇÃO:
PIERRE YVES REFALO

TEXTOS:
KATIA SANSON

REVISÃO:
JULIA MAIA
LENIR BOLDRIN

COORDENAÇÃO:
MARISA GUIMARÃES

COLABORAÇÃO:
ALEXANI BARBOSA
MARIA FERNANDA REGOS ORTIZ
ROSÂNGELA ALVES MAROUÇO

AGRADECIMENTO:
SESC POMPEIA

IMPRESSÃO:
GRÁFICA IPSIS

ADAPTAÇÃO PARA VERSÃO DIGITAL
(PDF INTERATIVO):
PAULA CASARINI

O PÚBLICO DA TV CULTURA MERECE ISSO...

Em pleno ano de 2019, diante de tanta tecnologia de ponta existente no nosso planeta, por incrível que pareça, a fotografia - o famoso "retrato" impresso em cores ou em preto e branco - consegue ainda a magia de nos transportar para momentos emocionantes, captados num "zás de tempo" de uma boa máquina, nas mãos e olhos de um fotógrafo criativo e talentoso.

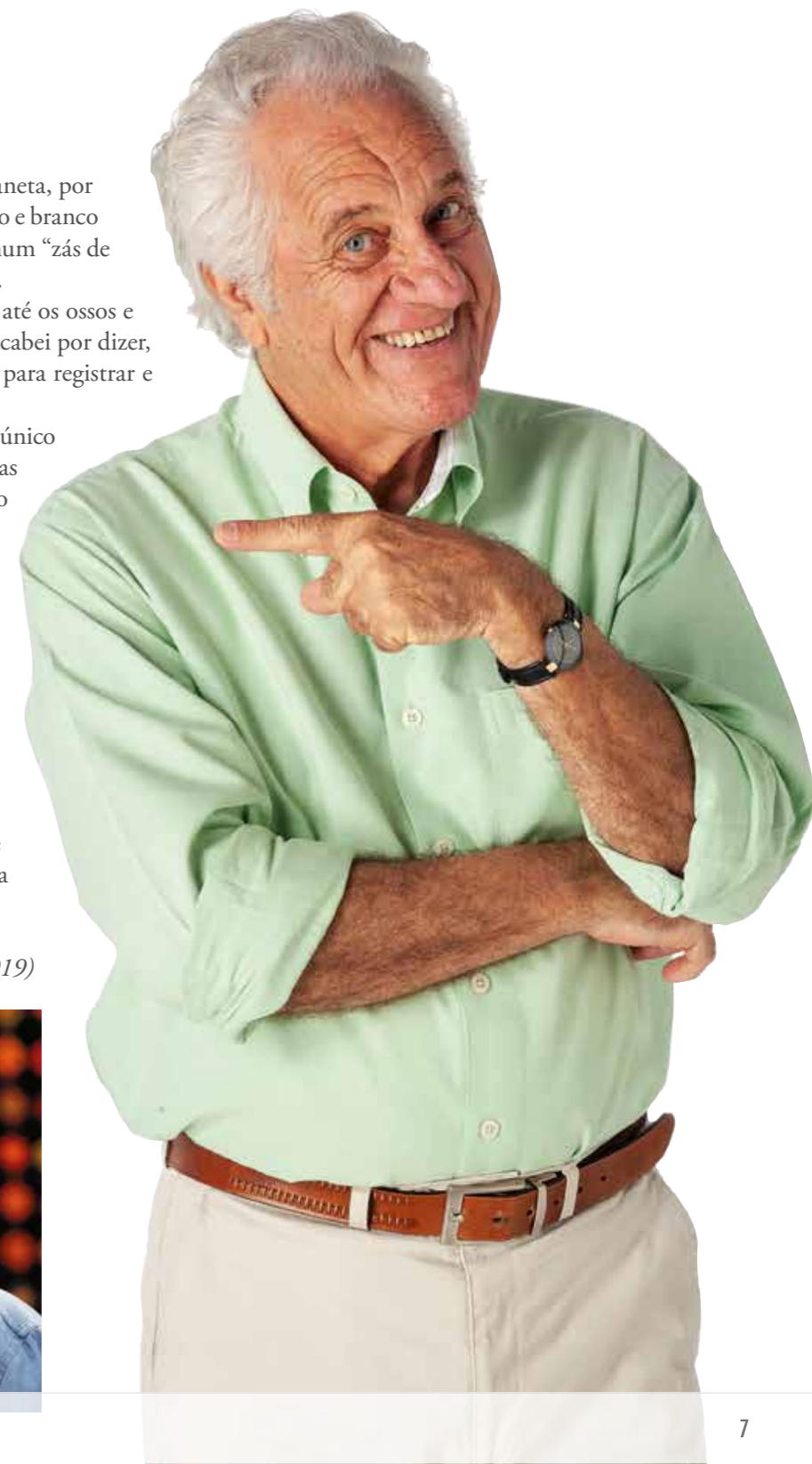
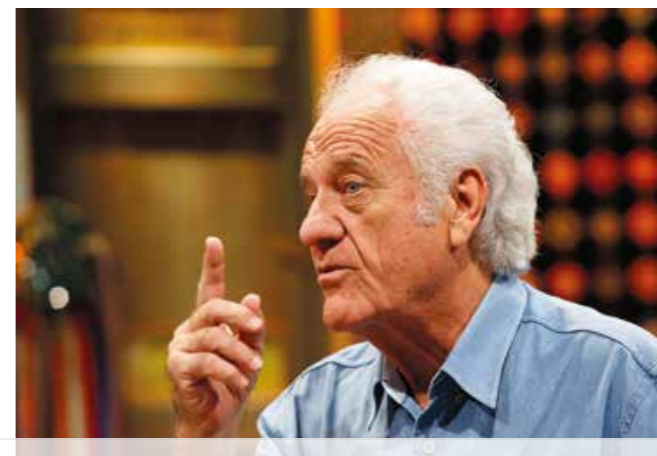
Neste ano, quando a TV Cultura completa 50 anos de vida, estando eu entranhado até os ossos e coração nesta "casa brasileira de arte" com o meu programa *Sr.Brasil*, já há 14 anos, acabei por dizer, de mim para mim mesmo: temos que comemorar. Correr junto, nesta data festiva, para registrar e mostrar ao Brasil e ao mundo inteiro quanto vale nossa "aldeia".

Como o programa *Sr.Brasil* da TV Cultura foi criado para "tirar da gaveta" um Brasil único em música, verso e prosa através das apresentações dos nossos ilustres cantadores, poetas e músicos brasileiros mais autênticos, nada melhor que recorrermos ao registro histórico, à esta técnica tão antiga e tão mágica: a fotografia.

O fotógrafo Pierre Yves Refalo, o amigo francês mais brasileiro que conhecemos e que nos acompanha desde nossa estreia em 2005, foi quem primeiro teve este estalo e nos plantou euforicamente esta grande ideia. O mesmo Pierre que brindou conosco quando recebemos o Prêmio APCA de *Melhor Programa da TV Brasileira* naquele ano de 2005, com apenas cinco meses no ar. O mesmo Pierre, apaixonado por nossa cultura popular, o mesmo "francês-brasileiro" que haveria de mergulhar de cabeça com o seu talento de fotógrafo no nosso universo mais caro.

Para o presente álbum de retratos comemorativo dos 50 Anos da TV Cultura, Pierre, Patricia e eu nos debruçamos no imenso e prazeroso trabalho de selecionar cuidadosamente, entre mais de 40 mil fotos do precioso arquivo, um "carroção" de imagens de artistas que fizeram, fazem e sempre hão de fazer parte da nossa história cantada, tocada e falada.

O público da TV Cultura merece isso.

Rolando Boldrin (Maio de 2019)

ARRIGO BARNABÉ

Londrina, PR

Este paranaense, considerado o mais importante compositor da chamada Vanguarda Paulista, é um autor de crônicas urbanas em forma de música que ocupam a fronteira entre o erudito contemporâneo e o popular.

À procura de uma revolução auditiva, Arrigo Barnabé é um cantor-compositor com um trabalho singular na música brasileira, por nos apresentar peças cujas características vão do dodecafonismo à atonalidade. Seu primeiro LP, *Clara Crocodilo*, lançado em 1980, é um grande sucesso que escandaliza até nos dias de hoje os ouvidos tradicionais e ainda desestabiliza os sentidos acostumados à música convencional.

Seu segundo disco, *Tubarões voadores*, foi eleito pela revista francesa *Jazz Hot* como um dos melhores do mundo.

Participando de festivais com Itamar Assumpção, chamou a atenção de artistas consagrados por sua consistência técnica e artística. Compôs quartetos de cordas, peças para a Orquestra Jazz Sinfônica de São Paulo e trilhas sonoras de filmes brasileiros. Seu programa *Supertônica*, na Rádio Cultura FM, vem há alguns anos promovendo o debate tão necessário em torno da música, seja ela popular, erudita, brasileira ou não, com personalidades do meio cultural, ampliando a percepção da arte.

HAMILTON DE HOLANDA

Rio de janeiro, RJ

A música habita Hamilton de Holanda desde a infância: cresceu cercado por instrumentos, numa família de músicos. Aos cinco anos ganhou do avô um bandolim; aos oito, já contava dois anos de experiência nos palcos.

À esta vivência musical familiar somam-se o bacharelado em composição pela Universidade de Brasília - cidade para aonde se mudou no primeiro ano de vida - e a participação ativa em rodas de choro, de samba e também em bandas de rock.

Hamilton de Holanda, exímio instrumentista, transita, portanto, com tranquilidade e maestria pelos mais diversos estilos, transmitindo suas ideias e sua sensibilidade musical com o "coração na ponta dos dedos".

Se Jacob do Bandolim foi o principal músico responsável pela existência de uma identidade brasileira no bandolim, Hamilton de Holanda reinventa este instrumento dando-lhe mais duas cordas. Liberta-o das representações mais tradicionais, aproximando-o de outros públicos com a genialidade de seus solos e improvisos. Trata-se, segundo a imprensa americana, do Jimmy Hendrix do bandolim.

HERALDO DO MONTE

Recife, PE

Heraldo do Monte, importante instrumentista, compositor e arranjador brasileiro, toca guitarra, cavaquinho, viola e contrabaixo. Iniciou sua carreira profissional no Recife, nos anos 50, no rádio. Na mesma década, já em São Paulo, entrou em contato com a "música para dançar", o jazz, e também com a bossa nova, grande influência para os músicos do período.

Gravou discos solos e em parceria com Dolores Duran, Dick Farney, Airto Moreira e Théo de Barros, Hermeto Pascoal, Dominguinhos, Edu Lobo, Zimbo Trio, Geraldo Vandré, Johny Alf, Elis Regina, Teca Calazans, Duofel, Michel Legrand, entre outros.

Sua formação musical variada, seu talento de instrumentista criativo e refinado, e sua imensa capacidade de improvisação jazzística lhe conferem um importante lugar na longa tradição da música brasileira, onde as fronteiras entre a música popular e erudita, regional e universal, foram diluídas.

Considerado um dos maiores guitarristas do mundo, Heraldo do Monte circula em festivais internacionais, fazendo inúmeros shows nos Estados Unidos e na Europa.

PROVETA

Leme, SP

Envolvido há décadas nos melhores e mais importantes projetos musicais brasileiros, Nailor Azevedo, o Proveta, iniciou precocemente sua carreira musical. Filho do tecladista e acordeonista Geraldo Azevedo, desde os seis anos já tocava clarinete na banda de Leme, sua cidade natal.
Integrante de bandas e orquestras antes dos 16 anos, fundador e líder da *Banda Mantiqueira*, dividiu muitos palcos com os grandes nomes da música brasileira, como Milton Nascimento, Gal Costa, Edu Lobo, Raul Seixas, Guinga, Jane Duboc, Joyce, César Camargo Mariano, Mauricio Carrilho e Yamandu Costa; isso sem contar as experiências internacionais com Natalie Cole e Benny Carter, além da turnê com a orquestra de Ray Conniff.
Pesquisador minucioso de timbres, acordes e sonoridades, Proveta é um dos clarinetistas mais requisitados do país e figura de proa no cenário da música brasileira, atuando intensamente nos estúdios de gravação como instrumentista e arranjador.

RAUL DE SOUZA

Rio de Janeiro, RJ

Raul de Souza é um dos mais brilhantes instrumentistas brasileiros.
Nos anos 50, como na casa dos pais não havia nem um radinho de pilha, dirigia-se à Rádio Jornal do Brasil para ouvir programas de jazz, estabelecendo contato com grandes músicos como João Donato e Altamiro Carrilho. Em suas primeiras gravações já desponta como um grande improvisador, feito pioneiro para a época.
Sua genialidade reside não somente na execução, interpretação e inventividade musicais, mas também no fato de ter revolucionado o próprio instrumento que domina, o trombone.
Raul criou e patenteou o “souzabone”, descrito como um trombone em dó de quatro pistos, com dois gatilhos de correção de afinação e um registro para mudança de tessitura para notas mais graves; tem ainda um captador eletrônico e pedais que permitem vários efeitos como wahwah, delay, chorus e oitavador.
Gafieira, samba e choro viajam com Raul de Souza para os Estados Unidos e se mesclam ao jazz e ao funk tocado por seus amigos George Duke, Hard Bop, Sonny Rollins e Thelonius Monk. Grava com Flora Purim, Airto Moreira e Cal Tjader, e participa dos maiores festivais mundiais de jazz sempre reafirmando seu vigoroso talento e imensa criatividade.

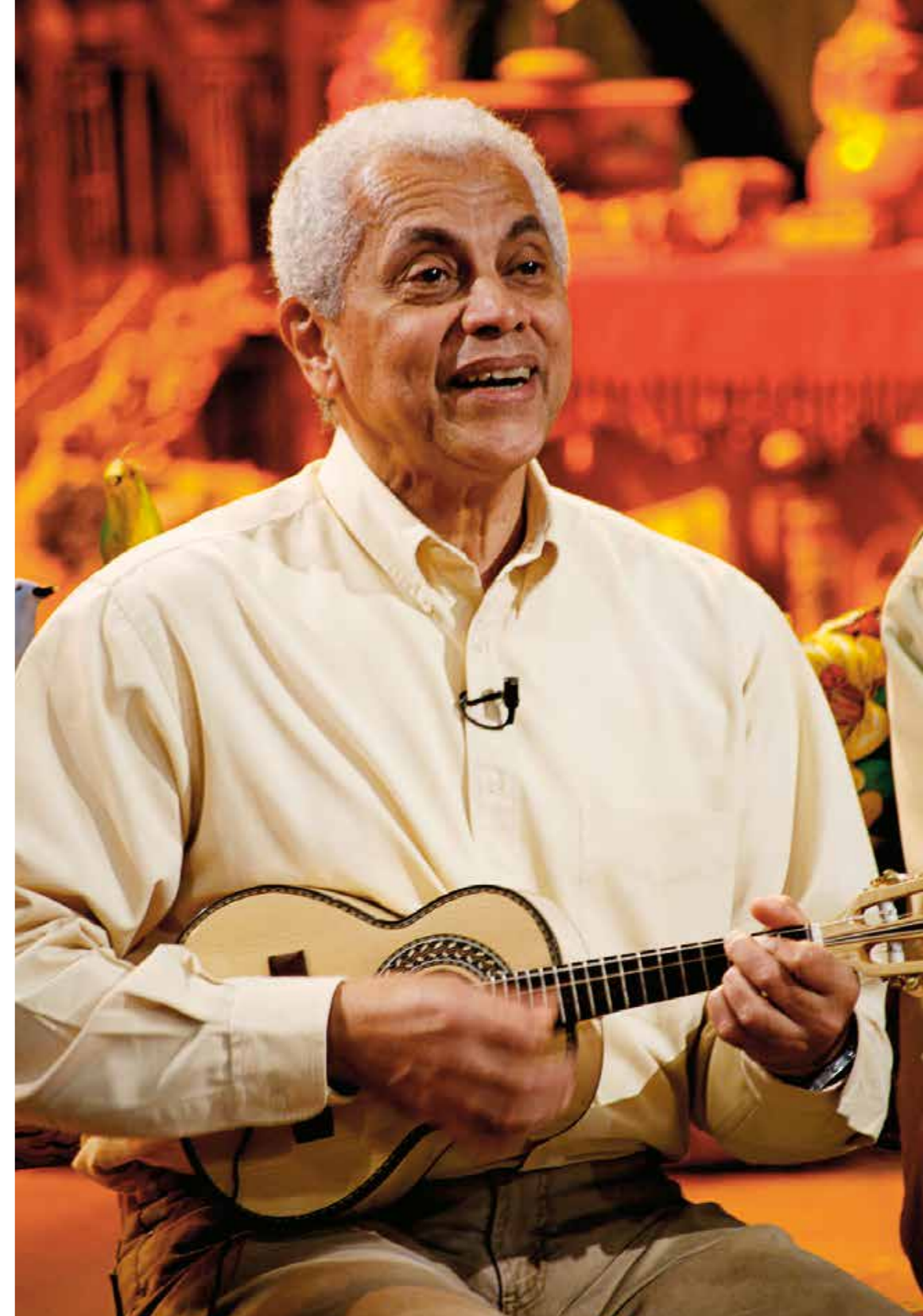
PAULO MOURA

São José do Rio Preto, SP

Sempre à frente de sua época, o clarinetista, saxofonista, arranjador, maestro e compositor popular e sinfônico Paulo Moura enriqueceu a música brasileira criando novas formas sonoras ao mesclar a rítmica africana às vanguardas americana e europeia.
Trilhou caminhos artísticos incomuns, compartilhando-os com o seu público sob a forma de sequências musicais impecavelmente preparadas. À frente da orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro como primeiro clarinetista, Paulo Moura transitava entre os músicos eruditos e os contemporâneos, mergulhando em pesquisas sobre os compositores de samba e choro.
Tanto no competente comando dos bailes populares da Gafieira Estudantina, na Praça Tiradentes, como regendo orquestras que acompanharam grandes intérpretes e músicos como Milton Nascimento e Sérgio Mendes, ou ainda nos palcos, em cena, ou compondo, Paulo Moura é certamente um dos músicos mais importantes já surgidos no Brasil.

PAULINHO DA VIOLA

Rio de Janeiro, RJ

Paulinho da Viola é assim e não há como não gostar dele: sabe como ninguém dar vida e forma nova ao tempo e às coisas enquanto mantém, com rara elegância, hábitos em extinção, como o jogo de sinuca, a arte da marcenaria ou uma boa prosa em torno de uma cachaça.
Foi com seu pai, violonista do conjunto *Época de Ouro*, que conviveu em sua juventude com a Velha Guarda do choro e do samba cariocas, reverenciando-a sem se perder na nostalgia. Sucessor desta Velha Guarda, mas principalmente precursor de uma nova concepção musical, aproxima, em suas composições e interpretações, o morro e o asfalto, a bossa carioca e a vibração dos subúrbios.
Sua presença altiva e sua obra inovadora provocam profundas marcas na identidade musical brasileira e especialmente na percepção do samba.

MARIANA BALTAR

Rio de janeiro, RJ

A formação eclética de Mariana Baltar inclui dança clássica, moderna e contemporânea, mas foi através da dança de salão que ela se envolveu profunda e definitivamente na pesquisa e no desenvolvimento do samba.
A fundação da Casa de Cultura Carioca, na Lapa, foi o lugar onde ela animou, por cinco anos, as noites de sábado. Apresentou-se em espetáculos internacionais ao lado de Jorge Ben Jor, cantou com Zeca Pagodinho, entre outros. Ambas experiências foram marcantes para sua carreira.
Se a dança levou Mariana Baltar à música, hoje é a sua voz que baila com desenvoltura e precisão pelos palcos da nação das grandes cantoras brasileiras.

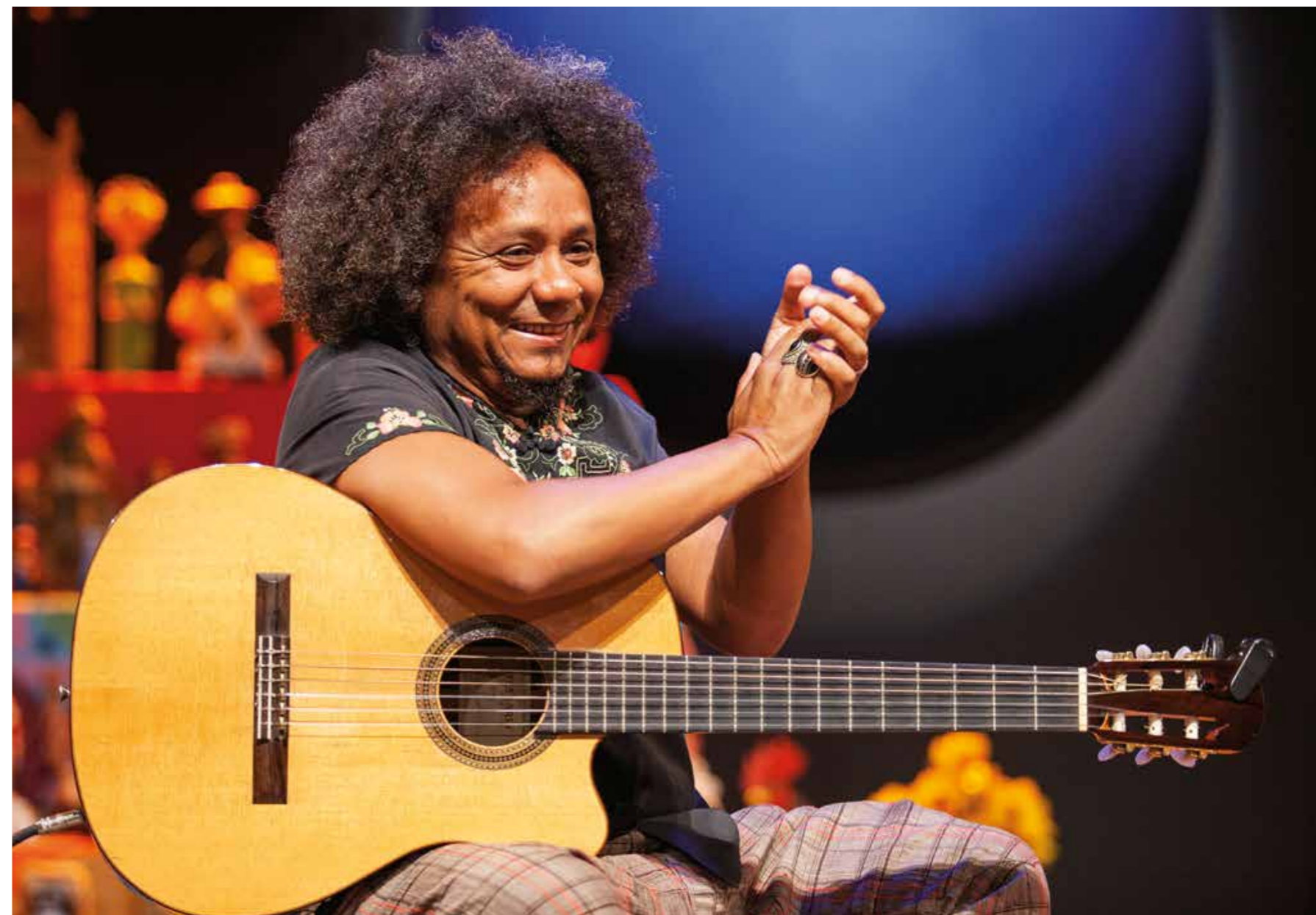
DAÍRA

Niterói, RJ

Daíra não somente encanta, como também inflama o público com o maravilhoso dom de sua voz encorpada e vibrante.
A jovem cantora e compositora acredita no poder que as pessoas possuem de mudar as coisas. É o que vem fazendo há alguns anos, contornando a grande mídia.
Mergulhando na MPB de décadas passadas, associando-se a talentosos músicos de gerações anteriores e também aos novos compositores de sua geração, Daíra presenteia o público com o seu gosto pela poesia, com as mensagens das canções que interpreta e com carismática presença no palco. Prova disso é seu álbum *Amar e mudar as coisas*, um marco em sua carreira, com uma luz própria na releitura bela e visceral que realiza da obra de Belchior.

CHICO CÉSAR

Catolé do Rocha, PB

Francisco César Gonçalves, jornalista e revisor de textos, ouviu tudo o que podia na loja de discos em que trabalhou, associando os ritmos nordestinos e a consciência do papel musical dos tropicalistas ao gosto pela música africana e mundial.
Com enorme talento instrumental e poético, inovou o universo musical brasileiro.
Sem concessões, Chico César fez as músicas que quis fazer, os discos que quis gravar e essa autenticidade o levou para todos os cantos do país e do mundo, dos lugares mais simples aos palcos mais sofisticados. Sua poesia de linguagem potente e criativa mostra as facetas combativas do artista em sintonia com os aspectos sociais do mundo em que vivemos, mas também revela o seu lado amoroso que nos cativa e alenta.

ZÉ RENATO

Vitória, ES

José Renato Botelho Moschkovich, mais conhecido como Zé Renato, tem mais de 40 anos de carreira. Sua trajetória, iniciada no Rio de Janeiro, foi profundamente marcada pelo quarteto vocal e instrumental *Boca Livre*, que fundou em 1978 e com o qual ganhou projeção nacional gravando diversos discos.
Zé Renato desenvolveu, paralelamente, sua carreira solo com sua voz serena e maravilhosa, e com um repertório e produções sempre impecáveis, que o colocaram no primeiro time de compositores e intérpretes brasileiros.
Como "quem tem a viola prá se acompanhar não vive sozinho", suas canções foram gravadas por artistas como Milton Nascimento, Joyce Moreno, Zizi Possi, Leila Pinheiro, Lulu Santos, Nana Caymmi, Otto e *MPB4*, além do próprio *Boca Livre*, e até por Jon Anderson da banda *Yes!* .

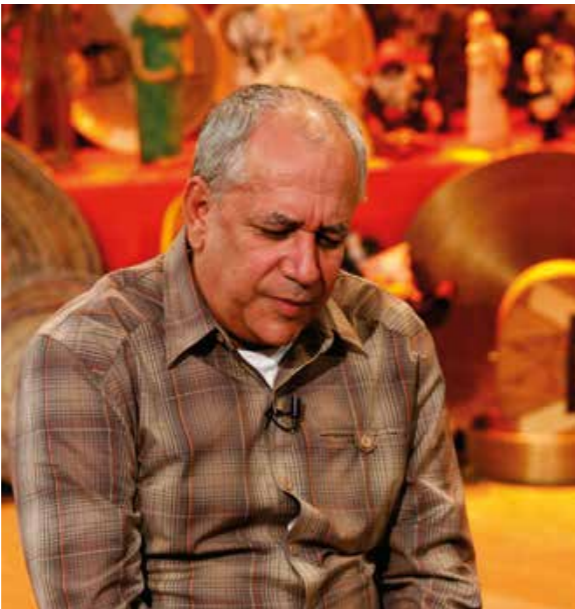
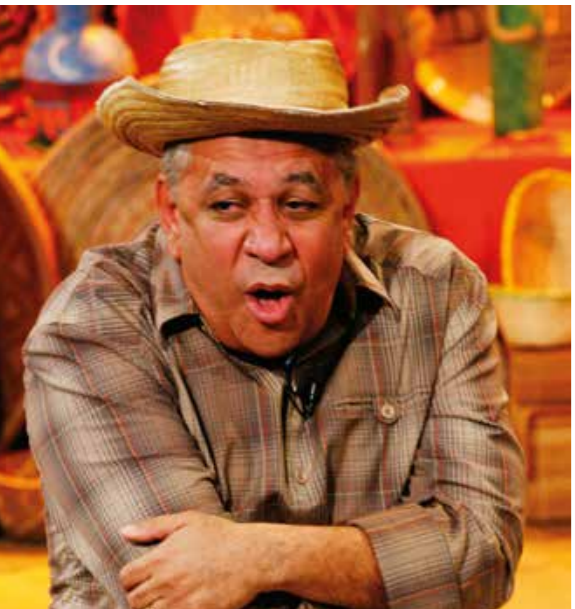
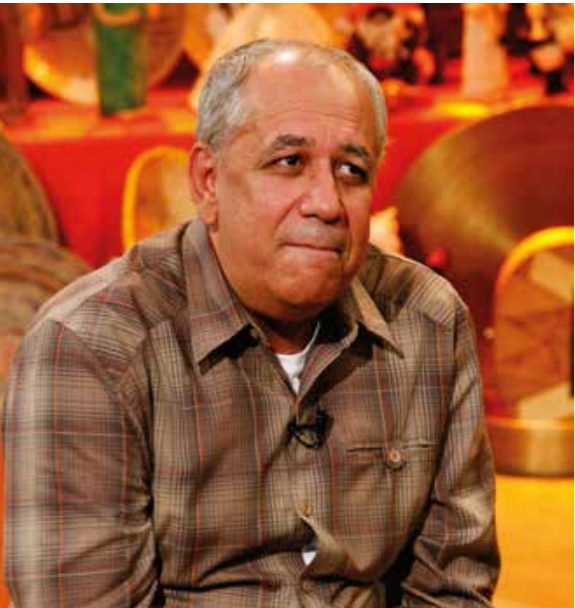
CLAUDIO NUCCI

Jundiaí, SP

O compositor e cantor Claudio Nucci revelou, ao final dos anos 70, seu talento em belíssimas composições. Com voz de timbre agudo, límpido e envolvente alcançou sucesso quando participou do grupo *Boca Livre*, do qual foi também um dos fundadores.
Toada, *Quem tem a viola*, *Sapato velho*, ou ainda, *Quero quero* são algumas de suas canções gravadas nas parcerias com Zé Renato, Juca Filho, Luiz Fernando Gonçalvez, Mu Carvalho, Paulinho Tapajós, entre tantos outros. Impossível não acompanharmos cantarolando com ele as variações das melodias que cria.

SAULO LARANJEIRA

Pedra Azul, MG

Versátil e talentoso, Saulo Laranjeira é um incansável fomentador cultural, autor de vários projetos voltados para a divulgação das tradições do sertão. Conhecido nos palcos e nas telas da televisão, Saulo cativa e emociona o público cantando, declamando, criando e vivendo seus personagens que retratam as profundezas do Brasil que ele revela e reinventa. Em seus espetáculos expressa sua arte nos grandes clássicos da música popular brasileira que interpreta, como *Romaria* de Renato Teixeira, *Desassombrado* de Antônio Carlos de Nóbrega e *Leão do Norte* de Lenine e Paulo César Pinheiro.

GERMANO MATHIAS

São Paulo, SP

O jeito de interpretar os sambas sincopados como se contasse um causo, seu batuque na tampa da lata de graxa inspirado, segundo ele, nos engraxates com quem conviveu na Praça da Sé nos anos 50; suas caretas e gesticulações, principalmente a famosa imitação do saxofone que faz com a boca, fazem de Germano Mathias uma lenda viva e bem-humorada do samba paulistano.

Fã de Germano, Gilberto Gil gravou em 1978 o álbum *Antologia do Samba-Choro*, que traz também algumas gravações originais deste sambista tão irreverente. Com mais de 60 anos de carreira, Germano Mathias atravessou dezenas de modismos e, ainda hoje, lota os shows em que apresenta suas composições antigas e recentes.

PAULO BELLINATI

São Paulo, SP

Violonista, guitarrista, compositor e arranjador, Paulo Bellinati é um talentosíssimo instrumentista brasileiro. Sua produção musical vai além das fronteiras entre o clássico e o popular. Desbravador do imenso manancial violonístico brasileiro, sua pesquisa sonora e virtuosismo produzem magníficos arranjos e importantes gravações da obra de Garoto, Vinicius de Moraes, Baden Powell, Laurindo de Almeida, Tom Jobim, Radamés Gnattali, entre outros.
Arranjador premiado e requisitado por grandes nomes como Leila Pinheiro, Edu Lobo, Vânia Bastos e Gal Costa, Bellinati é um dos músicos integrantes do grupo *Pau Brasil* desde 2001 e compositor de obras de sucesso, como *Um amor de valsa*, *Baião de gude* e, a mais conhecida delas, *Jongo*, que foi regravada por violonistas de renome internacional.

TONINHO FERRAGUTTI

Socorro, SP

Como pensar na música popular brasileira sem a presença do acordeão para traduzir sua alma e cultura? E por falar em acordeão, Toninho Ferragutti é um dos mais versáteis acordeonistas brasileiros. Compositor e arranjador, é um instrumentista único, considerado por Sivuca como um dos grandes sanfoneiros da nova geração.

Toninho Ferragutti tem uma atividade artística intensa: compõe e grava discos, faz trilhas para cinema e novelas, e é presença certa em shows e gravações de discos dos mais renomados artistas. Nos espetáculos, apresenta ao público trabalhos mais recentes e atua também como solista convidado em diversas orquestras. Em qualquer ocasião, Toninho Ferragutti imprime em suas músicas competência e criatividade, sempre com um cativante sorriso.

CHICO MARANHÃO

São Luís, MA

Francisco Fuzzetti de Viveiros Filho, o Chico Maranhão, veio para São Paulo nos anos 60 para estudar arquitetura e participou ativamente do efervescente cenário musical da época. Levou ao delírio a plateia do Festival da Canção de 1967 com o frevo *Gabriela*, interpretado pelo *MPB4*. Mesmo com o sucesso compartilhado naquele momento com um outro Chico, o Buarque, retorna à São Luís para reencontrar suas raízes.
Professando que a saída para muitos dos impasses da civilização encontra-se na arte, ciente de que a música pode levar àquilo que os olhos não veem, Chico Maranhão nunca parou de produzir álbuns, fazer shows e divulgar a cultura maranhense em sua obra.

PAPETE

Bacabal, MA

José de Ribamar Viana, ou Ribinha, como teria preferido ser apelidado, nasceu no interior do Maranhão, em uma casa onde se ouvia música de manhã, tarde e noite.
Nos anos 70, em São Paulo, aproximou-se da cena artística da metrópole, onde se integrou rapidamente. E foi nesta mesma capital que ganhou o apelido dado pelos amigos, que viam em seu rosto traços um tanto quanto asiáticos, ou melhor, polinésios! O artista brasileiro de corpo e alma relutou como pôde, mas como quanto mais se nega, mais o apelido pega, o nome Papete - capital do Taiti, maior ilha da Polinésia Francesa - ficou para sempre.
Multi-instrumentista e cantor autodidata, virtuoso do berimbau, do pandeiro, do tamborim, do reco-reco, Papete é mundialmente reconhecido e premiado como um dos maiores percussionistas de todos os tempos, diferenciando-se pela criatividade e profundo amor pela ancestralidade musical brasileira.
Papete é o percursionista que mais gravou ao lado dos grandes da música popular brasileira. Cultuando a herança dos tambores, do catimbó, homem das encantarias, atravessou oceanos levando esses ritmos ao acompanhar grandes nomes da música internacional. Divulgando a alma e a cultura de seu povo, é um ícone da música e da rica cultura maranhense.

AMELINHA

Fortaleza, CE

Incentivada pelos amigos desde jovem a cantar, foi em 1975 que Amélia Claudia Garcia Colares começou sua gloriosa carreira de artista acompanhando Vinicius de Moraes e Toquinho em seu primeiro trabalho profissional como cantora. Seu segundo disco, *Frevo Mulher*, lançado em 1979, foi uma febre nacional, seguido de tantos outros sucessos que sacudiram o Brasil. Para citar apenas alguns: *Foi Deus quem fez você*, *Porta secreta*, e *Mulher nova, bonita e carinhosa*.
Amelinha prosseguiu gravando músicas de Zé Ramalho, Fagner, Gonzaguinha, Djavan, Elomar, Geraldo Azevedo, Moraes Moreira, Luiz Gonzaga, Alceu Valença, Chico César e outros, com sua interpretação cheia de emoção, servida por uma voz cortante e bela como o agreste.

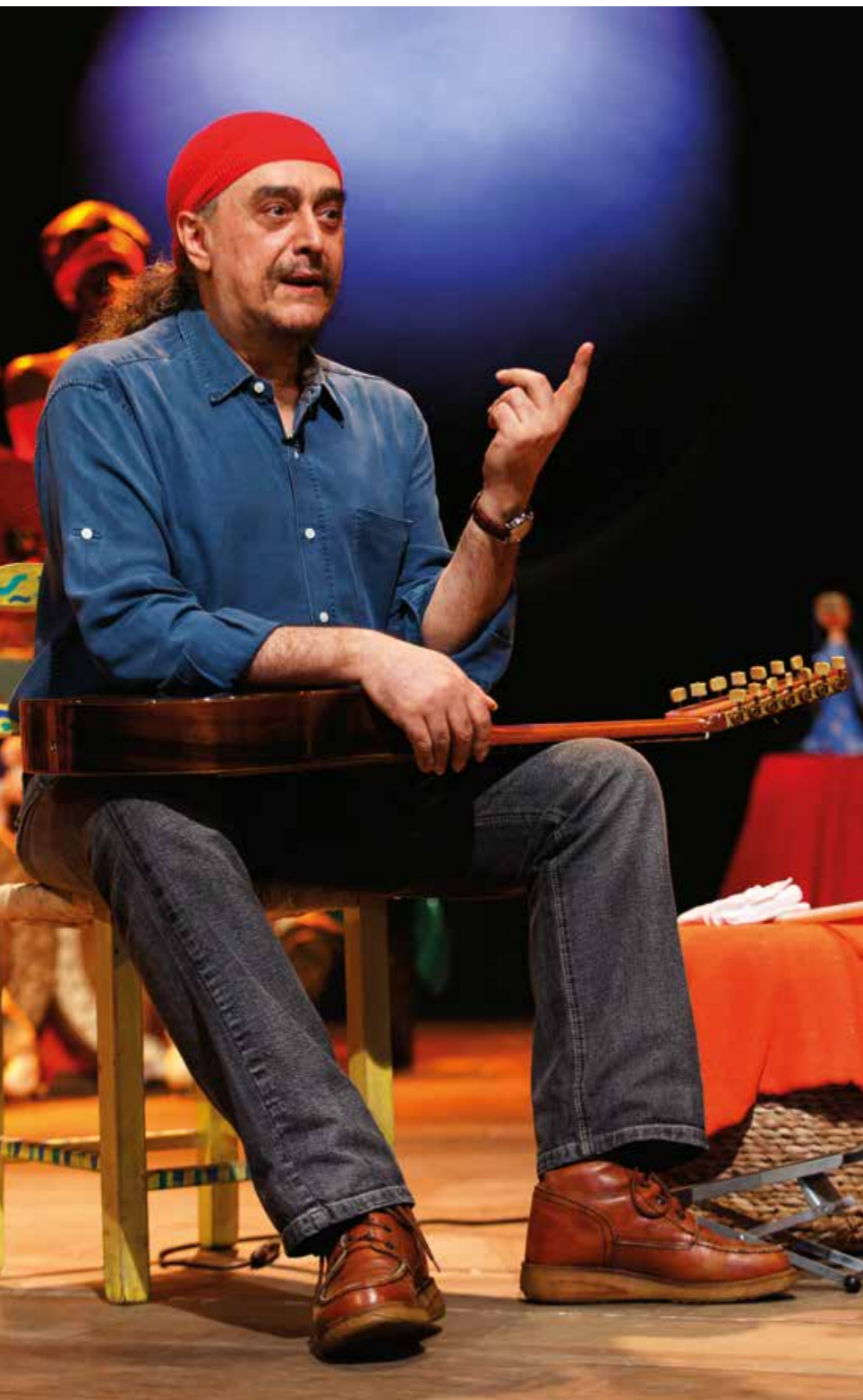
ANASTÁCIA

Recife, PE

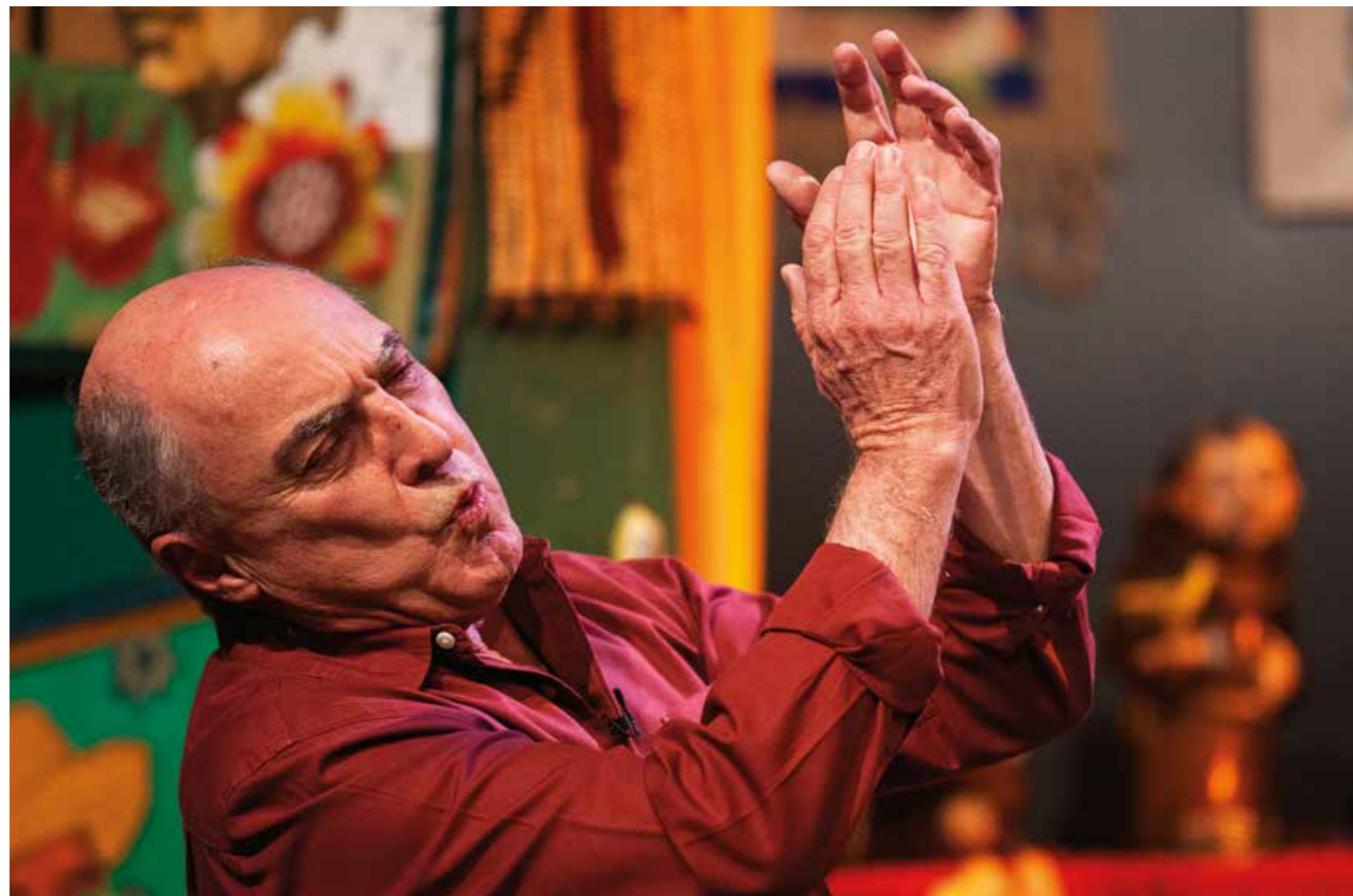
A artista Lucinete Ferreira iniciou a carreira como cantora e atriz no rádio, no Recife, mas foi na década de 60, em São Paulo, que adotou de vez o forró, ganhando de seu produtor o apelido Anastácia - devido ao sucesso do filme na época.
Vieram as turnês, o primeiro disco, o sucesso, o encontro com Luiz Gonzaga e a importante parceria de vida e de autoria com Dominguinhos, com quem foi casada por 12 anos. Compuseram juntos mais de 200 sambas, baiões e forrós, com letras de Anastácia e melodias dele. Dentre estas músicas, a famosíssima *Eu só quero um xodó* foi regravada inúmeras vezes por diversos artistas.
Salve a "Rainha do Forró", Anastácia, com suas quase 1000 composições, que segue firme na carreira há mais de seis décadas.

DOMINGUINHOS

Garanhuns, PE

Com talento e habilidade de sobra para driblar sua difícil condição inicial de vida, Dominguinhos soube cultuar e renovar o baião das suas origens nordestinas e brilhar com tantos outros ritmos através de composições e interpretações inesquecíveis.
Apadrinhado por Luiz Gonzaga, com quem gravou seu primeiro disco em 1956, Dominguinhos conquistou o Brasil com seu jeito manso e sorriso doce, gravando e sendo gravado por grandes nomes da música brasileira.
Quem nunca se deixou levar pelas suas memoráveis composições?
Ao som do refrão de *Gostoso demais*, *Vem morena*, *Lamento sertanejo*, *Eu só quero um xodó*, *De volta pro meu aconchego* e *Isto aqui tá bom demais*, a alma se enche de ritmo, de poesia e de saudades de Dominguinhos.

EGBERTO GISMONTI

Carmo, RJ

Multi-instrumentista virtuoso, Egberto Gismonti transformou a linguagem musical brasileira derrubando, a exemplo de Heitor Villa-Lobos, as fronteiras entre as músicas popular e erudita.
Com inusitado talento e sólida formação cultural, Egberto dá um tratamento sofisticado às suas raízes profundas fincadas em Carmo, de onde absorveu a musicalidade e a afetividade familiar. No entanto, ele extrapola o regional, fazendo brotar de suas composições um universo de gêneros musicais que resgata e reinventa, oferecendo uma inconfundível linguagem instrumental contemporânea e internacional que faz escola.
A música, diz Egberto, foi o maior presente que ele já recebeu em toda sua vida. Ele retribui esse dom pesquisando incansavelmente e presenteando o público com uma vastíssima obra. Aos 70 anos, Egberto Gismonti soma 70 álbuns gravados e distribuídos por aproximadamente 50 países, trilhas para 32 filmes, 27 balés, 14 peças teatrais e 13 especiais de TV.

NELSON AYRES

São Paulo, SP

Personalidade das mais conhecidas e prestigiadas na música instrumental brasileira contemporânea, Nelson Ayres é pianista, arranjador, regente e compositor.
Conta Nelson Ayres que tudo começou ainda garoto, no tempo da TV em preto e branco, quando vibrava ao ver Luiz Gonzaga, a tal ponto que sua avó fez darem a ele um acordeão de presente. No entanto, não havia nenhum traço de repertório popular nos conservatórios na época e o aprendizado da música popular ocorreu mesmo por volta dos 11 anos, com um pianista húngaro que dava aulas particulares em casa.
Ainda jovem, ingressou em uma banda de jazz. A intersecção sonora produzida pelos instrumentos jazzísticos despertou sua curiosidade e seu imenso talento como arranjador.
Estudou em Boston, na Berklee School of Music, e pôde assim transmitir generosamente seus conhecimentos para um grande número de músicos no Brasil. Fundou bandas reunindo grandes talentos e repertório pautado na música de raiz brasileira, como o grupo *Pau Brasil*. São inúmeras suas participações em concertos e gravações com artistas como Benny Carter, Dizzy Gillespie, Milton Nascimento, Chico Buarque, Simone, Dori e Nana Caymmi, Mônica Salmaso, entre outros.
Durante 10 anos, foi maestro da Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo e o grande responsável por seu enorme sucesso.
Nelson realiza, há várias décadas, um trabalho imprescindível na formação de músicos, plantando assim as sementes do nosso futuro cenário musical.

TOM ZÉ

Irará, BA

Na incessante procura da gênese do novo, Antonio José Santana de Menezes, o fenomenal Tom Zé, é músico, compositor, cantor, performer, arranjador e escritor apaixonado por ideias. Fez parte, juntamente com Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal Costa, da configuração cerebral original da Tropicália, movimento que trouxe um modernismo psicodélico ao pop brasileiro da década de 1960.
Incansável transgressor, Tom Zé diz-se incapaz de fazer música "normal" e lança mão aleatoriamente de melodias e de ritmos brasileiros em suas composições, além de encarnar ele próprio, em suas performances, a irreverência e a dissonância.
Tom Zé afirma detestar o tédio. Suas composições raramente duram mais de três minutos, pois, segundo ele, "ser compositor é ter coragem. Não compreendo como um compositor ousa ganhar a vida com música simplesmente repetindo coisas já feitas". E de fato, Tom Zé é um dos nossos mais admiráveis e incomuns artistas, renovando-se a cada criação ao longo de seis décadas de carreira.

HERMETO PASCOAL

Lagoa da Canoa, AL

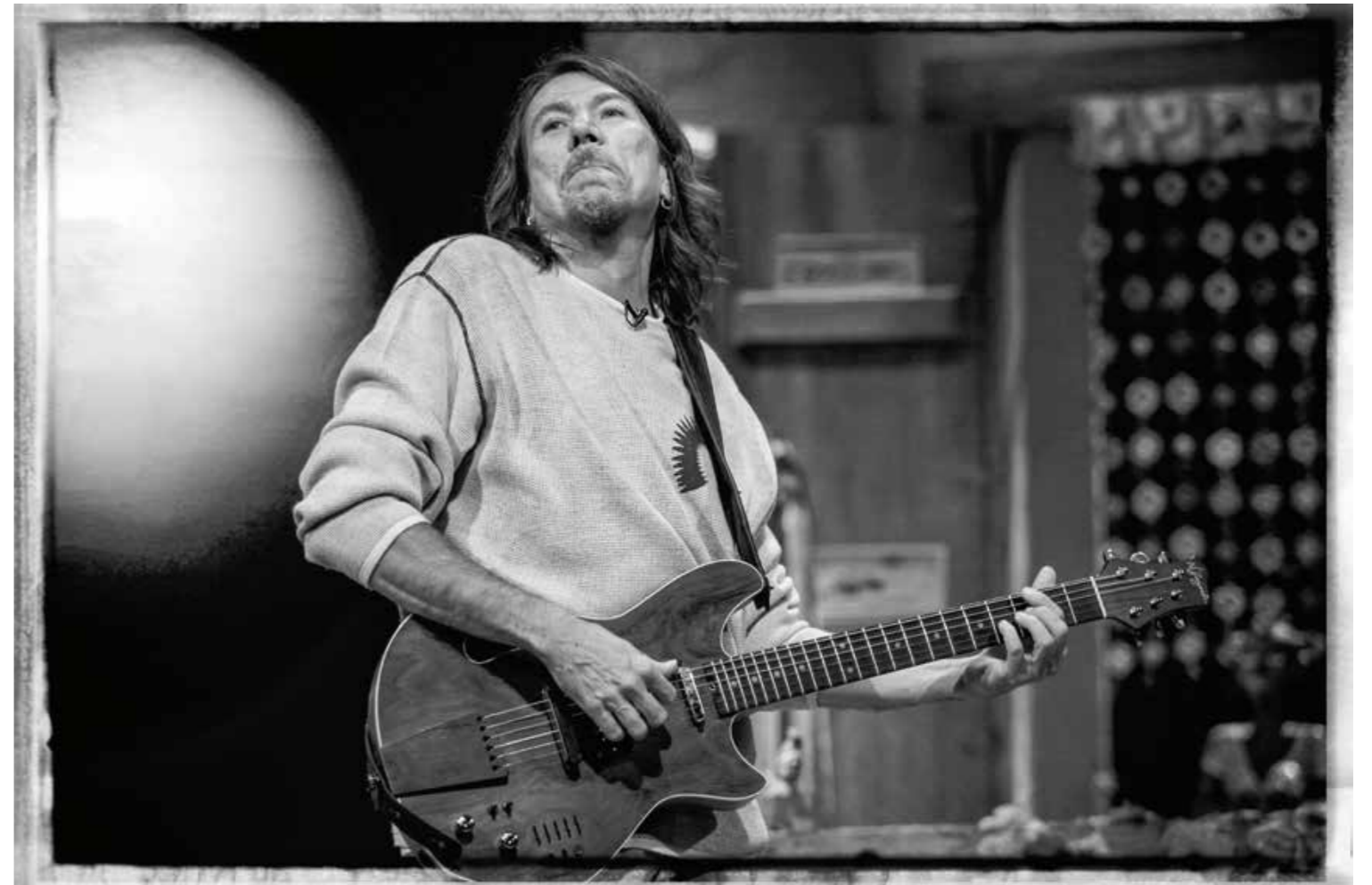
O mundo da música instrumental nunca mais foi o mesmo desde que Hermeto Pascoal surgiu com seu estilo único e genial. Quando garoto, por ser albino, não podia, como os outros meninos, trabalhar com os pais na lavoura sob o sol do sertão de Alagoas. Ficava à sombra das árvores, tocando os instrumentos que criava para encantar os pássaros.

Desde então, este alquimista dos sons extrai música de qualquer forma, sólida ou líquida, de artefatos como serras, foices, bacias, enxadas, garrafas, machados, chaleiras e do que mais lhe cair às mãos. Intuitivo e autodidata, é um virtuoso também nos instrumentos convencionais como acordeão, flauta, saxofone, piano, trompete, bombardino, violão e diversos outros.

Com extenso repertório de temas originais, Hermeto participou dos mais importantes festivais do mundo como um dos músicos mais criativos e talentosos. Diz-se que Hermeto Pascoal é sobretudo um homem feliz.
Feliz é, com certeza, quem ouve a sua música.

ZECA BALEIRO

São Luís, MA

Nascido José Ribamar Coelho Santos, o jovem universitário louco por doces levava sempre consigo muitas balas e confeitos, fato que não escapou aos seus colegas de faculdade que logo o apelidaram Zeca Baleiro - hoje, um dos maiores poetas-cantadores.
Ele traz em suas melodias as marcas das brincadeiras de rua, sempre envolvendo música e sons dos terreiros que embalavam as noites de Arari, a 150 km de São Luís do Maranhão, onde passou a infância. Para ele, a música tem a função de divertir, entreter e fazer dançar.
De um tema simples, de fragmentos do dia a dia, das coisas que vê na rua, no boteco, no correio, na padaria, surgem melodias, jogos de palavras e rimas em imagens surpreendentes.
Zeca Baleiro faz poesia em forma de música, expressando com bossa e leveza uma visão de mundo contundente e realista. Sua linguagem própria e divertida que reverencia poetas como Ferreira Goulart, Hilda Hilst, Alice Ruiz, Paulo Leminski, entre outros, encanta o público. Sua bem-humorada visão do mundo, a verve crítica, a capacidade de mesclar ritmos e melodias, fazem com que Zeca Baleiro extrapole o regional. Como ele mesmo disse em entrevista ao programa *Supertônica* da Rádio Cultura FM: "A minha música não é regional, quem é regional sou eu. Ela quer dialogar com o mundo".

LENINE

Recife, PE

"E por que demorou tanto?" foi a resposta do pai de Osvaldo Lenine Macedo Leonel quando, a um ano da formatura, o garoto anunciou que abandonaria os estudos de engenharia química para dedicar-se à música.
De Pernambuco foi então para o Rio de Janeiro entregar-se à sua arte e lá se fez conhecer não somente por seu repertório, mas também pelo desempenho como compositor e instrumentista, no renovado cenário musical dos anos 90. Lenine se autodefine como cantador: canta suas próprias canções, com letras que são fruto de uma enorme capacidade inventiva para traduzir as questões, os amores e as sagas do seu tempo. Sua profunda ligação com a palavra está intimamente conjugada à capacidade de lhe dar voz com o violão, no qual reproduz o contrabaixo, a percussão e até mesmo incorpora ruídos, como o trastejar.
Elba Ramalho foi a primeira a gravar uma de suas composições. Tantas outras, em seguida, ecoaram nas vozes de Fernanda Abreu, *O Rappa*, Maria Rita, Milton Nascimento, Maria Bethânia, Badi Assad e Ney Matogrosso.
Na constante busca da perfeição e autenticidade em tudo o que faz, Lenine descarta mistificações. E já que é brasileiro, sua obra seguirá imprevisível e bela através de sua voz e mãos tão talentosas, marcando a história da nossa música.

Cauby Peixoto Barros pertence a uma dinastia de músicos: seu tio Nono, o pianista Romualdo Peixoto a quem Vinicius de Moraes pede a bênção; o primo Ciro Monteiro, famoso sambista; seus irmãos Moacir e Araquém, instrumentistas; e a irmã Andiara, cantora. Inicia a carreira na “Era de Ouro do Rádio” e em pouco tempo torna-se um ídolo adorado e perseguido pelas fãs. Com seu cantar potente e porte glamoroso, Cauby foi considerado, por anos a fio, o cantor mais popular do Brasil com grandes sucessos. Quem não se lembra da sua interpretação de *Conceição*, de Jair Amorim e Dunga? Durante seus 60 anos de carreira, sua voz magnífica se manteve poderosa, bela e afinada, gravando um extenso repertório de qualidade, com músicas de Ary Barroso, Tom Jobim, Baden Powell, Chico Buarque, Gonzaguinha e, porque não, também música estrangeira, sempre de modo sofisticado, como somente sua voz pode fazer.

ANGELA MARIA

Macaé, RJ

Abelim Maria da Cunha apresentava-se como Angela Maria em programas de calouros na rádio para não ser descoberta pelos parentes, contrários ao seu sonho de se tornar cantora.
Do sucesso em programas comandados por Ary Barroso e Lamartine Babo às apresentações em casas de shows, tornou-se uma estrela inconteste, obtendo o título de “Rainha do Rádio”, um dos muitos que recebeu em sua carreira. A Sapoti - apelido dado por Getúlio Vargas por considerar sua voz doce como o fruto - construiu uma trajetória repleta de sucessos em todo o país e também no mundo. Consagrou-se como uma das grandes intérpretes do gênero samba-canção, por ter dado voz ao coração dos brasileiros através de canções como *Fósforo queimado*, *Vida de bailarina*, *Orgulho*, *Ave Maria no morro* e *Lábios de mel.*

CAUBY PEIXOTO

Niterói, RJ

MONARCO

Rio de Janeiro, RJ

Hildmar Diniz, o Monarco, é emblema do patrimônio cultural coletivo do samba. Cantor e compositor gravado por Zeca Pagodinho, Martinho da Vila, Marisa Monte, entre outros, Monarco é líder da mítica *Velha Guarda da Portela*, escola de samba da qual é presidente de honra.
Símbolo da resistência do samba às mais diversas agonias, seu álbum *Monarco de todos os tempos*, lançado aos 85 anos e repleto de novas composições, o reafirma como cantor de voz forte, expressiva e inconfundível. Uma belíssima prova da coragem e da vitalidade deste sambista.

JAMELÃO

Rio de Janeiro, RJ

Aos 15 anos, José Clementino Bispo foi descoberto e apresentado à Mangueira. Jamelão, com sua voz forte, metálica e potente nunca mais deixou a escola e foi, durante 35 anos seguidos, a principal voz dos sambas-enredo da *Estação Primeira de Mangueira*, sua escola do coração.
Era cantador de samba-enredo - "não sou puxador de porcaria nenhuma", esbravejava -, mas também um consagrado intérprete das composições de Lupicínio Rodrigues, Dorival Caymmi e Ary Barroso. Jamelão ganhou o mundo com suas gravações e apresentações.
Jamelão, apesar de sua fama de mal-humorado, era um homem espirituoso e de forte personalidade que se tornou, acima de tudo, um respeitado monumento do samba.

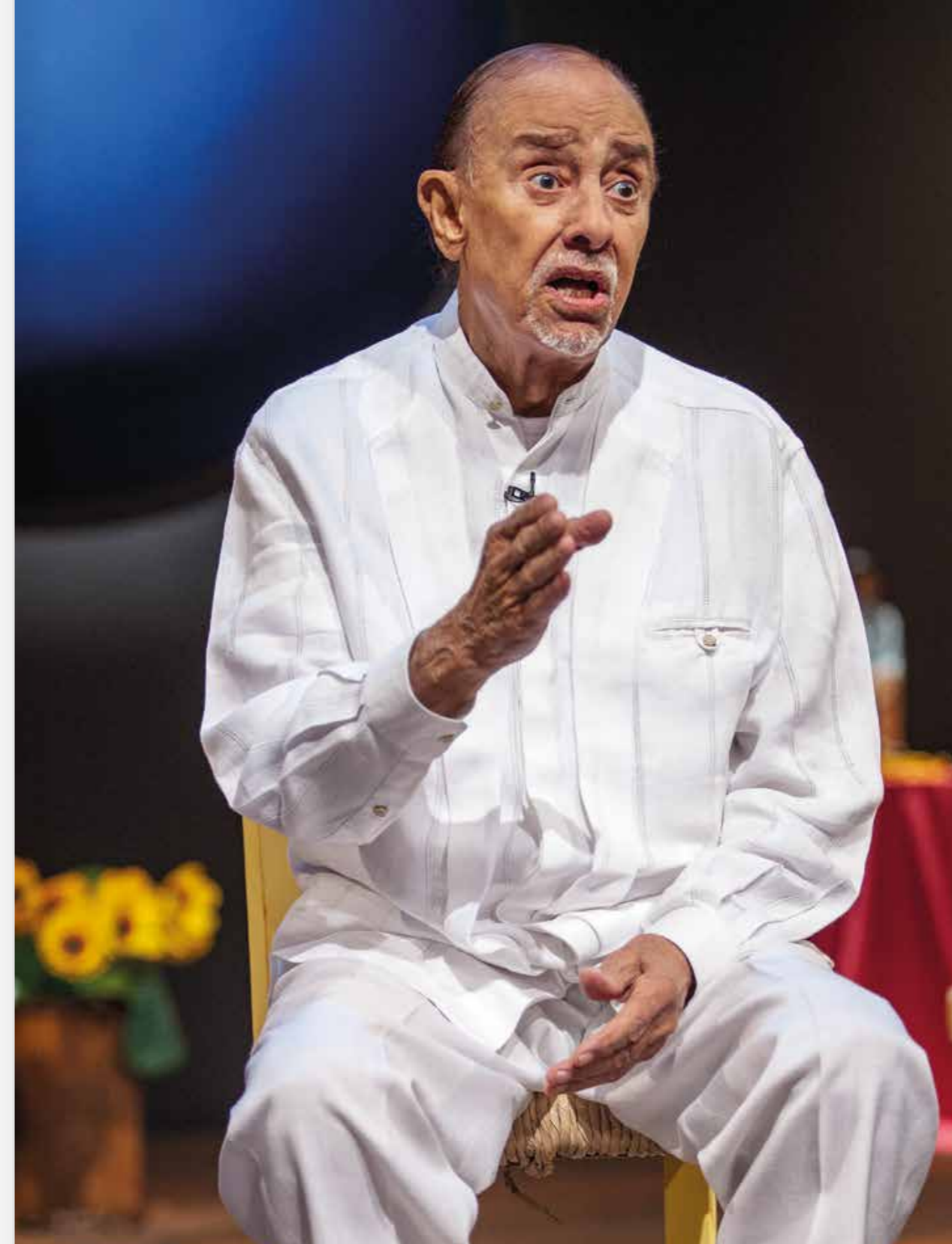
PEDRO MIRANDA

Rio de Janeiro, RJ

Curiosidade, intuição e um grande conhecimento musical são os principais ingredientes para a escolha do repertório exigente deste sambista que surge com a revitalização da Lapa, nos anos 90. Dominando seu pandeiro, traz o batuque sincopado com humor ligeiro e voz singular, e assim nos presenteia com os melhores sambas de outrora.
Como bem disse Ruy Castro: "Pedro Miranda é a prova de que o samba tem um grande passado pela frente!"

BILLY BLANCO

Belém, PA

William Blanco de Abrunhosa Trindade foi para São Paulo nos anos 40 e, em seguida, para o Rio de Janeiro, onde se formou em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Belas Artes. Fugindo do estilo pessimista das músicas da época, suas composições chamam atenção pela leveza e bom humor. Suas primeiras músicas foram gravadas pela então namorada, Dolores Duran.
Os sambas-canção de Billy foram regravados nos anos 50 ao ritmo da recém-chegada Bossa Nova. Suas parcerias com Tom Jobim, Baden Powell, Sebastião Tapajós, entre outros, o elevaram à condição de um dos principais músicos do país. Compôs mais de 500 músicas, gravadas por João Gilberto, Elis Regina, Dick Farney, Lúcio Alves, Pery Ribeiro e Miltinho.
Tereza da praia, que não é de ninguém, tem dono sim: a autoria é de Billy Blanco e Tom Jobim. Billy Blanco também compôs *O morro*, *Estatuto da gafieira*, *Samba triste*, *Meu samba*, *Viva meu samba*, *Pra variar*, *Canto livre* e *Sinfonia do Rio de Janeiro*. Com um estilo único, excelente capacidade de observação e fino humor, Billy Blanco fica inscrito na história da MPB como um de seus grandes compositores.

LUIZ VIEIRA

Caruaru, PE

Aos dois anos, Luiz Rattes Vieira Filho mudou-se para São Gonçalo, no Rio de Janeiro, onde foi morar com o avô. Antes de se tornar um cantador, como gosta de ser chamado, foi chofer de caminhão, motorista de táxi, guia de cego, engraxate e lapidário. Como outros artistas de sua geração, iniciou sua carreira no rádio e depois ingressou na televisão, onde participou intensamente de vários programas como cantor das suas composições de sucesso.
É autor de mais de 500 músicas, inúmeras próprias ou em parceria, como *A paz do meu amor*, *Asas do vento*, *Menino do Braçanã* e *Estrela miúda*, para citar alguns exemplos, que foram e ainda são gravadas e interpretadas por um seleto grupo de artistas, como Fagner, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Tayguara, Elba Ramalho e Luiz Gonzaga. Muitas destas músicas, como *Asas do Vento*, mostram sua conexão com o regionalismo e carregam o "falar" do povo.
Luiz Vieira ainda mantém uma intensa agenda em prol da preservação da música brasileira e da divulgação de tantos intérpretes e compositores que a representam.

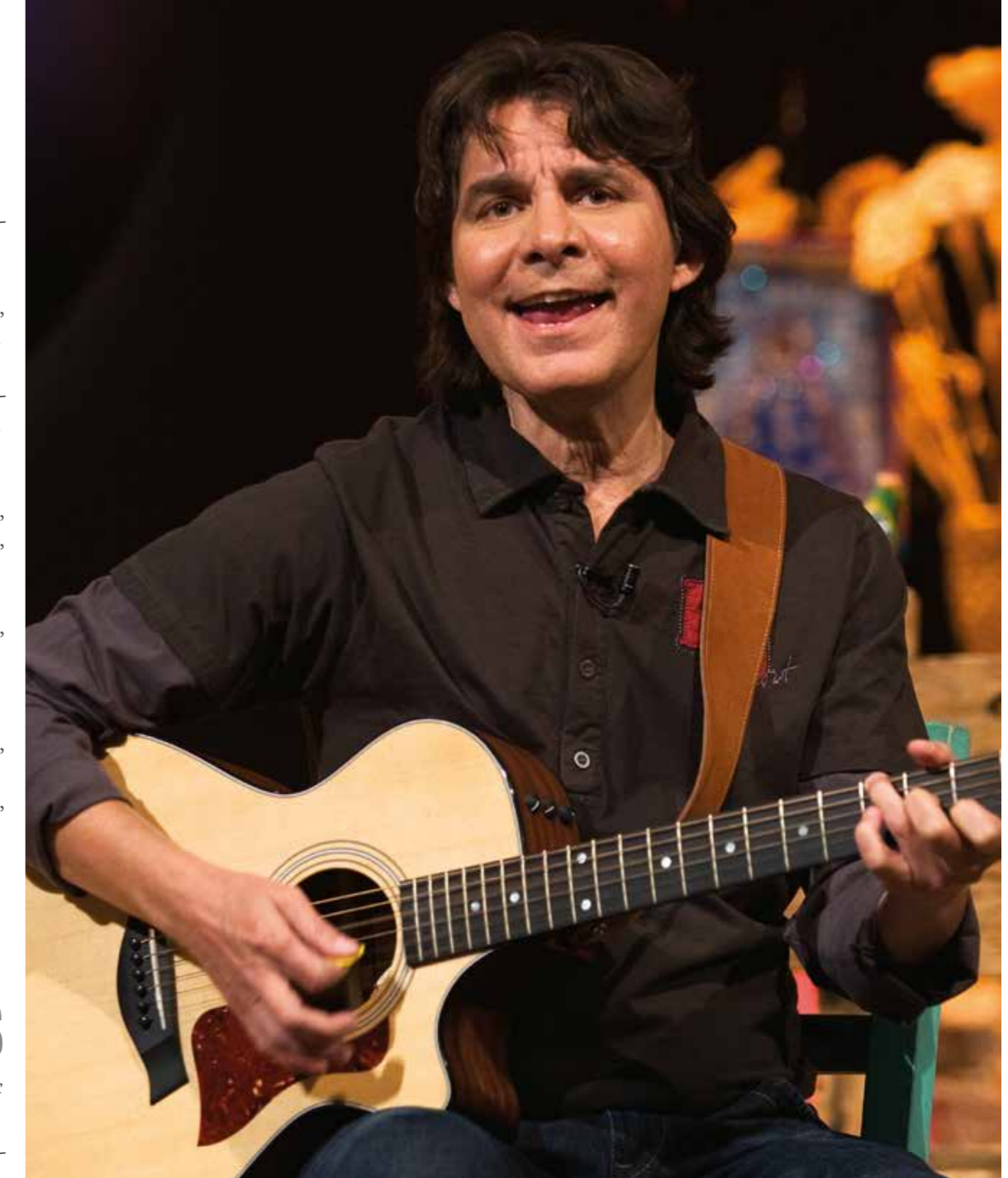
WAGNER TISO

Três Pontas, MG

Wagner Tiso é filho de músicos. Grande instrumentista, compositor e arranjador, iniciou sua carreira no Sul de Minas Gerais, "tocando pelos bailes da vida", como diz a canção de Milton Nascimento, seu amigo de infância e parceiro musical de longa data.
Tiso é líder da banda *Som Imaginário*, catalizadora de uma harmoniosa revolução da música local e nacional ao fundir o som da alma mineira ao livre curso do rock progressivo. Wagner Tiso é o arranjador por excelência do Clube da Esquina, movimento musical marcante na história da MPB, que tanto impacto causou na formação de várias gerações de músicos contemporâneos.
Em *Som Imaginário*, banda de múltiplas formações, Tiso acompanhou Milton Nascimento por um longo tempo e apresenta-se até hoje com grande sucesso. Composições de Wagner Tiso, como *Coração de estudante*, cuja letra é do próprio Milton, deixaram traços na memória musical coletiva.
Wagner Tiso é um dos mais solicitados arranjadores, compõe trilhas para filmes e escreve para grandes orquestras sinfônicas, com as quais se apresenta em todo o país.

LÔ BORGES

Belo Horizonte, MG

Salomão Borges Filho foi descoberto ainda adolescente por Milton Nascimento, amigo inseparável do letrista Márcio Borges, irmão de Lô.
Lô e Milton lideraram a gravação do disco duplo *Clube da Esquina*, lançado em 1972, que traz a fusão da alma mineira com o rock progressivo, o jazz e a bossa nova. Esta gravação histórica reúne as parcerias com os amigos Tavinho Horta, Ronaldo Bastos, Fernando Brant, Beto Guedes, Wagner Tiso, Nelson Ângelo e Flavio Venturini, que se encontravam na casa dos Borges, numa esquina de Belo Horizonte. Este revolucionário lançamento é fonte de inspiração e de grande influência para muitas gerações de músicos que se seguiram no Brasil. Lô Borges criou mais de 60 canções ao longo de sua carreira, obras memoráveis como *O Trem azul* e *Um girassol da cor dos teus cabelos*. Basta ouvir alguns acordes e logo nos conectamos ao seu talentoso coração, movido pela liberdade e pela poesia.

LULA BARBOSA

São Paulo, SP

Filho de mineiros, Lula Barbosa herdou de sua mãe o dom de cantar e aprendeu a tocar violão com a tia aos seis anos. Das cantorias familiares em volta das fogueiras na Vila Santa Catarina, ao som de Orlando Silva, Ataúlfo Alves, Dalva de Oliveira, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Angela Maria e *Cascatinha e Inhana*, veio o sonho da música.
Lula Barbosa trilhou então, nos anos 80, o caminho dos festivais com grandes sucessos - dentre eles a retumbante participação, em 1985, no Festival dos Festivais da TV Globo, apresentando a canção *Mira Ira*.
Em 40 anos de carreira, compôs centenas de canções, muitas delas gravadas por Roberto Carlos, Jair Rodrigues e tantos outros. Tem uma das mais belas e envolventes vozes da cena musical brasileira.

FÁTIMA GUEDES

Rio de Janeiro, RJ

No final dos anos 70, vozes femininas entoavam uma revolução na música popular brasileira. Fátima Guedes, aos 18 anos, já era uma dessas vozes. Por meio de suas composições de grande profundidade e maturidade, chamou a atenção de Elis Regina, que gravou várias de suas canções, inclusive a primeira delas, *Meninas da cidade*, do disco *Transversal do tempo*.
Nesta longa e bela trajetória, seu falar feminino toca fundo em questões afetivas, sensuais e sociais, numa obra extensa, que Fátima Guedes interpreta com sua voz de timbre agudo e suave, e que encontra eco na voz de grandes intérpretes da música brasileira.

LUIZ MELODIA

Rio de Janeiro, RJ

Luiz Carlos dos Santos passou a adolescência ao lado do morro do Estácio, cercado de samba, mas também ouvindo *The Beatles*, a Jovem Guarda, bossa nova e bolero na rádio dos anos 70, uma grande escola para seus ouvidos afinados. Assimilando vários estilos, criou uma forma única de composição.
Era somente um jovem cantor e compositor desconhecido quando os poetas Torquato Neto e Wally Salomão o apresentaram à Gal Costa, que gravou em 1972 sua inesquecível canção *Pérola negra*. Veio em seguida outro grande sucesso na voz de Maria Bethânia, *Estácio Holly Estácio*. Tornou-se, então, Luiz Melodia, adotando o sobrenome artístico do pai, o também compositor Oswaldo Melodia.
Carismático, seu estilo irreverente e elegante de compor e se apresentar não arrefeceu ao longo de mais de 40 anos de carreira. Luiz Melodia deixa uma marca única nas performances no palco, por meio de sucessos como *Ébano*, *Magrelinha*, *Negro gato*, *Juventude Transviada* e *Estácio, Eu e Você,* entre tantas outras composições memoráveis.

SEBASTIÃO TAPAJÓS

Santarém, PA

Sebastião Tapajós Pena Marcião nasceu num barco descendo o rio Amazonas, prenúncio talvez da carreira internacional que o consagraria como o músico amazônico mais conhecido e premiado no mundo.
Hipnotizado quando criança pelo violão de Dilermando Reis e Garoto, torna-se um violonista virtuoso e roda o mundo, convidando muitos artistas para seus concertos, divulgando a música erudita, popular e folclórica brasileira.
Tapajós, com seu vigor impressionante, continua compondo, experimentando novas estéticas e revisando sua vasta produção de mais de 50 anos de carreira.

BADI ASSAD

São João da Boa Vista, São Paulo

Artista múltipla e revolucionária, grande violonista que se lança em surpreendentes experimentos sonoros com seu instrumento, bem como em corajosos e belos efeitos vocais. Badi Assad, com seu violão, fala a língua brasileira e universal da música.
Transitando pelo circuito de shows e festivais de jazz e de world music nacionais e internacionais há algumas décadas, Badi gravou com os grandes nomes da música instrumental atual, tendo lançado nesses quase 30 anos de carreira um total de 14 discos.
Badi Assad vem conquistando vários prêmios internacionais e levando, mundo afora, o talento musical brasileiro.

MARCEL POWELL

Paris, França

Louis Marcel Powell de Aquino é filho de Baden Powell, um dos maiores violonistas do Brasil, e herdou do seu pai o talento com as cordas. Aprendeu a tocar ainda menino tendo por inspiração os grandes nomes do violão brasileiro, como Garoto, e por mestre, além de seu pai, o violonista e compositor João de Aquino. Considerado um dos maiores nomes do violão atual, Marcel não esquece suas raízes e trilha caminho próprio sem rótulos nem comparações, estabelecendo sua marca com o uso de variadas escalas e com as notas rápidas que domina com perfeição.

YAMANDU COSTA

Passo Fundo, RS

Violonista excepcional, Yamandu Costa revelou-se aos 17 anos um dos maiores fenômenos da música instrumental.
Referência mundial na interpretação da música brasileira, Yamandu toca com profunda intimidade seu violão de 7 cordas numa linguagem musical sem fronteiras, com técnica aprimorada, explorando todas as possibilidades do seu instrumento.
Yamandu vem renovando antigos temas e apresentando composições próprias numa performance sempre apaixonada e contagiante.

RENATO BRAZ

São Paulo, SP

O início de carreira de Renato Braz foi nos anos 90, tocando bateria e cantando em bares e casas noturnas de São Paulo. Violonista e percussionista, foi com sua voz rara e bela que Renato se destacou. Seu canto evoca a sonoridade de um Brasil profundo, histórico, com uma atmosfera habitada por música e poesia que toca a alma.
Renato Braz, como dizem, é dos cantores que equilibram a lágrima na voz sem deixá-la cair.
Tem especial reverência por Dori Caymmi e Milton Nascimento - este último sua maior influência, segundo ele mesmo.
Com um repertório apurado, imprime na música e na poesia que entoa a força de sua voz tão afinada e precisa, evocando um rico universo de compositores de forma sublime.

MÔNICA SALMASO

São Paulo,SP

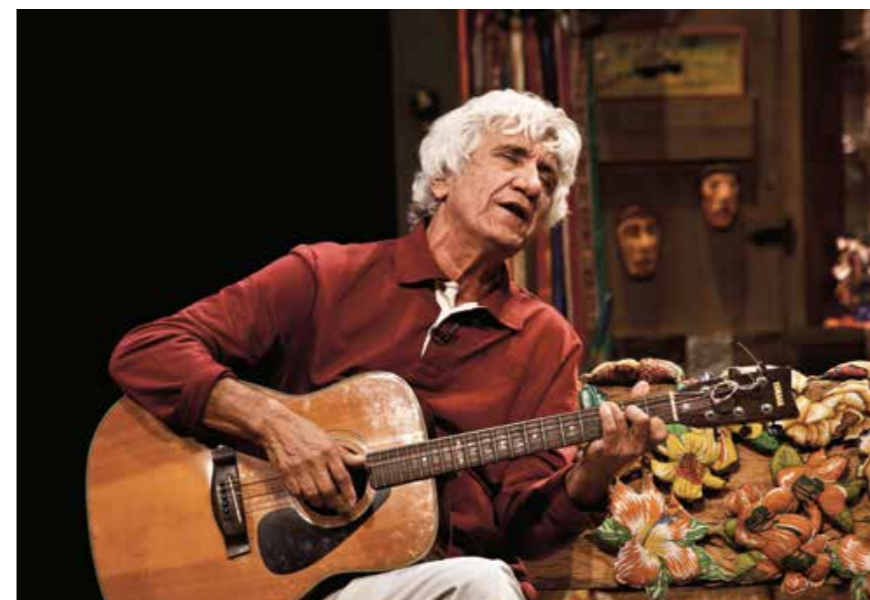
Mônica Salmaso integra o cenário das cantoras mais importantes surgidas nos anos 90. Sem depender de grandes exposições na mídia, Mônica tem um público fiel. Participa como convidada de importantes orquestras, acompanha artistas em seus shows, faz turnês com repertórios apuradíssimos e gravações independentes.
A voz grave e aveludada dá um tom único às suas interpretações e também é um instrumento que se funde de maneira orgânica aos demais instrumentos orquestrais, demonstrando seu domínio no equilíbrio das sonoridades.
Mônica Salmaso se destaca pela escolha de repertório eclético, sempre cuidadoso, interpretando grandes nomes da MPB e também composições de autores mais contemporâneos, integrando temas de domínio público e composições brasileiras pouco visitadas. Sempre cercada de grandes instrumentistas, a cantora produz um trabalho sofisticado de grande alcance técnico e estético.

CONSUELO DE PAULA

Pratápolis, MG

Cantora, compositora, poeta, diretora artística e produtora musical de seus próprios trabalhos, Consuelo de Paula possui uma obra autorreferente na forma e no conteúdo. Seu coração foi profundamente transformado pelas congadas de Minas Gerais, onde viveu até os 18 anos.
Consuelo, primorosa e carismática intérprete de sua própria obra e de outros autores, tem a carreira artística marcada por profunda coerência, sensibilidade e dedicação aos elementos da cultura musical brasileira, com tudo o que ela possui de particular e de universal, de novo, inusitado e surpreendente.
Com uma trajetória singular, Consuelo se apresenta como herdeira da arte musical brasileira e mantém compromisso com a contemporaneidade, compromisso esse expresso na sua maneira original e inovadora de compor, harmonizar e interpretar.

DÉRCIO MARQUES

Uberaba, MG

Violeiro, cantor e compositor, pesquisador das raízes musicais brasileiras e ibero-americanas, Dércio Marques foi também um grande defensor da cultura popular e do cerrado de sua infância, que sempre evocou em suas canções.
Em seu primeiro disco, gravado em 1977, *Terra, vento, caminho*, Dércio nos apresentou Atahualpa Yupanqui, praticamente inédito naquele tempo no Brasil e também Elomar, hoje célebre violeiro.
Dércio Marques, mestre da viola, cantou toadas, Folia de Reis e uma infinidade de temas, encantando gerações, além de ter participado intensamente da produção musical de dezenas de discos de colegas ao longo de toda uma vida dedicada à arte.

SUZANA SALLES

São Paulo, SP

No epicentro da Vanguarda Paulista nos anos 80, a cantora e compositora Suzana Salles iniciou sua carreira ao lado de Arrigo Barnabé, Vânia Bastos e Itamar Assumpção, participando das memoráveis bandas *Isca de polícia*, *Sabor de veneno* e *Aquilo del nisso*.
Além das próprias composições, a afinadíssima e performática Suzana Salles canta as parcerias com Ná Ozetti e Chico César, músicas de Gilberto Gil, José Miguel Wisnik, Paulo Leminski, Inácio Zatz e até mesmo o repertório musical de Kurt Weill para a peça de teatro de Brecht, *A ópera dos três vinténs*.
Profundamente envolvida com a Semana da Canção Brasileira de São Luiz do Paraitinga, evento anual voltado à canção popular, Suzana continua a pensar e vivenciar nosso maior tesouro nacional: a música popular brasileira.

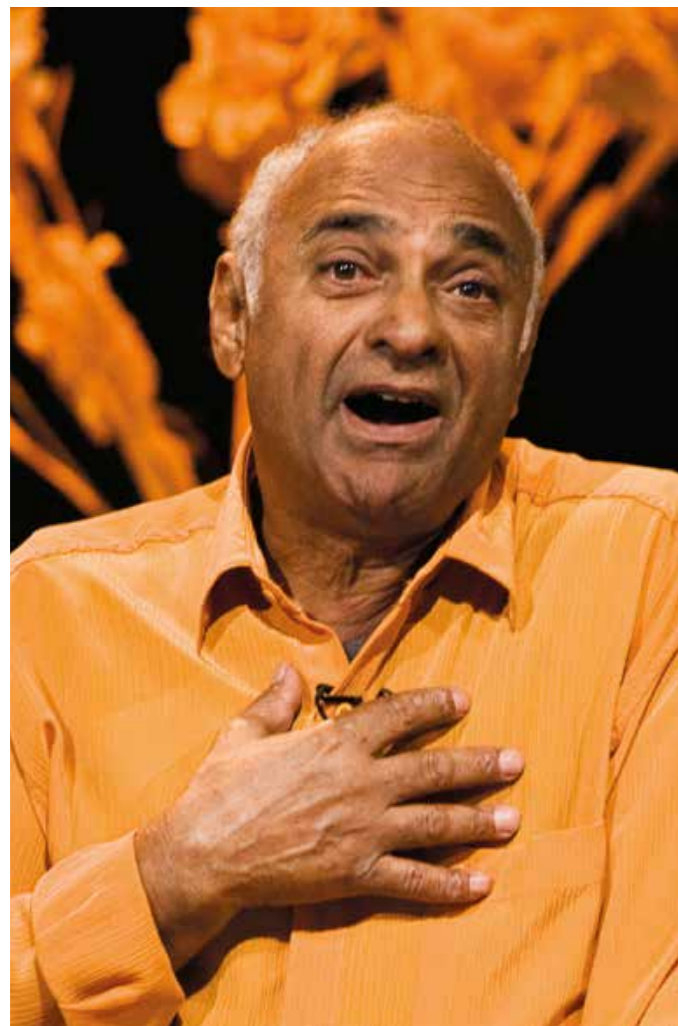
NÁ OZETTI

São Paulo, SP

Integrante do grupo *Rumo* que, em 1974, começou a produzir canções com um novo tratamento, valorizando o papel da instrumentação e do canto nos arranjos, Ná Ozetti conectou-se à vanguarda que inovou a cena paulistana na década de 80.
Ná, mestre absoluta do dom de cantar, afina em seu cuidadoso e eclético repertório suas próprias composições com as dos compositores que interpreta, das mais variadas gerações. A artista compartilha com o público seu grande prazer em fazer música, em brincar com ritmos e em cantar com sua voz de cristal.
Ao longo de sua carreira, participou de projetos com inúmeros artistas, como Dante Ozetti, Zé Miguel Wisnik, Luiz Tatit, Suzana Salles, Itamar Assumpção, Zélia Duncan, Mônica Salmaso, entre outros.

ELZA SOARES

Rio de Janeiro, RJ

Exemplo de resiliência, a cantora Elza Soares sabe como ninguém levantar das quedas que a vida lhe impõe.
Dona de uma das biografias mais impressionantes da MPB, Elza "levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima" , como no refrão de um de seus grandes sucessos.
Eleita "Cantora do Milênio" pela BBC, musa brasileira da rebeldia e da excentricidade, com voz potente e cortante, Elza Soares, na flor de seus mais de 80 anos, levanta bandeiras sociais pelas lutas mais atuais confirmando-se como um dos nossos maiores talentos.

DELCIO CARVALHO

Campos, RJ

Sambista completo, grande letrista e compositor de melodias belíssimas, Delcio Carvalho deixou um legado de canções inesquecíveis. De seus festivos encontros com Dona Ivone Lara nasceram sucessos como *Acreditar,* de 1976, e *Sonho meu,* de 1978.
Lembrado como um grande contador de histórias, alguém que vivia rindo sem dar vez à tristeza, Delcio Carvalho escreveu as mais belas páginas do samba, transmitindo a delicadeza de sua alma através de sua poesia.

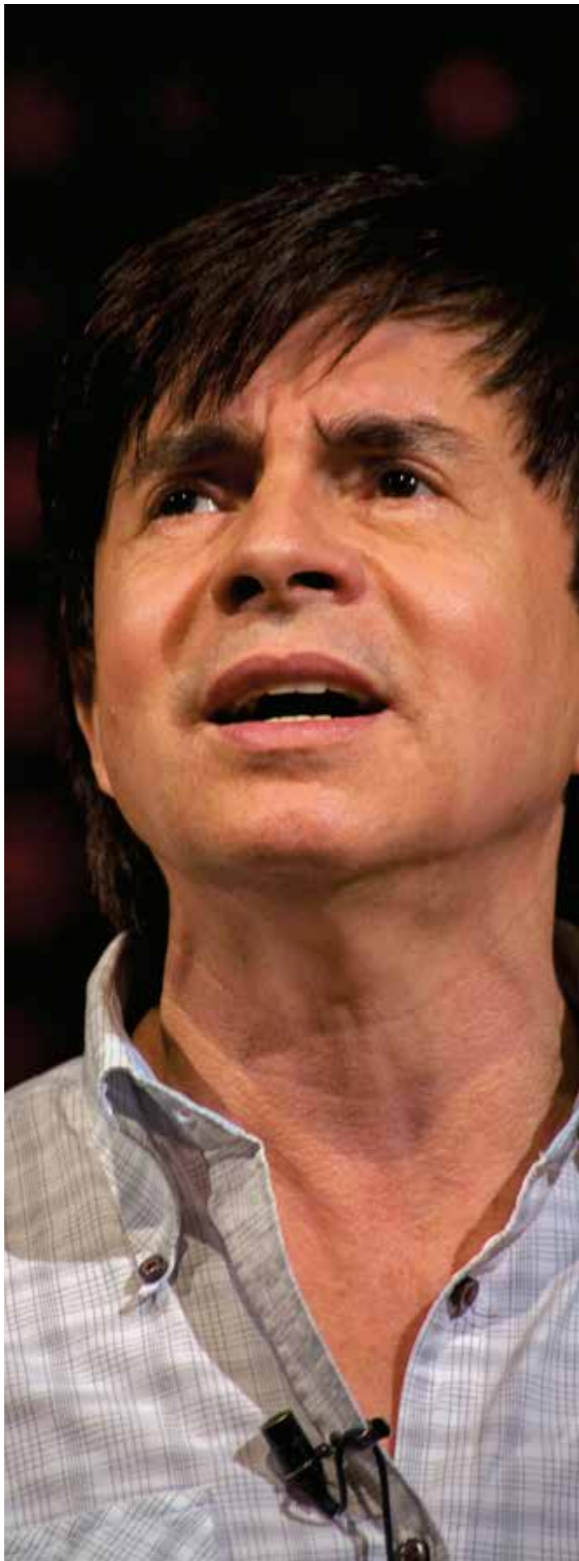
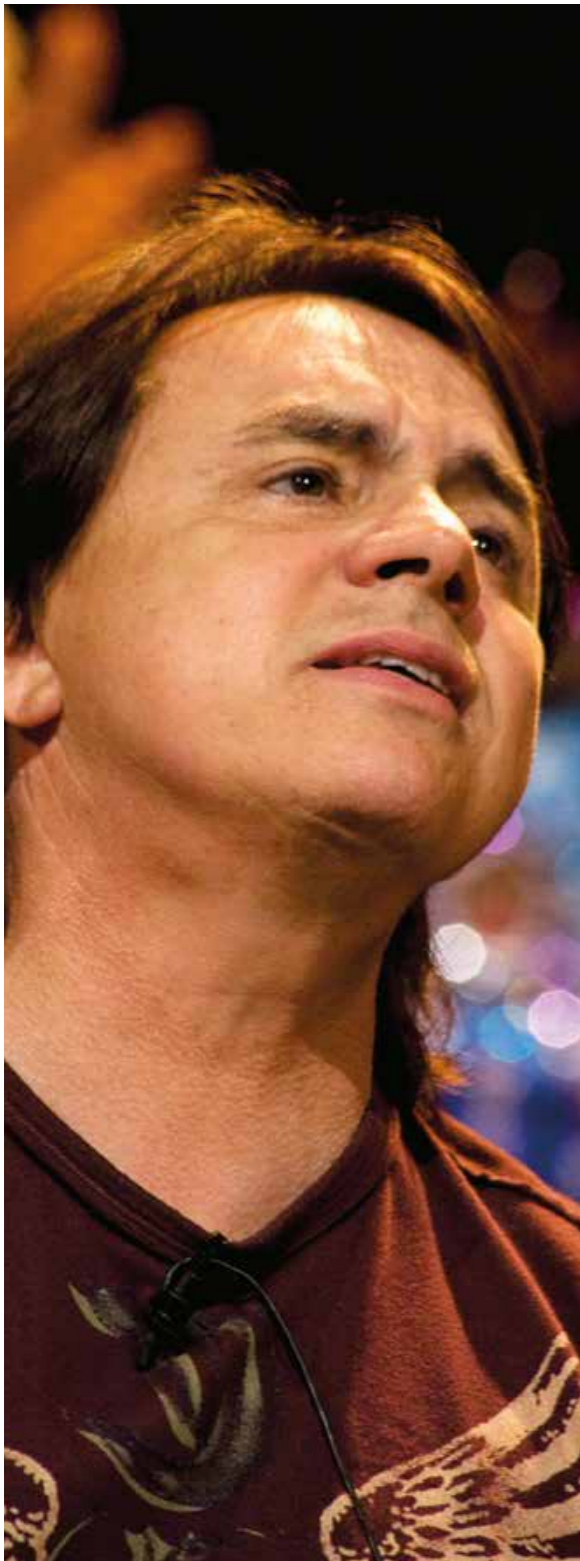
DONA IVONE LARA

Rio de janeiro, RJ

Pioneira no mundo do samba, Dona Ivone Lara é a primeira mulher a compor um samba-enredo. Em quase um século de vida dedicado à música, conquistou um espaço antigamente restrito aos homens. A "Primeira Dama do Samba" tem sido merecidamente cultuada. Conquistou o respeito e a admiração do público e em especial da sua escola de samba, a *Império Serrano*, onde escreveu grande parte de sua história de vida. Suas canções como *Sonho meu,* composta com Delcio Carvalho, um dos seus parceiros mais perenes, são gravadas por ícones da MPB.

DIOGO NOGUEIRA

Rio de Janeiro, RJ

Cantor e compositor portelense, poderia ter se tornado um grande jogador de futebol como almejava, não fosse uma lesão no joelho. Foi gol da música brasileira, que ganhou um sambista de primeira, herdeiro do que há de melhor no samba carioca e um dos principais nomes do atual cenário nacional.
Diogo Nogueira é filho do grande João Nogueira e herdou das rodas de choro e de samba que embalaram sua infância, a ginga e o ritmo. Já o talento, sempre foi dele.

CHITÃOZINHO & XORORÓ

Astorga, PR

Os irmãos José Lima Sobrinho e Durval de Lima iniciaram a carreira ainda meninos com a dupla *Irmãos Lima,* que foi rebatizada pelo radialista Geraldo Meirelles de *Chitãozinho & Xororó*, nome de um grande sucesso de Athos Campos e Serrinha, que falava de aves brasileiras.

Chitãozinho e Xororó foram os primeiros sertanejos a tocarem em rádios FM no Brasil e a incluírem banjos e guitarras, sem perder a essência da música de raiz sertaneja.

A canção *Fio de cabelo,* do álbum *Somos apaixonados*, de 1982, foi a responsável pela grande explosão da dupla, rompendo as barreiras do preconceito contra o gênero sertanejo. Os irmãos cantaram ainda dezenas de sucessos que se tornaram marcos na história da música sertaneja, como *No Rancho fundo* e *Evidências*. Regravada e interpretada por mais de 80 artistas dos mais diferentes estilos musicais, *Evidências* possui versões em francês, inglês, italiano e até mesmo japonês.

Com quase 50 anos de carreira, os irmãos acumularam a marca de 37 milhões de discos vendidos, 37 álbuns, oito DVDs, três prêmios Grammy e centenas de discos de ouro, platina e diamante.

Criaram parcerias inusitadas com grandes nomes do cenário musical, como Caetano Veloso, *Bee Gees*, o rapper Cabal, Andrea Kisser, do *Sepultura,* e ainda com o maestro João Carlos Martins.

Sempre com grande sucesso, transformaram o sertanejo sem descaracterizá-lo de sua essência caipira.

OSVALDINHO DA CUÍCA

São Paulo, SP.

Ritmista, passista, cantor e compositor, Osvaldinho da Cuíca é reconhecido como um dos maiores sambistas do Brasil.

Foi batucando na caixa de graxa que o engraxate Osvaldo Barro, quando adolescente, abriu as portas para a música. Percussionista com verdadeiro obsessão pela perfeita execuçãodo do som e do ritmo de seus instrumentos, seja no pandeiro, no tamborim ou na cuíca, que lhe serve também de sobrenome, Osvaldinho tornou-se referência no samba paulistano sem procurar o estrelato nem o reconhecimento pessoal.

Além do virtuosismo na percussão, Osvaldinho da Cuíca concebe, como um artesão, as adaptações dos próprios instrumentos para que rendam a sonoridade perfeita.

Osvaldinho tocou com todos os grandes nomes do samba nacional e, em uma época em que era preciso saber tocar, dançar e cantar, foi o primeiro paulista a ser eleito "Cidadão do Samba".

Miltinho

Aquiles

Dalmo

Magro

MPB4

Niterói, RJ

A história da música popular brasileira e a do *MPB4* são absolutamente indissociáveis. O repertório do grupo é marcado por composições de grandes personalidades como Noel Rosa, Dorival Caymmi, Edu Lobo, Milton Nascimento, Chico Buarque, João Bosco, Paulo César Pinheiro, Aldir Blanc, Toquinho, Vinicius de Moraes e Tom Jobim.

Sua importância é confirmada pela participação nos grandes momentos da cena musical do país e pelo constante sucesso junto ao público e à crítica. Com a chegada de Magro, o trio composto por Ruy, Aquiles e Miltinho em 1962, torna-se um quarteto e passa a se chamar *MPB4*. Hoje, tendo Magro "viajado fora do combinado", o grupo formado por Miltinho, Aquiles e Dalmo integrou o cantor e tecladista Paulo Malaguti.

QUINTETO VIOLADO

Recife, PE

MARCELO MELO

Campina Grande, PB

Vocalista e um dos criadores do *Quinteto Violado*, banda com 50 anos de carreira, Marcelo Melo é um dos precursores da música regional brasileira e o último integrante da formação original do grupo. A trajetória da banda conta com trabalhos memoráveis, como os arranjos feitos para várias obras de Luiz Gonzaga, que, aliás, considerava ser do *Quinteto Violado* o melhor arranjo já realizado para seu clássico *Asa branca*. Dominguinhos e Geraldo Vandré também fazem parte da importante trajetória do grupo.

O quinteto foi um divisor de águas para que a música nordestina pudesse provar sua modernidade e beleza, e desbravasse a barreira imposta pelas distâncias e pela concentração das grandes gravadoras no sudeste do país. Inspirador de várias gerações de músicos, seu trabalho pioneiro foi de grande importância para a história da música brasileira, pois também abriu as portas para o nascimento de outras bandas com a mesma vertente.

Olhando para frente, o grupo hoje formado por Marcelo Melo (voz, viola e violão), Dudu Alves (teclados), Roberto Medeiros (percussão e voz), Ciano Alves (flauta e violão) e Sandro Lins (contrabaixo) faz shows e dá continuidade aos seus "concertos-aula", tocando também para educar, despertando nos mais jovens o interesse pela música representativa da cultura brasileira.

ZÉLIA DUNCAN

Niterói, RJ

Da safra de novas artistas da década de 90, Zélia Duncan, violonista, compositora, atriz e colunista, foi à época projetada com a canção *Catedral*, versão do sucesso da cantora alemã Tanita Tikaram.
São agora 40 anos de carreira em que Zélia transita com seu violão e sua voz grave sem se limitar ao estilo pop que a consagrou. Reinventa-se continuamente nas interpretações de composições próprias ou em parceria com Lenine, Mart'nália, Paulo Moska, Pedro Luís, Beto Villares e Christiaan Oyens, entre outros.
A ousadia e o talento de Zélia Duncan também se revelam na apaixonada compositora e cantora de sambas, ou ainda na surpreendente interpretação de canções de Milton Nascimento, nos fazendo descobrir uma sonoridade totalmente nova nas melodias que cantarolamos há anos.

JOÃO BOSCO

Ponte Nova, MG

O violão de João Bosco, seu fiel companheiro, é fruto da própria história do violão brasileiro que passa por Dilermando Reis, Caymmi e Canhoto da Paraíba. São muitos os "violões" do Brasil e a lista de suas influências é extensa, como ele mesmo diz.
De Minas Gerais, João Bosco traz a alma barroca que se expandiu pelo contato com os mais importantes e generosos artistas nos anos 70, como Vinicius de Moraes, Clementina de Jesus, Capinan e tantos outros que se somaram ao descobrir suas melodias.
Parceria é coisa séria. A rapidez e versatilidade do violão de João Bosco reunidas à contundência das letras de Aldir Blanc resultam em mais de cem composições da dupla: *Mestre-sala dos mares, Dois pra lá dois pra cá, Kid Cavaquinho, O ronco da cuíca, Miss Suéter, Rancho da goiabada, Falso brilhante, Linha de passe, O bêbado e a equilibrista*, são algumas das mais lembradas.
Nas composições mais recentes, as parcerias com Arnaldo Antunes e com seu próprio filho Francisco Bosco ecoam no violão e na voz de João Bosco, que juntos valem por uma orquestra.

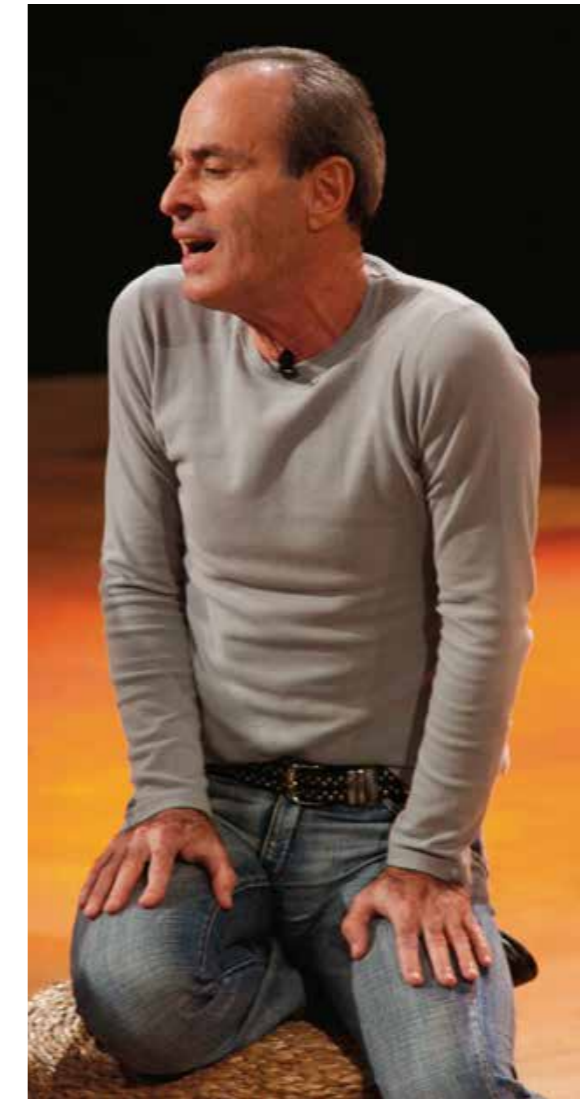
CEUMAR

Itanhandu, MG

Na voz de Ceumar mora o dom de encantar. Com interpretação suave, voz precisa, límpida e de grande extensão, mas sem excessos, Ceumar conecta em seu repertório músicas tradicionais brasileiras às melodias brejeiras, contemporâneas e étnicas.
Além do timbre, há também a talentosa compositora, instrumentista e arranjadora. Ceumar, que afirma procurar o simples como forma de alcançar as pessoas, encanta com o pulsar de suas criações.

ALAÍDE COSTA

Rio de Janeiro, RJ

A voz de Alaíde Costa possui uma assinatura única que a eleva ao palco das grandes cantoras brasileiras. Alaíde emite uma voz suave, segura e de grande domínio técnico, principalmente nas regiões mais agudas, dispensando o uso de vibratos.
Intimista, Alaíde coloca seu talento a serviço da letra e das palavras cantadas. Assim, consagrou o samba *Me deixa em paz*, de Monsueto Menezes e Airton Amorim, emprestando à canção o tom do lamento magoado, da tristeza comovente que apenas sua interpretação pode conferir.

NEY MATOGROSSO

Bela Vista, MS

Quando o grupo *Secos & Molhados* despontou na MPB em 1973, tendo à frente o vocalista da banda Ney Matogrosso, com sua rara voz de contralto flertando com a androginia, uma revolução radical de comportamentos e gostos se operava no Brasil. O grupo logo se desfez e mesmo que Ney Matogrosso não tivesse dado prosseguimento à carreira, já teria um lugar cativo na história da música brasileira.
Com o álbum *Água do Céu-Pássaro*, lançado um ano depois, Ney dá início então à sua carreira solo.
Desde então, foram mais 32 álbuns, participações especiais em mais de 140 discos de outros artistas e alguns papéis no cinema, como a refilmagem do *Bandido da Luz Vermelha*, de Helena Ignez, além da direção e iluminação de vários shows de grande sucesso.
A interpretação única e a voz singular de Ney Matogrosso ampliam a percepção do que há de belo na música e na poesia que ele canta.

DIANA PEQUENO

Salvador, BA

Diana Pequeno já era conhecida nos meios universitários e midiáticos baianos quando, em 1978, lançou seu primeiro disco. O carro-chefe de grande sucesso foi uma versão para *Blowin' in the wind* de Bob Dylan, mas seu repertório engajado, com canções e ritmos de raiz, já revelava o quanto o cantar representava a importante missão de levar cultura e entretenimento com verdade e emoção às pessoas.
Artista singular, Diana decidiu se afastar para dedicar-se com maior profundidade a uma pesquisa de repertório dos primórdios da música brasileira, sem esquecer da música folk, latino-americana, ibérica, e da sua ligação ancestral com a música medieval, oriental e africana. Para Diana Pequeno, "cantar é levar a alma a passear num bosque sagrado"; que é para onde sabe nos levar com seu belo canto.

PAULINHO PEDRA AZUL

Pedra Azul, MG

Paulo Hugo Morais Sobrinho é cantor, poeta precoce e compositor, autor de telas a óleo e acrílico e de vários livros.
Paulinho Pedra Azul enveredou pela música e pela poesia ainda na juventude, tendo em mãos seu violão, que toca com um estilo que varia do romântico à MPB, com forte influência do Clube da Esquina e da cena paulistana que frequentou nos anos 80.
São mais de 20 discos gravados, a maioria deles independentes, compostos de canções interpretadas também por *Pena Branca &Xavantinho*, Diana Pequeno, Dércio Marques, *Jota Quest* e tantos outros artistas que o reconhecem como um grande compositor.
Fiel ao banquinho e ao seu violão, Paulinho Pedra Azul é das mais queridas e respeitadas figuras representativas da cultura mineira.

LUCY ALVES

João Pessoa, PB

A cantora e atriz paraibana Lucy Alves conquistou o país na 2ª temporada do *The Voice Brasil*, programa de televisão que venceu junto de sua inseparável sanfona. Em seguida, roubou a cena estreando como atriz de novelas.
Jovem, sua história com a música é, no entanto, longa. Começou aos quatro anos, tocando violino. Estudou piano e canto, integrou orquestras importantes do Nordeste e durante 12 anos tocou com a família no *Clã Brasil*, banda de ritmos regionais e com repertório de grandes ídolos nordestinos.
Carismática, Lucy segue misturando ritmos tipicamente nordestinos com pop dançante, carregando suas origens nas sonoridades que reinventa.

CHAMBINHO

São Paulo, SP

Nivaldo Expedito de Carvalho nasceu em São Paulo, mas foi em Jaicós, no Piauí, ainda menino, que o avô Zezinho Barbosa lhe ensinou os primeiros acordes na sanfona e o gosto pelo forró dos velhos sanfoneiros.
Chambinho representou seu ídolo e o maior ícone da música nordestina, Luiz Gonzaga, no premiado filme *Gonzaga: de pai para filho*. Esta atuação marcou sua carreira de acordeonista, cantor e compositor.
Como ao som do forró ninguém fica parado, Chambinho leva, com seu sorriso aberto, a autêntica música nordestina pelo mundo.

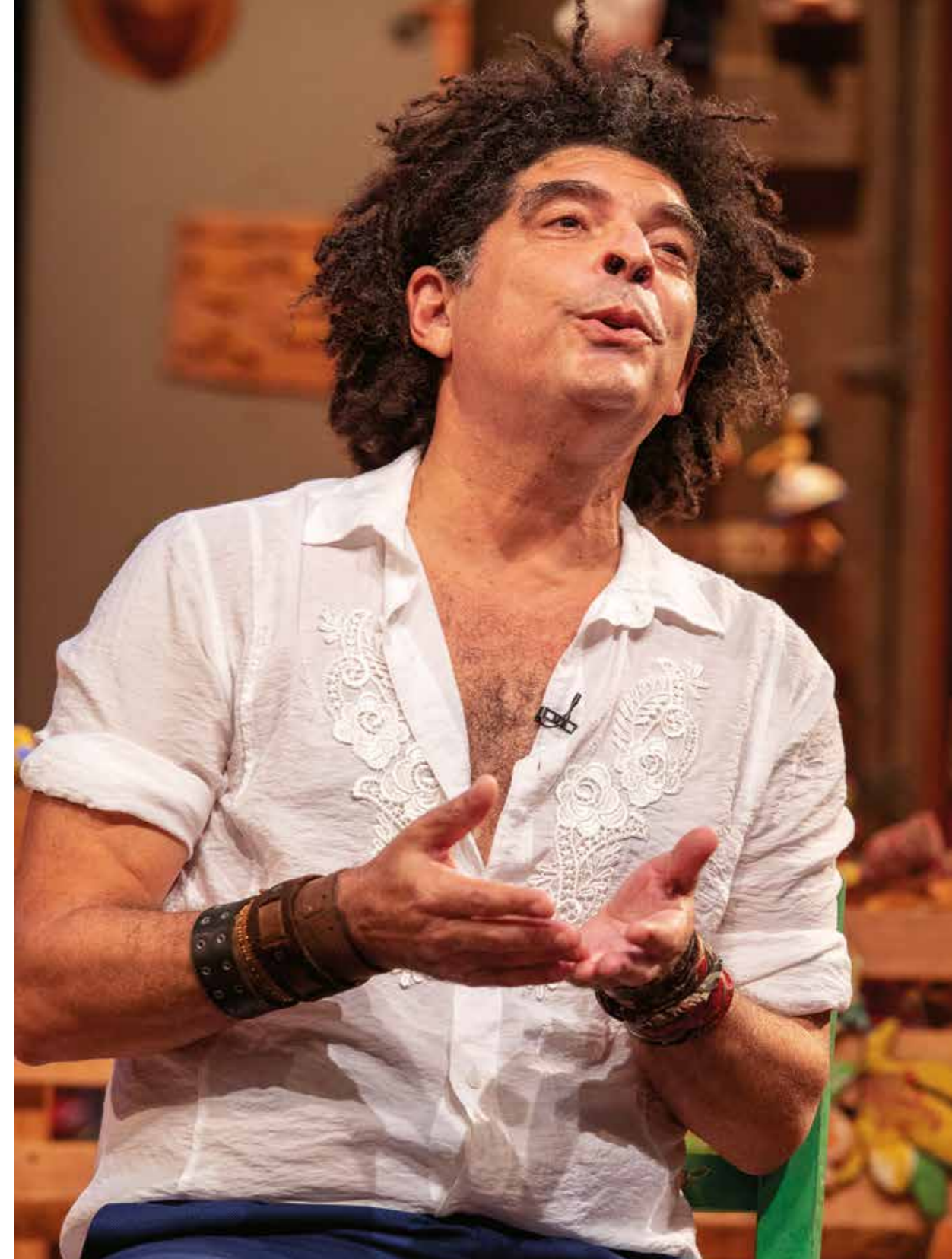
LEILA PINHEIRO

Belém, PA

Intérprete, compositora e pianista, o talento de Leila Pinheiro é a equação perfeita entre sua bela voz, seu piano e a força de suas interpretações.
A paraense iniciou sua carreira participando de coros para gravações de discos. O grande público a descobriu através do Festival dos Festivais, em 1985, com a canção *Verde*, de Eduardo Gudin e José Carlos Costa Netto.
Leila Pinheiro, que tem a bossa nova como sua grande marca, está sempre à procura do melhor repertório e experimenta todos os espaços da boa música, dando a cada uma das canções que interpreta uma dimensão única, marcante e definitiva.

MARCOS SACRAMENTO

Niterói, RJ

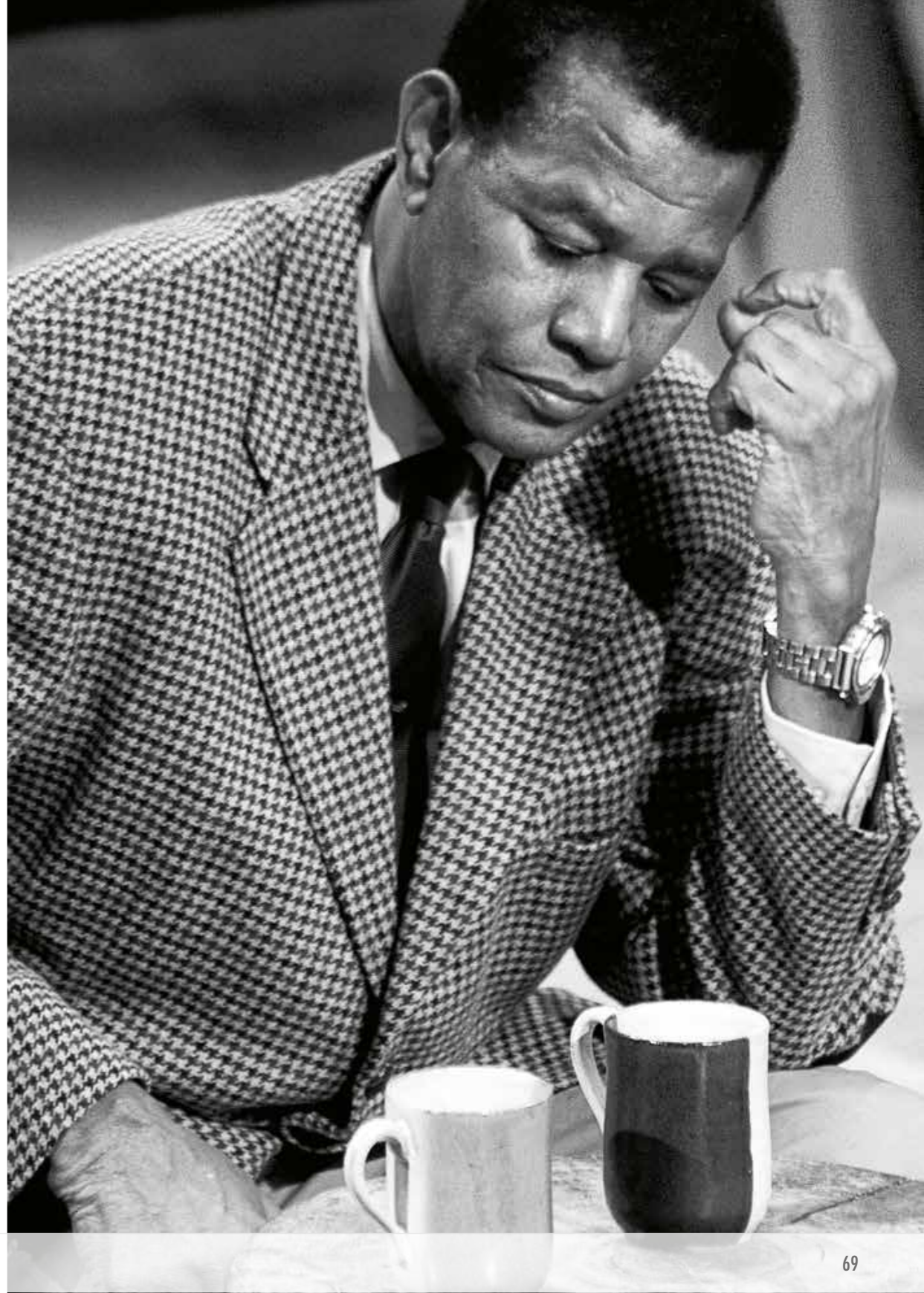
Marcos Rimoli Sacramento transita com a maior facilidade do pop ao rock, mas foi com o samba que percorreu grande parte do seu caminho de cantor e de compositor.
Ruy Castro diz que Marcos Sacramento é "um dos segredos mais bem guardados da música brasileira". Quem o descobre sabe que não há nada que ele não possa cantar com sua voz vigorosa e a afinação certeira. Não há nenhum compositor ou intérprete que ele não cante ou revisite com a força de um tributo. Além de uma peculiar leitura musical e presença de palco, tem também um delicioso toque de malícia.
Autodidata, intuitivo, há mais de 30 anos na estrada, possui um repertório absolutamente impecável cantando somente o que gosta. Em suas interpretações revive o Rio de Janeiro de Noel Rosa, Custódio Mesquita e Ataulfo Alves. Com suas composições comprova o vigor da canção brasileira.

CLAUDETTE SOARES

Rio de Janeiro, RJ

Claudette Soares iniciou sua longa carreira musical ainda menina no rádio e até ganhou de Luiz Gonzaga, na época, o apelido de "Princesinha do Baião". Claudette, no entanto, nunca se prendeu a estilos, emprestando sua voz às canções que gostava, num repertório que inclui músicas que precederam a Bossa Nova, canções de protesto dos festivais, canções da Jovem Guarda e o romantismo da MPB.
Na década de 60, Claudette foi uma grande divulgadora da Bossa Nova em São Paulo, com presença certa em grandes casas noturnas como A Baiuca ou na boate Ela, Cravo e Canela, míticos pontos de difusão musical na época.
Ouvir Claudette Soares é remexer nas lembranças, com suas interpretações que não temem as emoções das canções românticas. Quanto ao tempo, esse só comprova o seu talento de grande intérprete que pode cantar o que quiser, com a voz encorpada, vibrante, por vezes sussurrada e sempre emocionante.

JAIR RODRIGUES

Igarapava, SP

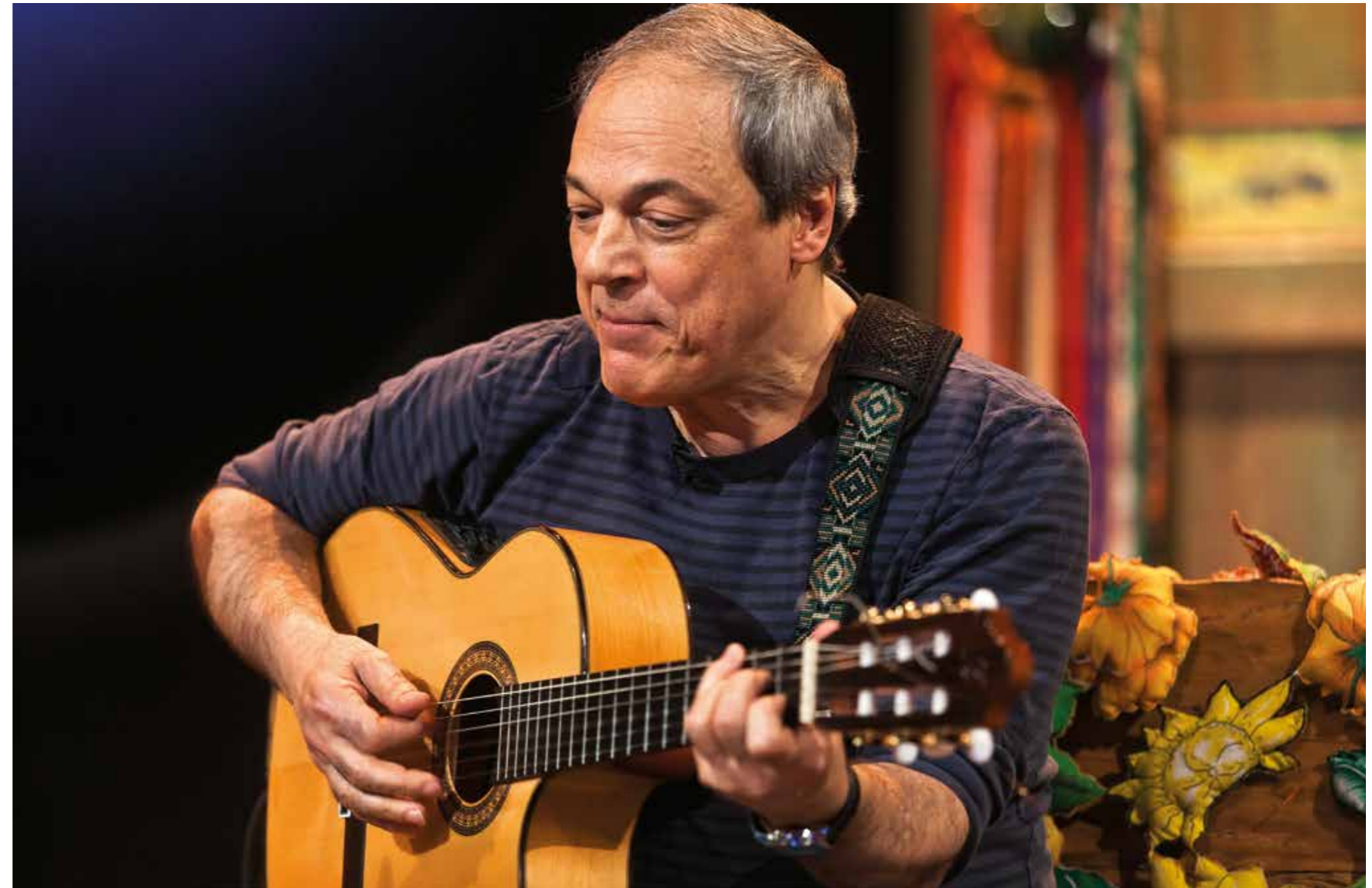
Com sua incontida alegria na vida e nos palcos, Jair Rodrigues quebrou o formalismo de toda uma época. Voz potente, talento e versatilidade, Jair transitou ao longo dos 50 anos de carreira pelo samba, pela MPB e pelas serestas. É saudado pelos rappers como um dos pioneiros do estilo no Brasil em função dos versos falados com precisão e o gingado das mãos em *Deixa isso prá lá*, de Alberto Paz e Edson Menezes.
Formou com Elis Regina uma das maiores duplas da música brasileira, incendiando o público com seu jeito irreverente quando apresentava o programa *O Fino da Bossa* na TV Record, nos anos 60. Na mesma época, Jair Rodrigues alcançou a consagração apresentando-se num estilo totalmente diferente, com *Disparada*, de Geraldo Vandré, no II Festival de Música Popular Brasileira. Nenhum outro cantor poderia ter colocado tanta energia e precisão em tão memorável interpretação.

MILTON NASCIMENTO

Rio de Janeiro, RJ

O Festival Internacional da Canção de 1967 revelou ao país a voz de Milton Nascimento, que com *Travessia* se destacou não somente pela interpretação excepcional, mas também trouxe à tona um estilo que quebraria barreiras entre polos distintos, estabelecendo uma ponte entre os remanescentes da Bossa Nova e os herdeiros da música regional.
Nascido no Rio de Janeiro, mas formado artisticamente em Minas Gerais, foi por lá que Bituca - apelido dado ao menino que fazia bico quando contrariado - junto a um time de instrumentistas, compositores e letristas deu vida a um dos mais importantes movimentos musicais do país: o Clube da Esquina. O movimento é referência até hoje para músicos que despontam.
As canções de Milton Nascimento exalam uma forte relação com as paisagens e o povo mineiros. Na sua voz, a sensibilidade e o timbre remetem à religiosidade da região. E, como diria Elis Regina: "Se Deus quisesse ter uma voz, escolheria certamente a voz de Milton Nascimento".

CARLINHOS VERGUEIRO

São Paulo, SP

Garoto prodígio ao piano, Carlinhos elegeu o violão como parceiro. Com mais de 20 discos, centenas de gravações, participações e produções musicais, tornou-se um consagrado melodista, letrista, cantor e produtor.
Como se não bastasse ter em sua trajetória parcerias importantes com músicos como Vinicius de Moraes, Toquinho, Chico Buarque, Adoniran Barbosa, Paulo César Pinheiro, Eduardo Gudin, para citar somente alguns, Carlinhos Vergueiro também empresta sua voz em grandes homenagens a ídolos com os quais conviveu como Nelson Cavaquinho e Paulo Vanzolini.
Carlinhos Vergueiro faz parte do time de músicos que, contrariando o genial Vinicius de Moraes, provam que São Paulo não é o "túmulo do samba".

TOQUINHO

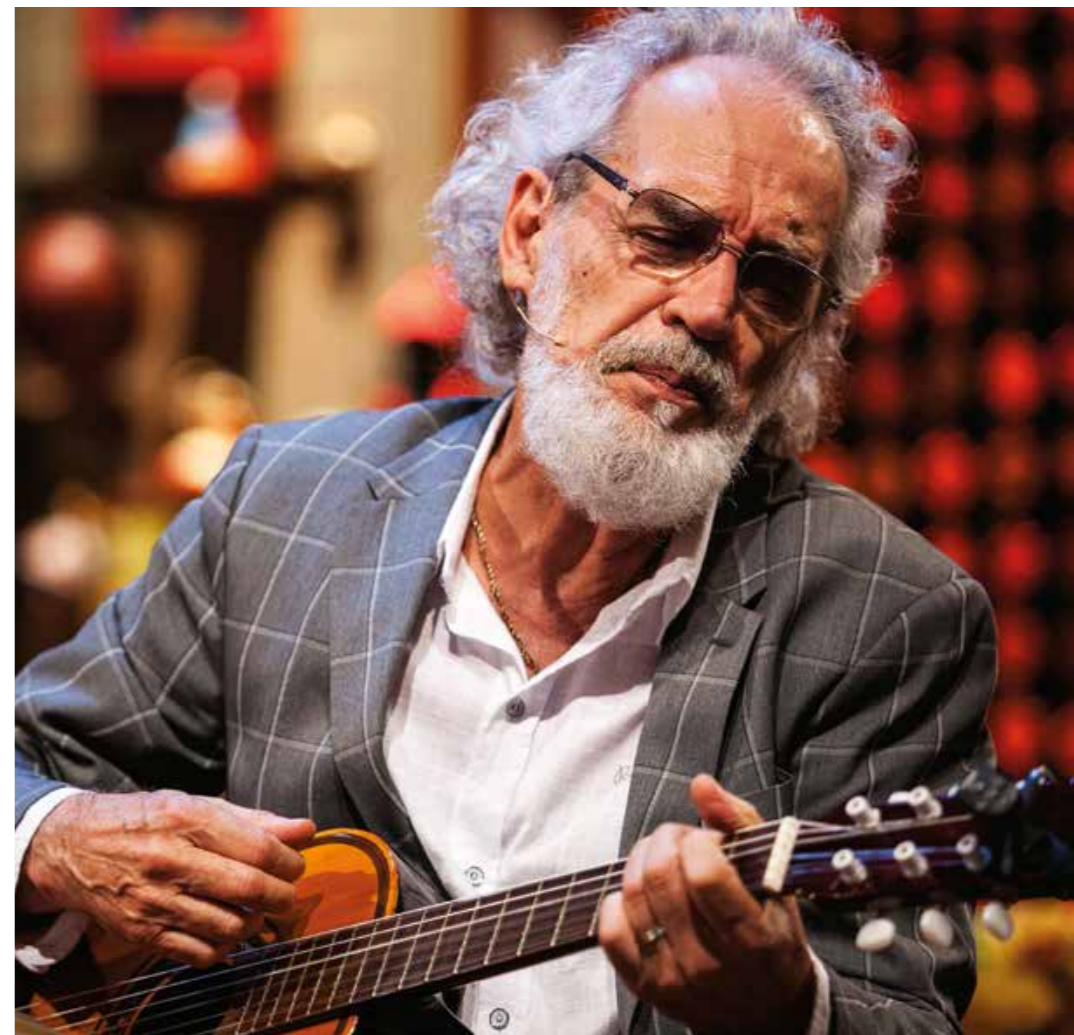
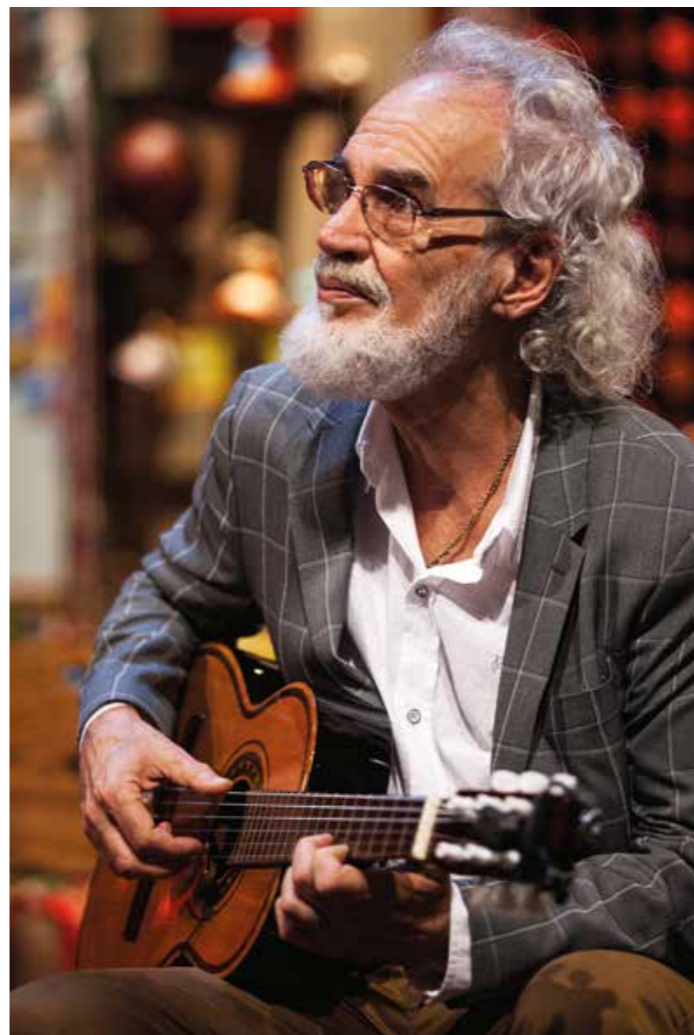
São Paulo, SP

Antonio Pecci Filho interessou-se cedo pelo violão sem imaginar que conviveria com uma grande safra de cantores, compositores e instrumentistas, e que se tornaria um dos maiores nomes da MPB. Numa época de grande efervescência cultural, Toquinho estava ao lado de Elis Regina, Marcos Valle, Zimbo Trio, Tayguara e de Chico Buarque, o primeiro a colocar letra em um de seus arranjos na parceria de *Lua cheia* e com quem partiu em turnê pela Itália. Lá, revisitando e divulgando as obras de Vinicius de Moraes, Toquinho atraiu a atenção do poeta. Acabaram estabelecendo uma extensa e marcante parceria que encantou o Brasil e o mundo. Toquinho e Vinicius criaram cerca de 120 canções, gravaram LPs no Brasil e no exterior, e atuaram em mais de 1.000 shows juntos. Toquinho é referência para intérpretes e instrumentistas, sejam eles novos ou veteranos, e continua encantando com suas composições e parcerias.

ALMIR SATER

Campo Grande, MS

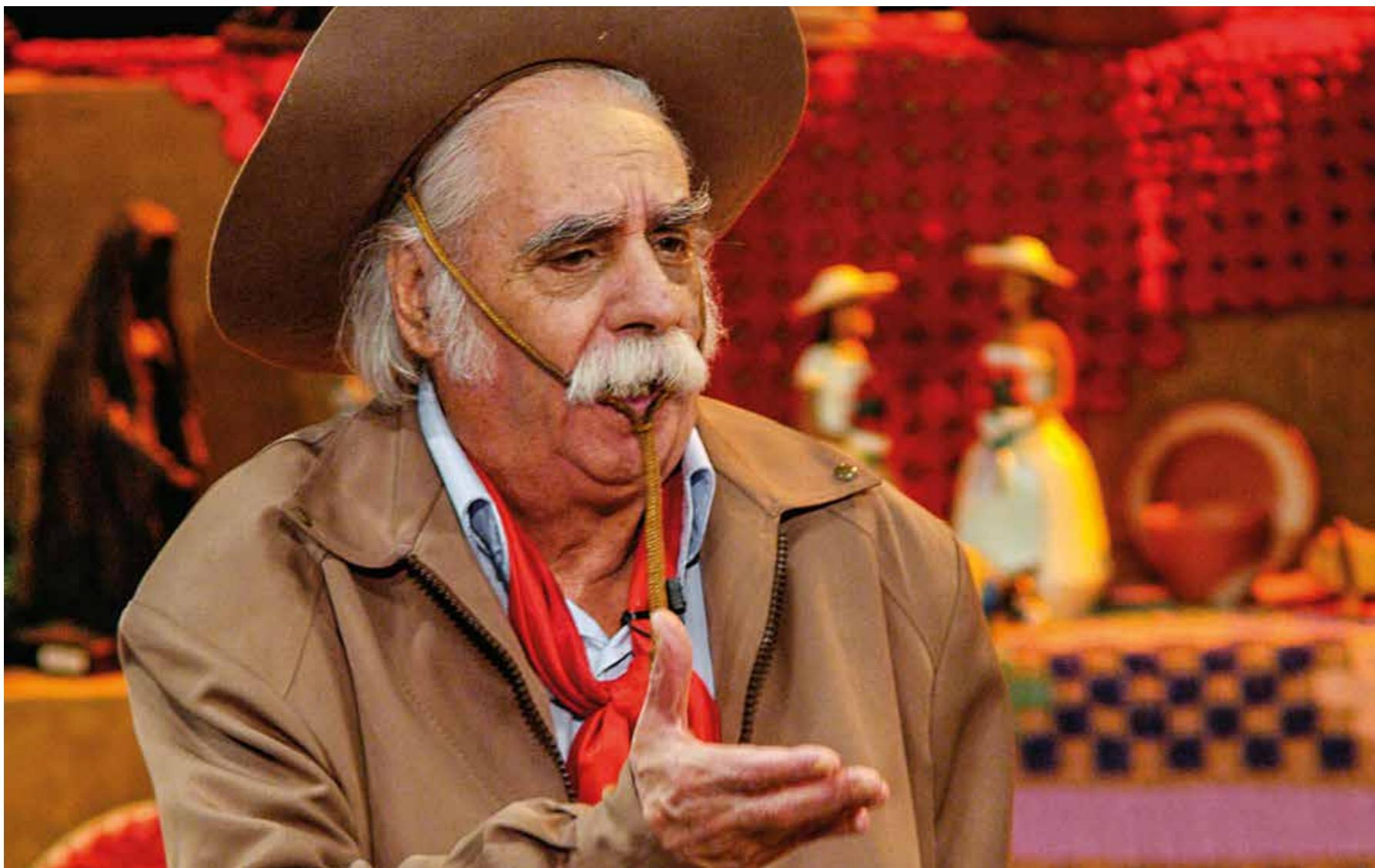
Almir Eduardo Melkes Sater era um jovem estudante de direito quando descobriu a sonoridade da viola caipira tocada na praça e se apaixonou pelo instrumento. Não se formou advogado, mas tornou-se um grande violeiro, cantor e compositor. Almir Sater cria com suas músicas, há algumas décadas, uma atmosfera que revive a essência simples do interior e compartilha o melhor da moda de viola com o seu público, que se rende ao carisma e à sensibilidade musical e poética do também ator sul-mato-grossense.

O elogiado Almir Sater mistura gêneros regionais com sonoridades urbanas, num trabalho eclético e inovador, deixando parcerias inesquecíveis, como *Tocando em frente*, com Renato Teixeira.

RENATO TEIXEIRA

Santos, SP

Renato Teixeira é cantor e compositor. A música, a poesia e a literatura já faziam parte de sua infância quando, aos 14 anos, muda-se para o interior do Estado de São Paulo e entra em contato com a música regional, trabalhando no início dos anos 60 como radialista na Rádio Difusora de Taubaté.

Renato Teixeira participa com suas canções dos festivais da TV Record nos anos 60. Roberto Carlos grava sua música *Madrasta* em 1968, mas o sucesso e reconhecimento do público vêm de fato em 1977, quando Elis Regina grava a música *Romaria*, canção que se tornou quase uma prece e que definiu o estilo do compositor.

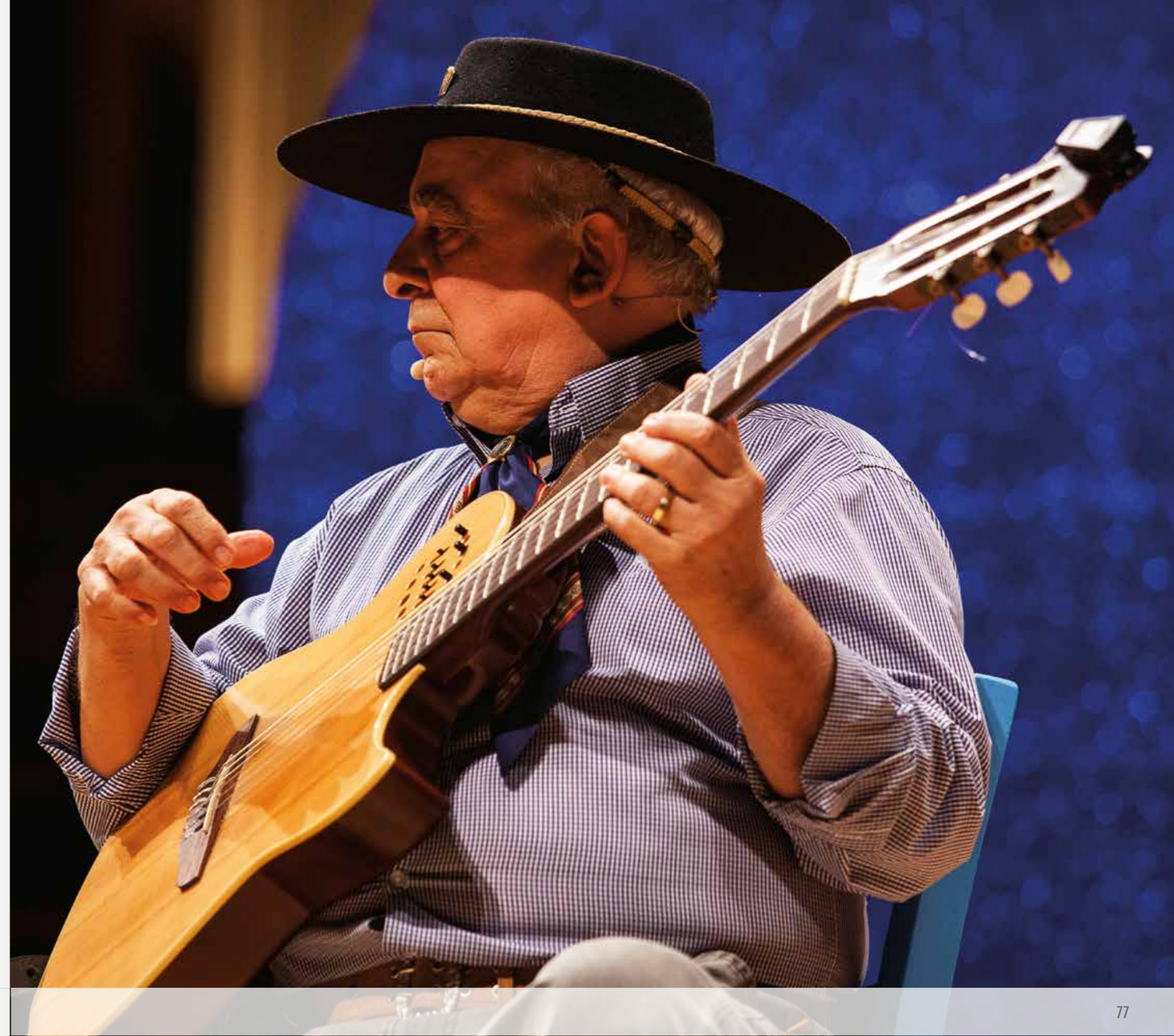
Suas letras e melodias transitam pelo universo caipira do Vale do Paraiba, desenvolvendo o potencial que esse meio cultural oferece, tocando em frente em parcerias de sucesso com grandes nomes da música, como Almir Sater, *Pena Branca & Xavantinho* e mais recentemente com Oswaldo Montenegro.

PAIXÃO CÔRTES

Santana do Livramento, RS

Paixão Côrtes é personagem decisivo do movimento tradicionalista do Rio Grande do Sul. Sua extensa pesquisa de campo permitiu a recuperação de traços da cultura da região sulista, indo além das fronteiras nacionais. Premiado cantor do folclore brasileiro, resgatou danças, ritmos e canções, como balaio, tatu e pezinho, gravadas por Inezita Barroso. Paixão Côrtes representa, em carne e osso, o espírito do autêntico gaúcho, tendo servido até de modelo para a estátua *O Laçador,* erguida em Porto Alegre.

LUIZ CARLOS BORGES

Santo Ângelo, RS

Embaixador cultural do Rio Grande do Sul, Luiz Carlos Borges tem uma expressiva produção musical como compositor, instrumentista e intérprete. O acordeonista, violonista e cantor transita com liberdade pela música regional gaúcha de todos os tempos, resgatando, renovando e divulgando ritmos e canções, além de participar ativamente dos movimentos reconhecidos e inseridos nessa tradição.

Hique Gomez Porto Alegre, RS

Nico Nicolaiewsky Porto Alegre, RS

TANGOS &TRAGEDIAS

Da Sbørnia, uma ilha à deriva navegando livremente pelos mares do mundo após uma sucessão de explosões nucleares, desembarcaram em Porto Alegre, para shows sempre lotados, o violinista Kraunus Sang, interpretado por Hique Gomez, e o Maestro Plestkaya, interpretado por Nico Nicolaiewsky, no espetáculo *Tangos & Tragédias*.
Hique e Nico recriaram com seu talento musical, originalidade e muito humor alguns clássicos como *O ébrio*, de Vicente Celestino, e *O Romance de uma caveira*, de Alvarenga e Ranchinho. Além disso, trouxeram de seu país imaginário as inesquecíveis *Aquarela da Sbørnia* e a dança do *Copérnico*, ambas de enorme sucesso.
Com o falecimento de Nico Nicolaiewsky, Hique Gomez segue navegando com uma nova trupe.

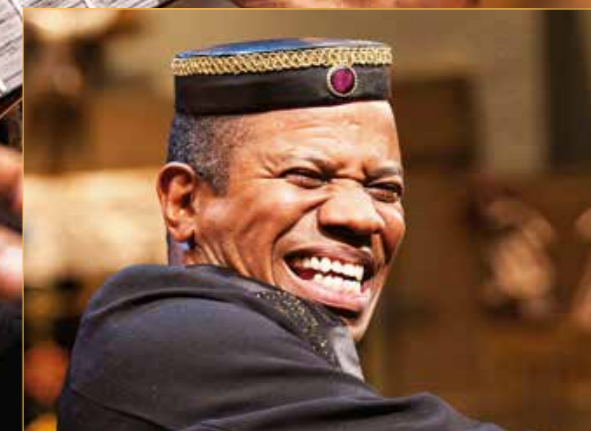
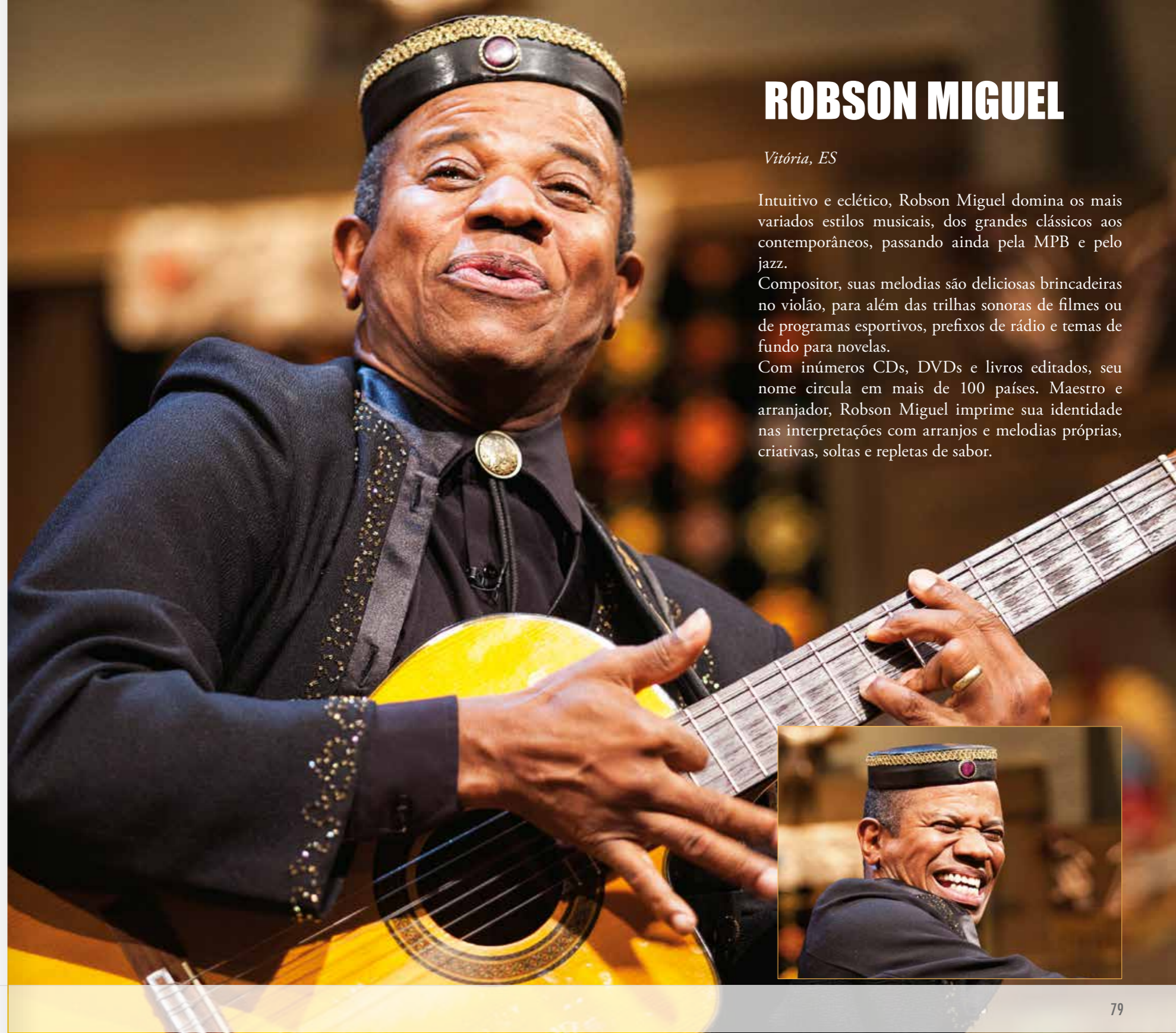
RENATO BORGHETTI

Porto Alegre, RS

A gaita-ponto é uma extensão do corpo de Renato Borghetti, que encarna o sentimento gaúcho, exaltando as virtudes do tradicionalismo.
Autodidata, talentoso e carismático, Borghetti zela pela música nativista que elabora com melodias modernas e contemporâneas, sempre mantendo-as bem identificadas com suas raízes.
Mesmo carregando na essência ritmos como o vanerão, o chote, a milonga e o chamamé, a plena aceitação e sucesso no exterior comprovam o quanto sua música é universal, fazendo do acordeonista um dos mais destacados artistas brasileiros.

ROBSON MIGUEL

Vitória, ES

Intuitivo e eclético, Robson Miguel domina os mais variados estilos musicais, dos grandes clássicos aos contemporâneos, passando ainda pela MPB e pelo jazz.
Compositor, suas melodias são deliciosas brincadeiras no violão, para além das trilhas sonoras de filmes ou de programas esportivos, prefixos de rádio e temas de fundo para novelas.
Com inúmeros CDs, DVDs e livros editados, seu nome circula em mais de 100 países. Maestro e arranjador, Robson Miguel imprime sua identidade nas interpretações com arranjos e melodias próprias, criativas, soltas e repletas de sabor.

RICARDO HERZ

São Paulo, SP

Se o violino ainda não tinha tantos expoentes no cenário da música brasileira, Ricardo Herz reescreve a história desse instrumento com grande sucesso de público e de crítica. Sua sólida formação erudita e jazzística iniciou-se aos seis anos de idade e consolidou-se ao estudar em renomadas escolas de música no Brasil e em vários outros países. Ricardo Herz mistura, com muito suingue, ritmos brasileiros, africanos e o sentido de improvisação do jazz. Com seu violino, domina o ronco da rabeca, o choro tradicional e moderno, o forró, o baião, sambas e canções. Além de sua sensibilidade, grande apuro técnico e muito carisma que se fazem vivamente notar nas apresentações com outros grandes músicos ou em solo com orquestras, Ricardo Herz é também um artista que se dedica ao ensino e à difusão do violino de modo pioneiro. Incentivando a música brasileira, lançou o primeiro método online de violino popular.

JORGE MAUTNER

Rio de Janeiro, RJ

Multi-instrumentista, profeta do "Kaos", filósofo, compositor e cantor, Jorge Mautner é um pensador de inveterado e irreverente patriotismo que deposita uma profunda esperança no amálgama cultural brasileiro como agente transformador do mundo.
Filho de europeus refugiados do nazismo, frequentou terreiro de candomblé na infância e aprendeu com seu padrasto, primeira viola da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a tocar violino. Com ele frequentou os bastidores dos programas de rádio nos anos 50, absorvendo a cultura musical da época.
O processo de criação livre e vanguardista de Jorge Mautner o diferencia dos músicos rotulados como MPB. Suas ideias foram determinantes para os tropicalistas e, ainda hoje, é um dos nomes mais provocadores da música nacional.
Popularmente conhecido por sucessos como *Maracatu atômico*, *Rouxinol* e *Vampiro*, sua vasta produção cultural otimista e alegre tem as cores dos tantos "Brasis" descritos em seu *Manifesto Amalgamista*, publicado em 2009.

ZÉ MENEZES

Jardim, CE

José Menezes de França foi cativado pela banda musical de sua cidade muito cedo e aos oito anos já tocava cavaquinho profissionalmente no cinema, musicando filmes mudos. Sua precocidade e talento o levaram a apresentar, aos nove anos, o choro de sua autoria *Meus 8 anos* para o lendário Padre Cícero, de quem recebe a bênção profética: "Meu filho, você será um grande músico".
Exibiu sua genialidade musical dirigindo programas na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Tocou com grandes nomes como Garoto e, por 30 anos, com Radamés Gnattali, assinando vários sucessos em parcerias diversas e compondo trilhas sonoras para a televisão.
Pequeno gigante, Zé Menezes tornou-se, ao longo de mais de 80 anos de carreira, um dos multi-instrumentistas brasileiros mais famosos, tocando violão de 6 e 7 cordas, violão tenor, bandolim, banjo, cavaquinho, viola de 10 cordas, guitarra, guitarra portuguesa e contrabaixo. Ou, como ele mesmo dizia, o instrumento que tivesse à mão. O que ele queria mesmo era tocar.

DIEGO FIGUEIREDO

Franca, SP

Com total domínio do violão e da guitarra, desde muito jovem, Diego Figueiredo mostrou ao que veio, tocando o que gosta e como gosta. E como toca!
Talento, versatilidade e conhecimento jazzístico não lhe faltam para buscar o inusitado nas suas interpretações do melhor da música brasileira, sem se preocupar com os ouvidos mais conservadores.
Com mais de 20 CDs gravados, participações e premiações nos mais importantes festivais de jazz do mundo levando nossa música, Diego faz parte dos instrumentistas brasileiros mais importantes de sua geração.

VITAL FARIAS

Taperoá, PB

Caçula de 14 irmãos, foi por meio da literatura de cordel que Vital Farias descobriu as letras do alfabeto. Começou a estudar violão sozinho, ainda em sua cidade. Aos 18 anos, foi para João Pessoa servir ao Exército e por lá ficou.

Participou de diversos conjuntos musicais, entre os quais *Os Quatro Loucos*, que apresentava imitações de músicas do conjunto de rock inglês *The Beatles*. Pouco depois passou a dar aulas de violão e teoria musical no Conservatório de Música de João Pessoa.

Vital mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi aprovado no vestibular para a Faculdade de Música. Ali, atuou como ator e músico, e começou a gravar seus próprios discos. Logo vieram as cantorias nos anos 80, com Geraldo Azevedo, Xangai e Elomar, com composições marcantes como *Ai que saudade d´ocê*, regravada inúmeras vezes na voz de outros intérpretes, e *Saga da Amazônia*, que mostrava Vidal como ativista contra o desmatamento da floresta.

Vidal Farias, tal qual um menestrel, é um arauto da cultura de sua terra. Em todas as suas composições destaca-se a inventividade e mesclam-se modinhas, xaxados e outros ritmos à poesia de suas raízes nordestinas e às reflexões acerca da natureza e do homem nela inserido.

VIDAL FRANÇA

Aporá, BA

O cantor, compositor, arranjador e violeiro baiano Vidal França vem dedicando há décadas sua grande e singular força criativa às inúmeras composições que já fazem parte da história da música brasileira. Além de apresentar um vasto repertório, sua interpretação peculiar e visceral interpela e mexe com o público.

Filho do músico Venâncio, da dupla *Venâncio &Corumba*, deixou a Bahia aos sete anos. E como já cantava o pai, cantor e repentista, "só deixo o meu Cariri no último pau-de-arara", Vidal desembarcou com a família em São Paulo onde estudou música. O artista carrega suas raízes não somente nas composições, mas também no semblante de homem da caatinga, com seu chapéu de boiadeiro e seu figurino de nordestino sem luxos. Luxos que, aliás, sua obra e talento dispensam.

Vidal França tornou-se popularmente conhecido depois de Diana Pequeno ter gravado *Facho de fogo*, de sua autoria com João Bá. Mas são mais de 300 parcerias com artistas de diferentes regiões do país, em mais de 50 anos de carreira.

Para Vidal, portar o estandarte de ideias, valores e cultura é a missão do artista. Ele segue com o seu compromisso com a arte, contra a correnteza, preservando a cultura de seu povo.

JESSIER QUIRINO

Campina Grande, PB

Arquiteto por profissão, poeta por vocação e matuto por convicção.
Consagrado de norte a sul e de leste a oeste do país como um dos dignos representantes da cultura popular nordestina, Jessier Quirino tem especial interesse pela causa poética e pela tradição oral do seu povo.
Poeta, músico e principalmente declamador, Jessier não se diz estudioso, mas sim um "prestador de atenção". Sua marcante presença no palco, seu extraordinário balaio de memórias e seu humor sem igual conquistam o público e a crítica por onde quer que passe declamando seus poemas ou contando os causos de sua gente.

MESTRE SEBASTIÃO BIANO

Mata Grande, AL

Mestre Sebastião Biano tem uma história única. Filho de uma família de retirantes da seca, aprendeu a tocar pífano aos cinco anos. Ainda criança, tocou para Lampião e jamais se esqueceu do encontro, nem da cena.
Atravessou o século XX tocando na celebrada *Banda de Pífanos de Caruaru*, sendo o último remanescente da formação original. Autor de clássicos da música brasileira como *Pipoca moderna* e *A briga do cachorro com a onça*, encantou artistas como Gilberto Gil e Caetano Veloso, e influenciou movimentos culturais como a Tropicália e o Manguebeat.
A música de Sebastião Biano é parte fundamental da construção da identidade e do imaginário brasileiros.

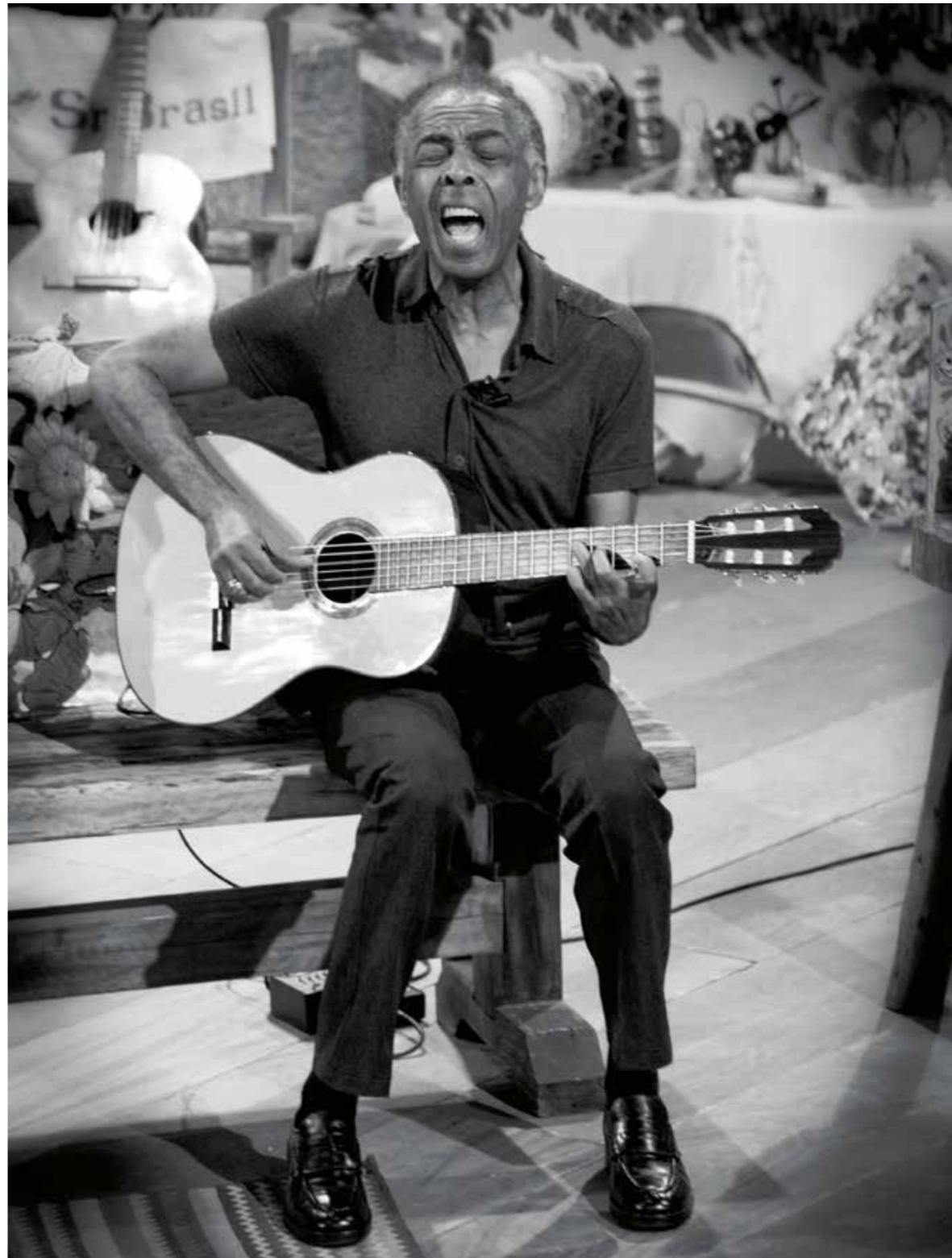
ARISMAR

Santos, SP

A musicalidade de Arismar do Espírito Santo transborda na sua maneira espontânea de tocar inusitadas harmonias e na batida contagiante de seu ritmo. Dominando o baixo, o violão de 7 cordas, a guitarra, a bateria e o piano, Arismar é uma banda por si só. É um instrumentista único, sempre cercado de músicos nos encontros que promove, transmitindo aos acordes seu bom humor, compondo temas que mostram a riqueza e a diversidade da música brasileira.

JANE DUBOC

Belém, PA

Cantora, compositora, escritora, violonista, pianista e arranjadora, Jane Duboc é uma diva da MPB. Com suas inigualáveis interpretações e afinadíssima voz, que entoa com toda a força de sua alma, a artista conquistou um vasto público. Jane tem na música e na amizade os grandes tesouros da vida. Ao longo de sua carreira, participou de inúmeros trabalhos e turnês com Egberto Gismonti, Raul Seixas, Toquinho, Nelson Ayres, Djavan, Emílio Santiago, entre outros.

GILBERTO GIL

Salvador, BA

Fascinado pelos cantores das ruas do interior da Bahia, Gilberto Passos Gil Moreira começou a tocar acordeão aos oito anos. Mais tarde, influenciado por Dorival Caymmi e João Gilberto, empunhou o violão e, em seguida, a guitarra.
Movido pelo espírito de transformação estética, Gil iniciou com Caetano Veloso a Tropicália, movimento que conjuga a contestação política, o comportamento hippie, a valorização da cultura popular e os elementos musicais e artísticos de vanguarda que se traduzem em composições como *Domingo no parque* ou ainda *Alegria, alegria* de Caetano Veloso.
Logo, Gilberto Gil enfrentaria o exílio em Londres. Na sua volta ao Brasil, gravou o LP *Expresso 2222* e partiu em turnê pelo mundo, ganhando projeção internacional.
A obra musical de Gilberto Gil é abrangente na variedade de melodias e ritmos. São 50 anos de carreira e quase 60 álbuns lançados em que traz a profundidade do conteúdo de suas composições sempre afinadas à realidade e à modernidade. Ele aborda da desigualdade social às questões raciais, da cultura africana à cultura oriental, da ciência à religião, entre muitos outros temas, sempre reafirmando seu talento, curiosidade e a firmeza da convicção na cultura como fator de transformação para o mundo.

LAÉRCIO ILHABELA

Nova Europa, SP

Descendente de espanhóis, José Laércio Garcia Rubira iniciou seu percurso musical ainda criança. Apaixonou-se a princípio pelo cavaquinho, mas foi ao violão que o compositor, arranjador e intérprete dedicou-se.
Pesquisador do violão na música erudita e popular brasileira, seus estudos e composições têm ainda forte influência do flamenco espanhol, fonte de inspiração e performance técnica.
Laércio já atuou junto a grandes nomes da música nacional, como Paulinho Nogueira, Sebastião Tapajós, Tetê Espíndola e várias orquestras, com excursões nacionais e internacionais de sucesso. Citado pela mídia especializada como um dos grandes instrumentistas da atualidade, Laércio Ilhabela, com o seu sonoro e singular violão, transmite toda a cultura tipicamente brasileira mesclada à técnica instrumental clássica e espanhola.

MARQUINHO MENDONÇA

São Paulo, SP

Compositor, produtor e arranjador, o multi-instrumentista Marquinho Mendonça toca violão, bandolim, cavaquinho, mas também coloca a guitarra, símbolo mundial do rock, a serviço de temas sonoros absolutamente brasileiros. Importando-se mais com a musicalidade de sua obra do que com as próprias cordas que toca, Marquinho sempre se cerca de outros instrumentos e de ótimos músicos, veteranos ou não, imprimindo em sua música formas mais orquestradas e arejadas, estabelecendo uma ponte entre diferentes gêneros. Assim, sua música transita entre o choro, reggae, bossa nova, blues, jazz, jongo, forró e tantos outros ritmos. Vestindo as canções brasileiras com os arranjos e a instrumentação da guitarra, do baixo, da sanfona e dos teclados, e tendo sempre a percussão como base, Marquinho Mendonça as torna universais.

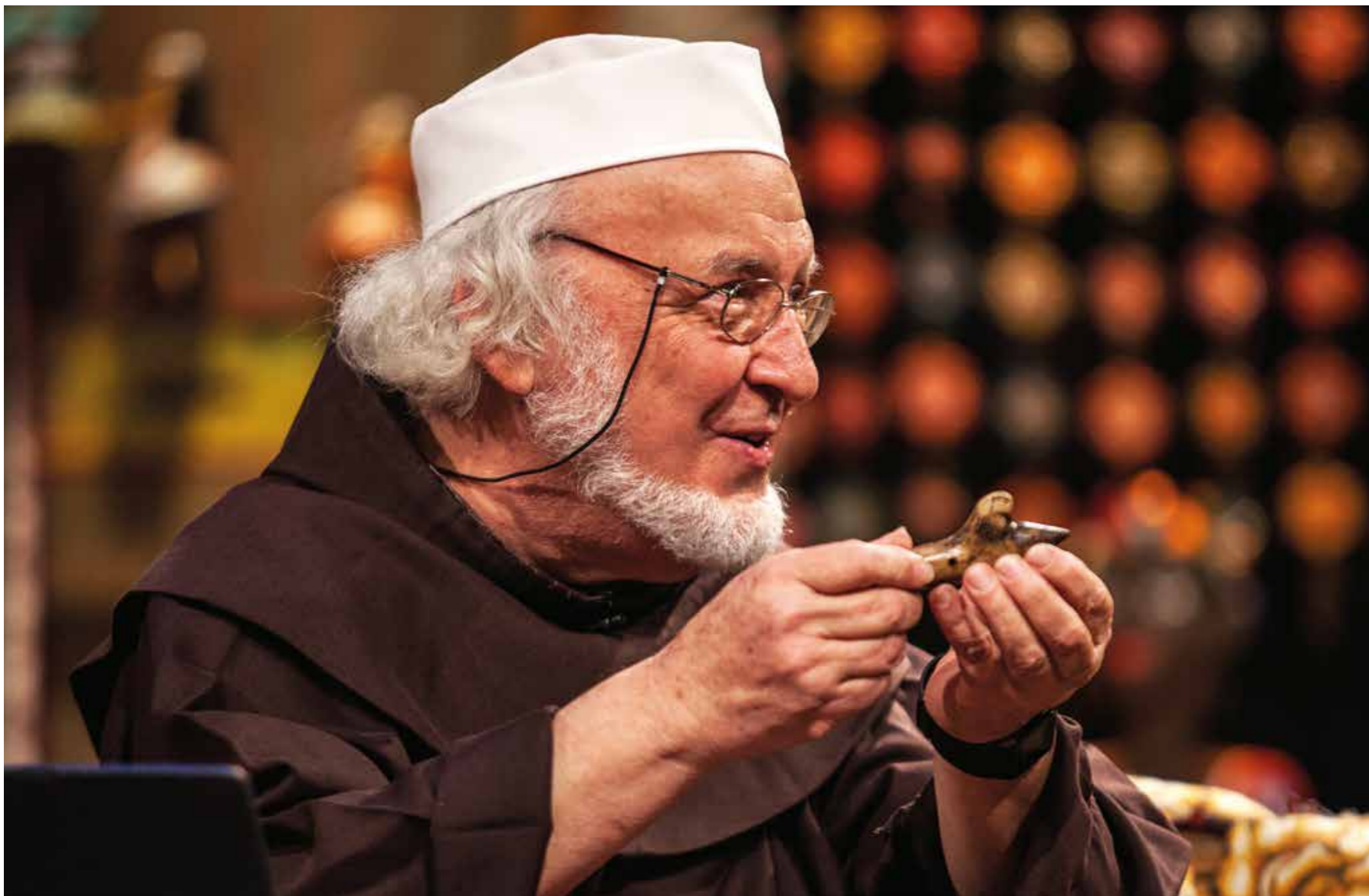
ANTONIO NÓBREGA

Recife, PE

A iniciação artística de Antonio Nóbrega se deu através do violino, inseparável instrumento em sua caminhada. A convite de Ariano Suassuna, integrou com seu instrumento o *Quinteto Armorial*, grupo precursor na criação de uma música de câmara brasileira de raízes populares.
O envolvimento com a cultura popular brasileira levou Antonio Nóbrega a desenvolver um estilo próprio de criação em artes cênicas e música. Dança, música, teatro e literatura são alguns dos universos pelos quais transita.
Além da longa lista de espetáculos, o artista desenvolve um importante trabalho de difusão da cultura brasileira no espaço Brincante, em São Paulo.

GENÉSIO TOCANTINS

Goiatins, TO

Genésio Sampaio Filho nasceu na região nordeste do Tocantins. Leva consigo não somente o nome do estado em que nasceu como também as músicas e as histórias do povo da sua terra.
Com o pai, lavrador, trovador e cordelista, Genésio aprendeu a cantar versos nas feiras locais. Com a mãe, frequentou rodas de folias, onde aprendeu cantos do Divino. Criança, mudou-se com a família para a cidade de Araguaína, ainda no Tocantins, e posteriormente para a cidade de Ceres, em Goiás.
Compositor, cantor e violonista autodidata, Genésio cresceu ouvindo a riqueza sonora da região norte do país. Tornou-se a própria música da sua terra, cuja defesa promove com seu talento musical, reconhecido de norte a sul do país.

FREI CHICO

Zoeterwoude, Holanda

Pesquisador, violonista e folclorista, Franciscus Henricus van der Poel, Frei Chico, é um holandês que virou brasileiro. É divulgador da cultura do Vale do Jequitinhonha, uma das localidades mais pobres do mundo. Quando chegou ao Brasil, o Vale, diz Frei Chico, lhe ensinou que quem pretende entender a religiosidade popular e ter o direito de explicar seus significados deve se tornar simples como os simples e pobre como os pobres. Para poder servir, ele teria que conhecer aquele povo...

Frei Chico provou que nem tudo era pobreza no Vale do Jequitinhonha. Acumulou mais de 15 mil folhas datilografadas com registros da cultura relacionados com a fé e com a espiritualidade, resultando no *Dicionário da religiosidade popular: Cultura e religião no Brasil*, onde dá voz ao mestre da folia, à rezadeira, ao capitão do congado, à mãe de santo, ao cordelista e tantos outros.

Inspirando-se, principalmente, nas cantorias da cozinheira da casa paroquial de Araçuai, gravou 250 fitas cassetes com canções que são a base do repertório do *Coral dos Tangarás*, que fundou há mais de 45 anos com a população local.

RUBINHO DO VALE

Rubim, MG

O cantor e compositor mineiro Rubinho do Vale passou a infância na roça, no Vale do Jequitinhonha. Ganhou ainda menino um acordeão de seu pai e mais tarde vieram o banjo e o violão. Rubinho foi crescendo envolto pelas sanfonas das folias tocadas em volta dos presépios no meio rural, pelas violas, serestas e conjuntos de baile.

O músico é um autodidata que desenvolveu sua técnica de tocar violão sempre manifestando em suas composições as marcas da cultura popular e do folclore de seu país. Compositor de enorme talento e variada produção, em mais de 20 anos de carreira sua obra reúne canções folclóricas que recolhe e arranja, como valsas, cantigas, parlendas, trava-línguas, além das cantigas dedicadas às crianças.

Seu canto é o canto da terra, que denuncia as injustiças sociais, a exploração do povo do Vale do Jequitinhonha; canto que transforma sua voz e música em bandeiras de luta e de esperança para a rica cultura popular do Jequitinhonha.

CIDA MOREIRA

São Paulo, SP

Em cena há mais de 40 anos, Cida Moreira é antes de tudo uma grande e singular cantora brasileira que não cabe em rótulos. No início da década de 80, Cida associou-se ao movimento da Vanguarda Paulista, propondo outra forma de cantar música brasileira ao lado de Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção. Escapou aos modismos ao longo da sua carreira, imprimindo sua assinatura, única, com seu piano, voz, arranjos e presença de palco.

O eclético repertório, as fabulosas interpretações, sua aprofundada pesquisa musical e dramatúrgica desembocam em espetáculos primorosos que Cida Moreira produz nos mínimos detalhes. As montagens a revelam, ora como uma verdadeira diva dos áureos tempos dos programas de rádio, ora como uma cantora dos cabarés alemães, mas sempre trazendo o que há de melhor na música.

NANA CAYMMI

Rio de Janeiro, RJ

O Brasil é uma terra abençoada com cantoras de voz maravilhosa, mas Nana Caymmi, mais que uma cantora, mais que uma intérprete, é uma entidade. Sua trajetória de paixão e de entrega à música transcende a genética da família Caymmi.
Dona de uma personalidade que não daria vez a um repertório banal, seu timbre de voz único e a sua profunda dedicação ao uso desse instrumento marcam definitivamente as suas interpretações.
Desde o sucesso *Acalanto*, gravado com seu pai, Dorival Caymmi, passando por festivais da canção e inúmeros sucessos em mais de 50 anos de carreira, Nana é puro coração, sinceridade e afinação.

PERY RIBEIRO

Rio de Janeiro, RJ

Pery de Oliveira Martins, filho de Dalva de Oliveira e de Herivelto Martins, ícones sagrados da era do rádio, já cantava em público aos três anos. O ambiente familiar, base para a formação de sua personalidade musical, foi também um mundo dividido pelo embate entre as fortes personalidades dos pais.

Quando Pery se lançou na carreira, uma revolução tomou conta da música brasileira, destituindo o cantar das vozes empostadas e das letras que falavam de tristezas e desafetos na Era de Ouro do Rádio. A Bossa Nova chegou, propondo um outro cantar, mais suave, alegre, esperançoso e intimista. Com sua voz de barítono e bagagem musical, Pery Ribeiro mais uma vez conciliou um mundo que se opõe, emprestando sua afinação à bossa das novas composições e arranjos mais jazzísticos.

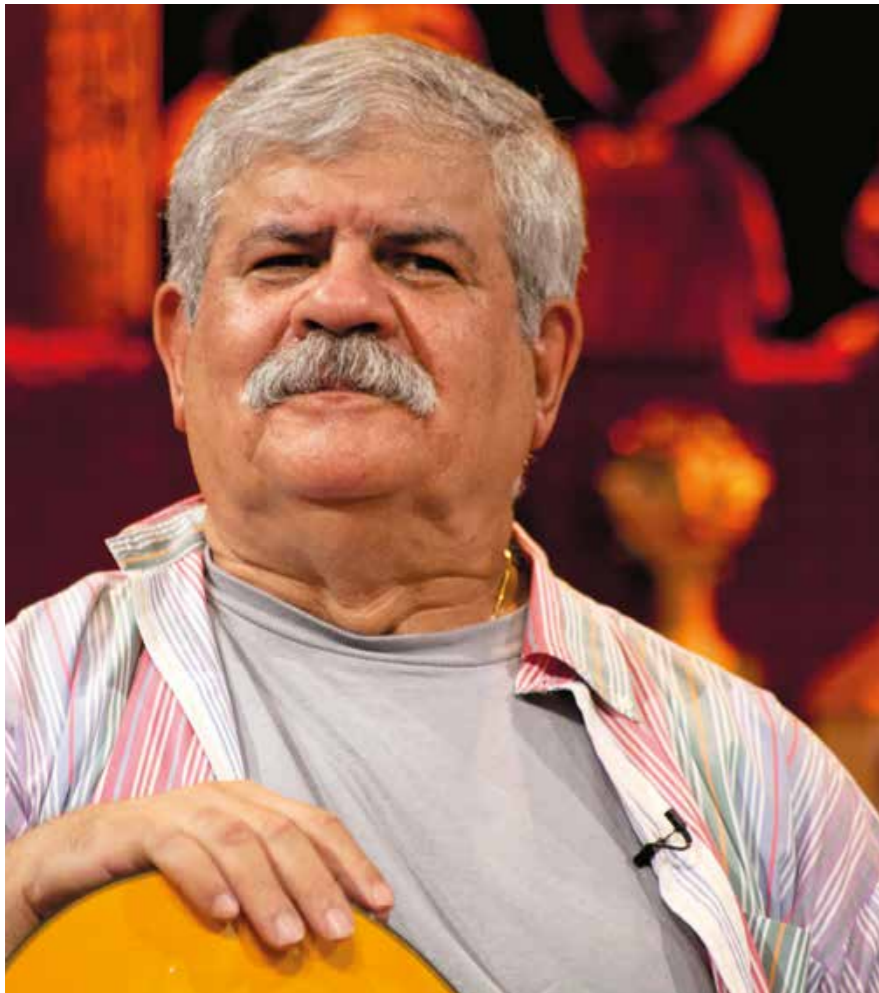
Foi o primeiro a gravar *Garota de Ipanema*, a música mais tocada no mundo, e foi também o cantor que mais gravou composições de Roberto Menescal, além de ser um grande divulgador da Bossa Nova em São Paulo. Pery Ribeiro fez ainda a transição da Bossa Nova para a chamada MPB com seu talento em transformar o que é novo em arte.

EMÍLIO SANTIAGO

Rio de Janeiro, RJ

Quando ainda era estudante de direito, Emílio Santiago queria ser diplomata, mas acabou sendo inscrito pelos colegas num festival de música em que Marcos Valle e Marlene eram jurados. Ganhou o prêmio de melhor intérprete. Depois, muitas prêmiações se seguiram em outros festivais e concursos. A música falou mais alto.

Sua potência de voz emitida com som de veludo, dicção impecável e sublime afinação o levaram a ser comparado a Nat King Cole e a Johnny Mathis pela crítica do jornal *New York Times*.

Foram 29 discos em 40 anos de carreira, nos quais Emílio Santiago cultuou a bênção da voz recebida, compartilhando com seu público a felicidade que a música lhe proporcionou.

DORI CAYMMI

Rio de Janeiro, RJ

Para além da influência musical da família Tostes Caymmi e do contato precoce com a música e com figuras importantes da cultura brasileira, há o talento e o percurso de Dori. Violonista, arranjador, compositor e cantor, avesso às regras e ao rigor da teoria musical tradicional, Dori trilhou caminho próprio sempre à procura de novas harmonias com seu violão. As composições e arranjos, a sofisticação de suas harmonias, o estilo singular de tocar violão, o timbre grave de sua voz e as parcerias sempre acertadas garantem a Dori Caymmi o reconhecimento de sua genialidade musical.

PAULO CÉSAR PINHEIRO

Rio de Janeiro, RJ

Dons afloram e não se explicam. Aos 13 anos, Paulo César Pinheiro começou a escrever músicas e, aos 18, compôs com Baden Powell a canção vencedora da I Bienal do Samba da TV Record, na voz de Elis Regina cantando "quando eu morrer me enterre na Lapinha, calça-culote, paletó almofadinha", sucesso que tantos brasileiros conhecem e já cantarolaram um dia. Desde então, o maior letrista brasileiro compôs mais de 1200 canções sozinho ou em parcerias que atravessam cinco gerações de compositores; canções indeléveis da memória musical brasileira, de uma lista imensa como *Quaquaraquaquá*, com Baden Powell; *E lá se vão meus anéis*, com Eduardo Gudin; *Mineira* e *espelho*, com João Nogueira; e *Canto das três raças*, com Mauro Duarte.

HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO

Rio de Janeiro, RJ

Compositor, poeta, produtor e ativista cultural, Hermínio Bello de Carvalho é o responsável pelo sucesso e descoberta de iniciantes e veteranos que constituíram o núcleo de resistência do samba, como Paulinho da Viola e Clementina de Jesus. Hermínio passou a vida fazendo amigos e parceiros, trabalhando em produções e shows históricos que trouxeram a glória de tantos artistas, marcando de forma definitiva e influenciando a história da música brasileira.

ÁUREA MARTINS

Rio de Janeiro, RJ

De crooner de orquestras de bailes da zona oeste do Rio de Janeiro a uma respeitada cantora da noite em boates da zona sul da cidade, Áurea Martins galgou os passos que a levaram a ter visibilidade fora do universo da noite carioca, ainda que tenha sido necessário um heróico e resistente caminhar de mais de 50 anos de carreira. Emotiva e sensível, Áurea transborda emoção com sua voz de contralto e afinação absoluta.

MILTINHO EDILBERTO

Andradina, SP

Consagrado como um dos violeiros mais completos do Brasil, Miltinho Edilberto é também um dos pioneiros na revalorização e na renovação da música regional nordestina.
Miltinho diz que aos 18 anos, antes de tocá-la, a viola é que o tocou.
A viola é o instrumento central na cultura brasileira e atravessa fronteiras. Ela é a estrela de suas cantorias, seja na viola caipira de raiz, no forró de viola ou na viola universal.
Edilberto prefere se definir como um pesquisador da cultura popular, um violeiro "neo-caipira" dentro de um projeto cultural mais amplo que o move. É um grande apaixonado pelo forró, não o forró plastificado, adulterado, mas o verdadeiro forró pé-de-serra, o forró autêntico e universal, com a inclusão de vários instrumentos: bom de ver, ouvir e dançar.

PAULO FREIRE

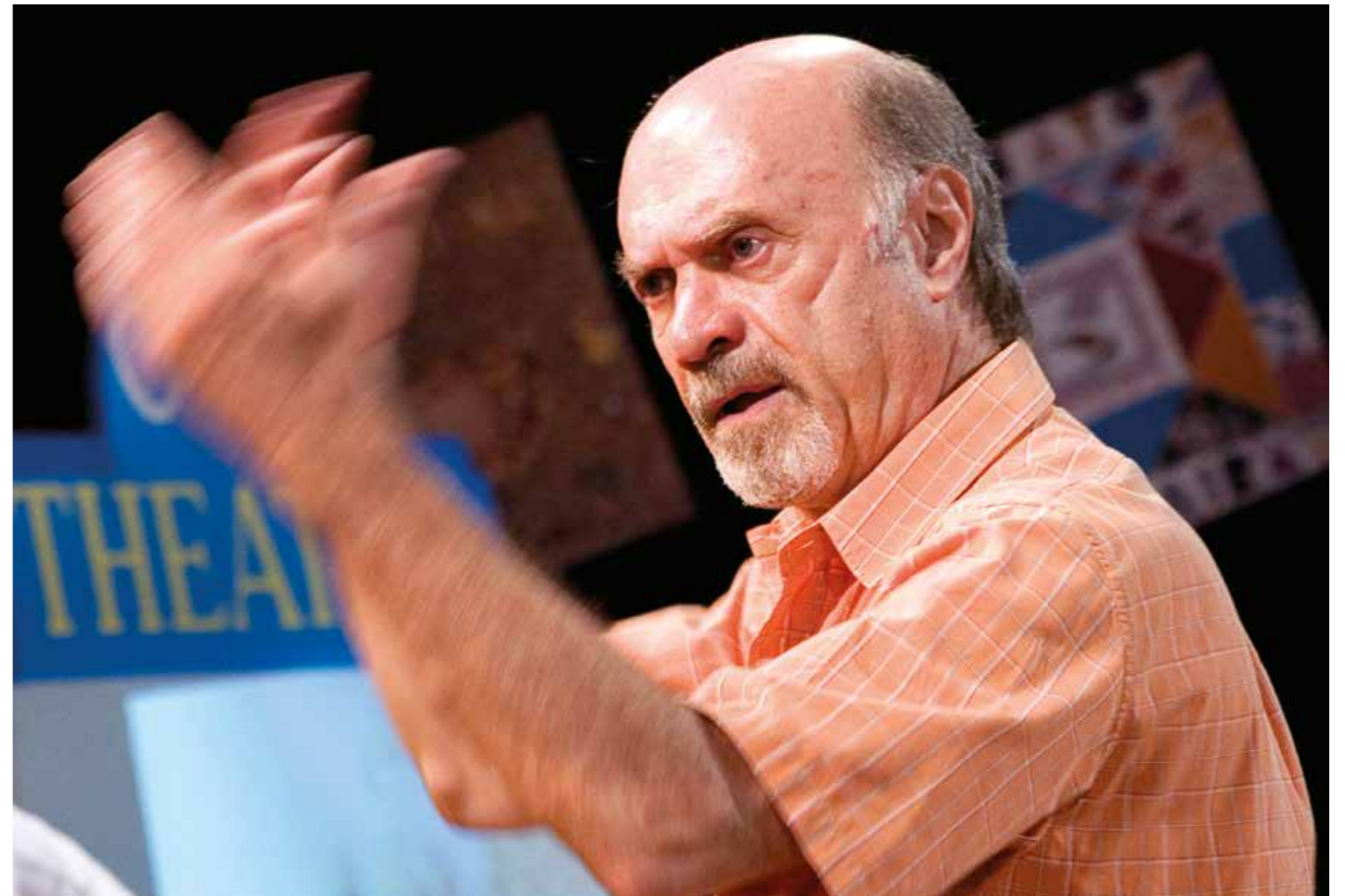
São Paulo, SP

Influenciado pela leitura de Guimarães Rosa, o instrumentista, compositor e escritor Paulo de Oliveira Freire descobriu, aos 17 anos, a região do rio Urucuia, Minas Gerais, onde aprendeu viola com o mestre Manelim. Prosseguiu seus estudos musicais de guitarra e violino em São Paulo e na França.
Referência para a autêntica música de viola caipira, Paulo Freire é profundo conhecedor da cultura popular, com a qual conviveu e cultiva a "estética da roça", fazendo da viola um estilo de vida sem menosprezar a inovação e o virtuosismo. Freire promove, através da contação de causos, o encontro da música e da narrativa, buscando a melodia da fala e apoiando-se no acompanhamento da viola.
Envolvido em importantes projetos culturais, suas composições e trilhas para TV são gravadas também por grandes nomes da música brasileira.

Lívia Nestrovski Iowa City, USA

ARTHUR NESTROVSKI

Porto Alegre, RS

Músico, violonista, compositor, crítico literário e musical, tradutor, autor de livros infantis e palestrante, Arthur Nestrovski é diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP) e do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão.
Arthur soma seus inúmeros talentos cruzando as disciplinas musicais e literárias sem rótulos, com o interesse voltado para a cultura brasileira de modo aberto, deixando sua marca em várias frentes artísticas.
Apresenta-se ao lado de artistas como José Miguel Wisnik, Zélia Duncan, Jacques Morelenbaum, no Brasil e no exterior, e também ao lado de sua filha, a cantora Lívia Nestrovski.
Arthur Netrovski gravou como violonista vários CDs contendo composições suas e em parcerias com Arrigo Barnabé, Luiz Tatit e Eucanaã Ferraz. Há também interpretações e arranjos para canções de Tom Jobim, Ary Barroso, Ismael Silva e Cartola, Lupicínio Rodrigues, Dorival Caymmi e Franz Schubert, com participação de diversos artistas como Ná Ozetti e Benjamin Taubkim.

JÚLIO MEDAGLIA

São Paulo, SP

Júlio Medaglia Filho é arranjador, maestro, compositor e tem um papel determinante na difusão da música brasileira de qualidade.
Seu contato, quando jovem, com o mestre alemão Hans Joachim Koellreutter abriu-lhe um novo e amplo universo musical. Montou com ele os Seminários de Música da Universidade Federal da Bahia, especializou-se em regência e foi convidado para estudar na Alemanha, tendo aulas com compositores de vanguarda como Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen.
Participou da organização dos festivais da TV Record e envolveu-se com movimentos de vanguarda de música contemporânea, compondo para teatro e fazendo arranjos para canções populares como *Tropicália*, de Caetano Veloso.
Maestro de importantes orquestras sinfônicas nacionais e internacionais, criou e conduziu a Amazonas Filarmônica, levando a Manaus músicos de diversas partes do mundo.
Na Rádio Cultura FM, Júlio Medaglia pode ser ouvido diariamente. Na TV Cultura, apresenta o programa *Prelúdio,* que revela jovens talentos da música erudita. É ainda regente convidado da Ópera Nacional da Bulgária e dirige orquestras filarmônicas e centros de estudos musicais.

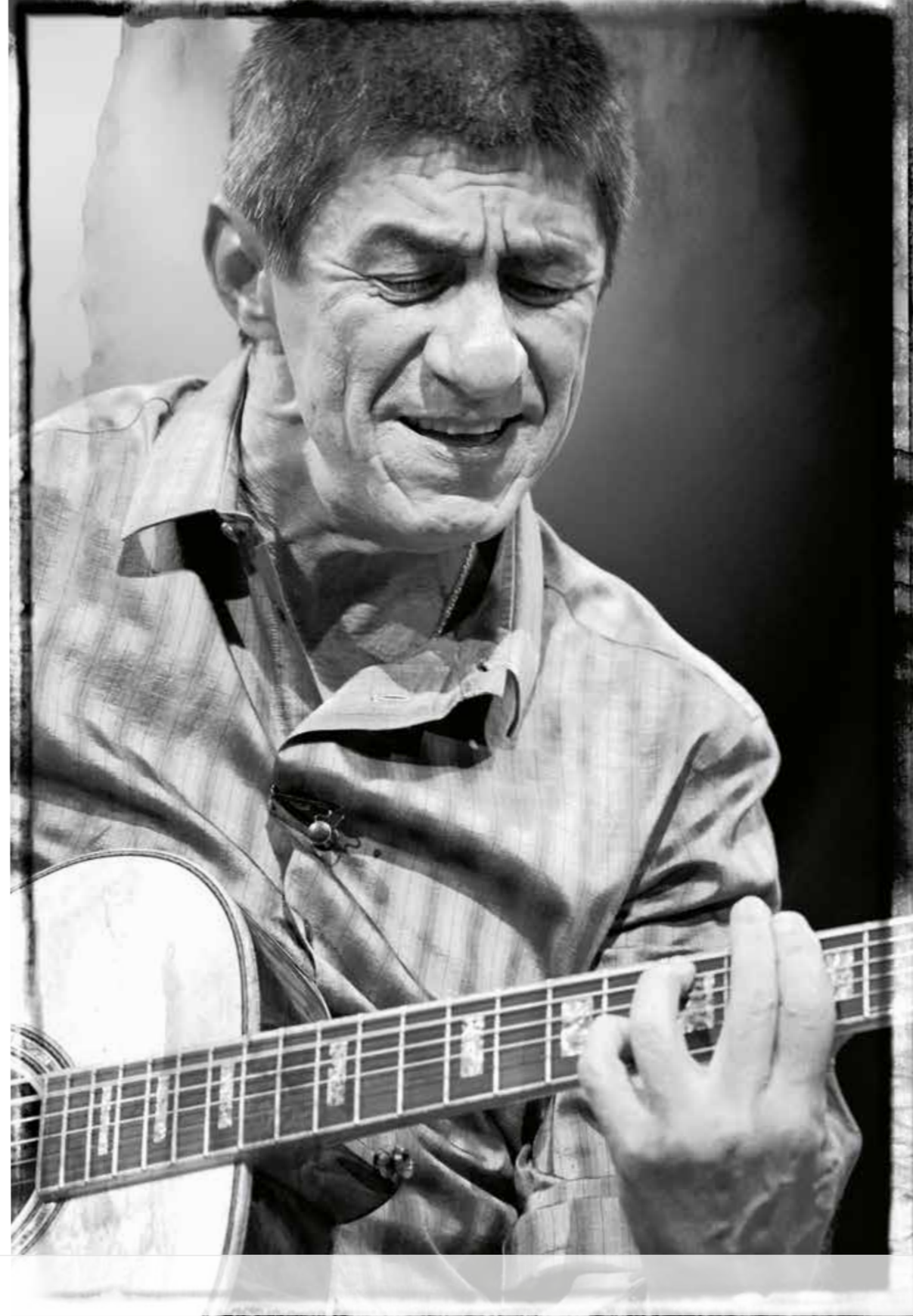
SANTANNA, O Cantador

Juazeiro do Norte, CE

Cantor e compositor, descendente de uma família de artistas, Santanna teve na sua infância a influência do aboio do vaqueiro nordestino, do canto das lavadeiras, do canto das rezadeiras e, finalmente, do canto dos cantadores violeiros e emboladores.
Em 1984 conheceu Luiz Gonzaga, de quem se tornou amigo particular, participando de vários shows e fazendo aberturas e vocal para o "Rei do Baião".
Começou a fazer sucesso a partir de 2002, quando registrou a venda de mais de 100 mil cópias do CD *Xote pé de Serra*.
Santanna, O Cantador representa o forró autêntico e é conhecido por várias músicas, hoje tradicionalmente tocadas em época de Festa de São João, no Nordeste, principalmente *Ana Maria* e *Tamborete de Forró*.

FAGNER

Orós, CE

O compositor, cantor, instrumentista e produtor musical Raimundo Fagner Cândido Lopes tem os primeiros contatos com a música em casa, por meio dos lamentos árabes cantados pelo pai, libanês, e das cantorias da mãe e do irmão.
Optando pela carreira artística, Fagner abandona a faculdade de arquitetura iniciada em Brasília, trilha seu caminho participando de festivais e segue compondo e cantando no Rio de Janeiro e em São Paulo. O primeiro grande sucesso chega com *Mucuripe*, em parceria com Belchior, na voz de Elis Regina. De lá para cá, são inúmeros álbuns, coletâneas, participações especiais e composições gravadas por outros intérpretes.
Com seu canto alto e áspero, seus versos cortantes e seu estilo contundente, Fagner é intérprete e autor de uma obra eclética, na qual se mesclam a herança da música moura e nordestina, o violão, a guitarra e sua alma marcadamente polêmica e agreste. Como compositor e intérprete, deixa sua marca como um dos grandes nomes da MPB.

OSWALDO MONTENEGRO

Rio de Janeiro, RJ

Sem ligar para a Bossa Nova, Tropicália ou outros rótulos, Oswaldo Montenegro criou o seu próprio estilo de forma independente. É um compositor que sempre amou o blues, o rock, o baião, mas o que compõe é principalmente fruto das serenatas que acompanhou de perto na infância, quando morou em São João del-Rei, Minas Gerais.

Com mais de 40 discos gravados, peças musicais e trilhas sonoras para cinema, teatro e televisão, o cantor, poeta e compositor dedica-se também ao audiovisual, escrevendo e dirigindo longas-metragens.

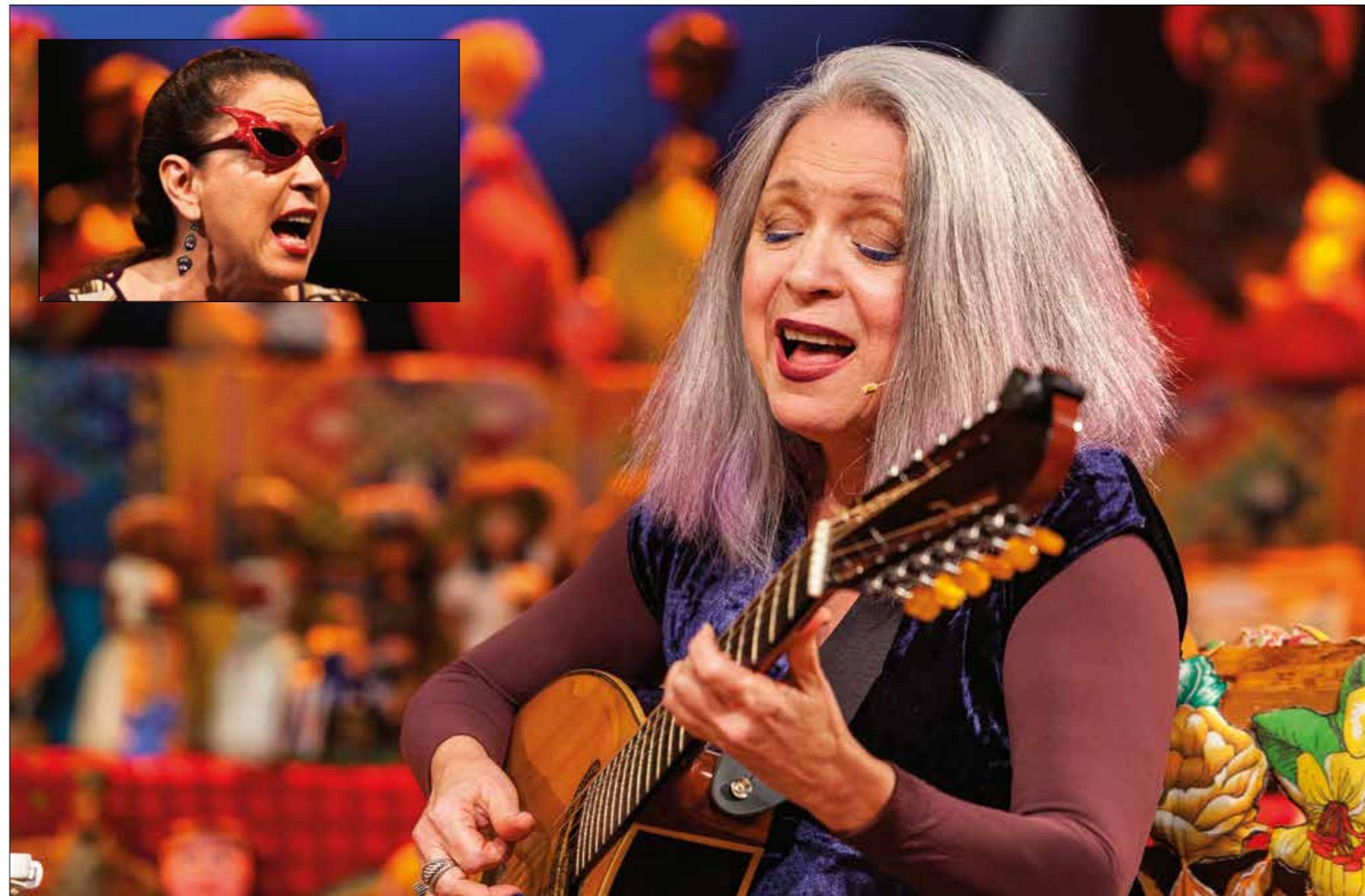
Apesar de sua barba e cabelos brancos, Oswaldo Montenegro mantém a inquietude juvenil. Para ele, é impossível viver sem arte e sem propagar afeto.

VÂNIA BASTOS

Ourinhos, SP

Voz fundamental da música contemporânea, Vânia Bastos iniciou sua carreira artística na década de 80, ao lado de Arrigo Barnabé, ao integrar a histórica banda *Sabor de Veneno*, nos inesquecíveis LPs *Clara crocodilo* e *Tubarões voadores*.

Em seu repertório plural, Vânia percorre os mais complicados intervalos melódicos com confiança, fluidez, afinação e, principalmente, com a alegria de quem se delicia com o que faz.

A artista interpreta canções de Eduardo Gudin, Caetano Veloso, Arrigo Barnabé, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Itamar Assumpção, além de coletâneas de cantoras, obras de Edu Lobo e, mais recentemente, de Pixinguinha, entre outros famosos nomes que integram seu eclético conjunto de obra.

TETÊ ESPÍNDOLA

Campo Grande, MS

Uma das artistas mais originais do Brasil, dona de imensa extensão vocal e de um raro timbre de voz, de alcance agudíssimo, a cantora e compositora sul-mato-grossense alcançou a fama em 1985, interpretando a canção *Escrito nas estrelas*, no Festival dos Festivais.

Em sua carreira de mais de 40 anos, Tetê Espíndola deu vida nova à craviola. São quase 20 CDs lançados retratando épocas, momentos e cores do território em que as canções foram compostas, reunindo o som de estranhezas e belezas que Tetê emite com seu canto para nos levar a outro lugar.

A artista sabe se cercar de músicos e arranjadores competente, e o resultado de sua música ultrapassa as barreiras do regional e da música cabocla, construindo um som universal e contemporâneo, retomando o que Augusto de Campos tão bem descreveu: "ela domina a articulação. Suas inflexões estão cheias de toques sutis e achados imprevistos... do guaraní ao guaraná. Da guarânia à música contemporânea. Do bom tom ao atonal. Cunhataiporã contemporânea, do fim do século XX, voz e craviola, Tetê colibrisa".

MOACYR LUZ

Rio de Janeiro, RJ

Compositor, intérprete, violonista, arranjador, produtor e cronista, Moacyr Luz também é conhecido como fundador da famosa roda *Samba do trabalhador*. Esse talentoso carioca, atento como uma antena parabólica, capta o seu entorno e tudo transforma em sambas e crônicas memoráveis. Moacyr tem centenas de composições que são verdadeiros hinos, gravados pelos maiores nomes que vão da velha guarda aos grandes intérpretes do samba e da MPB.
Samba para ele não é simplesmente música, é um verdadeiro estilo de vida, um compromisso de respeito ao público. Moacyr Luz tem sua imagem consolidada perante a opinião pública como uma das maiores referências da música popular brasileira.

Rafael Freire

Gabriel Azevedo

João Cavalcanti

João Fernado

Daniel Montes

CASUARINA

Rio de Janeiro, RJ

Os amigos que aos 20 anos se reuniam para tocar samba na rua Casuarina, bairro do Humaitá no Rio de Janeiro, nem imaginavam no que isso iria dar: tornaram-se mestres na arte de unir letras repletas de imagens e melodias inspiradoras.
O quinteto ganhou destaque na imprensa com seu primeiro CD, *Casuarina*, no qual recriou sambas antológicos como *Pranto de Poeta*, de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, e *Minha Filosofia*, de Aluísio Machado. Acrescentou ainda tempero nordestino ao pot-pourri do cantor paraibano Jackson do Pandeiro e uma nova roupagem em *Swing de Campo Grande*, dos *Novos Baianos*.

A dimensão do trabalho do grupo não cabe mais no Brasil, e da Lapa para o mundo foi um pulo: Angola, Bélgica, Canadá, Cuba, Eslovênia, Espanha, EUA, França, Holanda, Inglaterra, Israel, Portugal e Suécia são locais em que a banda já se apresentou, além de lotar o Lincoln Center, em Nova York, em excursão de dois meses nos Estados Unidos.
Provando que o samba não precisa ser antigo para fazer sucesso, o *Casuarina* também conquista o público com suas próprias composições ou nas parcerias e apresentações nas quais grandes nomes da MPB se associam ao grupo.

RIACHÃO

Salvador, BA

Aos 15 anos, o jovem alfaiate, ex-office boy de banco e até "carpideira" Clementino Rodrigues vivia a cantarolar na praça da Sé, em Salvador, os sambas de lá e do Rio de Janeiro que ouvia no rádio. Mas, um pedaço de jornal caído no chão com a manchete "Se o Rio não escrever, a Bahia não canta" bateu no seu coração como uma punhalada. Compôs, no mesmo dia, sua primeira música em resposta à desfeita e nunca mais parou. Ele conta que quando ia cantar na rádio, o locutor dizia: "lá vem Riachão, o homem que não repete música".

Riachão ganhou esse apelido vindo do ditado "você não é nenhum riacho que não se possa atravessar", que diziam quando apartavam as brigas nas quais o garoto costumava entrar.

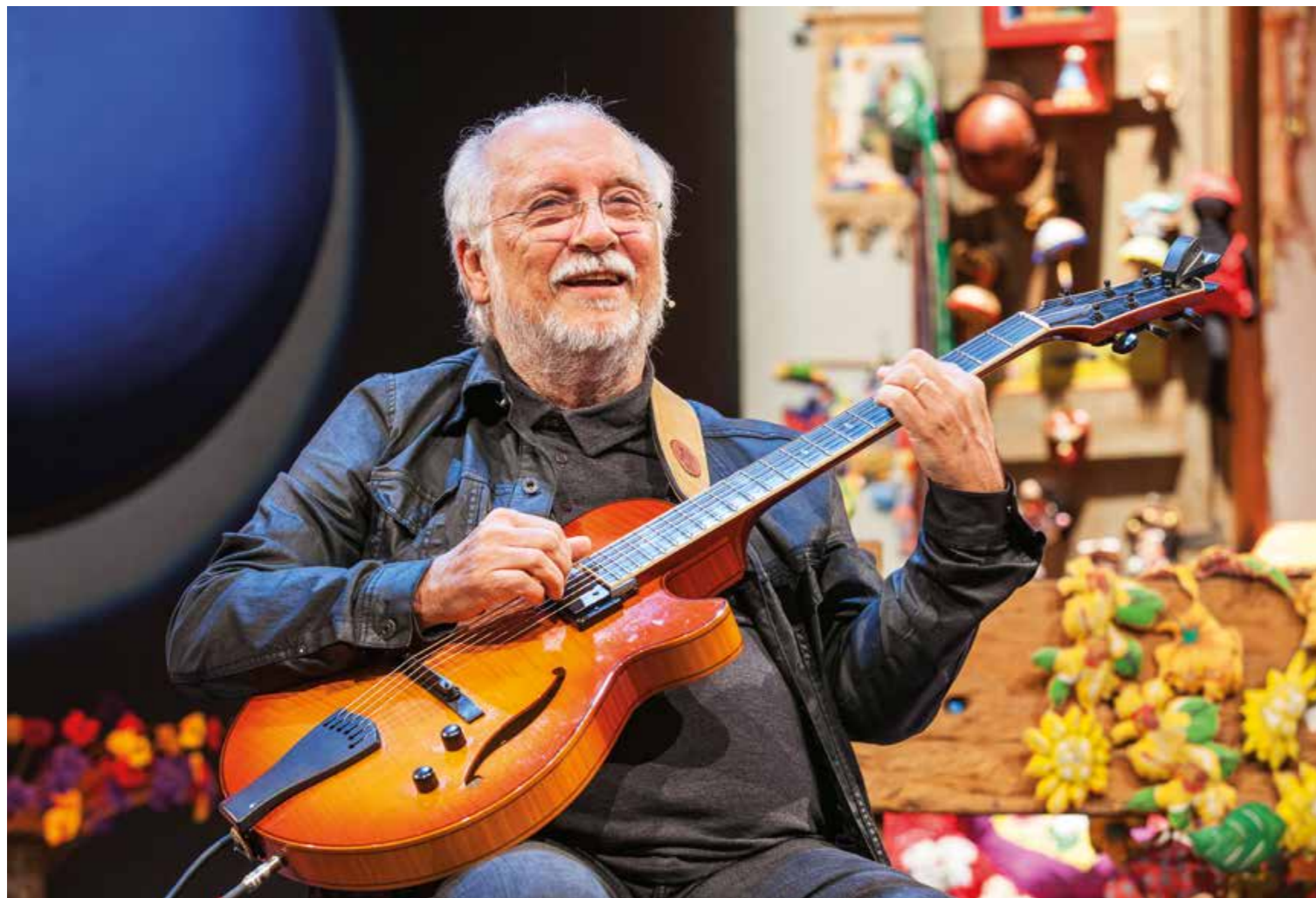
Embora tenha sido gravado por Jackson do Pandeiro e Jamelão nos anos 50 e tenha composto o grande sucesso *Cada macaco no seu galho*, que ganhou voz de Caetano Veloso, e *Vá morar com o diabo*, gravado por Cássia Eller, Riachão é representante da tradição oral e nunca documentou as mais de 300 canções que diz ter criado. Canta de memória as músicas das quais vai se lembrando, para que elas possam ser registradas pela cantora e produtora Vânia Abreu.

Dono de uma vitalidade ímpar, quase centenário, Riachão é o último malandro a andar por essas bandas.

XANGAI

Itapebi, BA

Cantador é como se autodefine Eugênio Avelino, o Xangai, nome da sorveteria do pai em Vitória da Conquista. É aquele que canta o que vem de dentro. Intérprete, compositor e violeiro baiano, filho e neto de sanfoneiros, Xangai teve a infância marcada pelo encontro com Elomar, que se tornou referência para o menino que tinha somente nove anos na época.

O músico tem profundo respeito pelo cancioneiro nacional. É o cantador porta-voz da população sertaneja do interior do nordeste brasileiro. E se a música de Xangai toca pouco no rádio, contraditoriamente, ela emerge do coração do povo, medieval, trovadoresca, erudita, mas, acima de tudo, sertaneja.

ROBERTO MENESCAL

Vitória, ES

Violonista, arranjador, compositor e produtor musical capixaba criado no Rio de Janeiro, Roberto Menescal começou a estudar violão aos 17 anos. Canhoto, teve que se adaptar ao instrumento para tocar aquele repertório dos tristes sambas-canções da época, que já não se afinavam mais com os anseios da juventude à procura de sol e de carícia na música.
Menescal é um dos pilares e um dos mais importantes compositores da Bossa Nova, ao lado de Tom Jobim, Carlos Lyra e Vinicius de Moraes. Criou canções que hoje são consideradas hinos do movimento e da própria música popular brasileira, como *O barquinho*, *Você*, *Nós e o mar*, *Ah se eu pudesse*, *Rio*, entre outras, tendo Ronaldo Bôscoli como um dos parceiros mais constantes.
Há pouquíssimos nomes na MPB, de ontem e de hoje, que não tenham por referência Roberto Menescal, que foi durante muitos anos diretor artístico de gravadoras e do seu próprio selo.

FABIANA COZZA

São Paulo, SP

Fabiana Cozza deixou o jornalismo aos 24 anos para seguir a carreira de intérprete. Dona de uma sólida formação cultural e artística, que inclui dança, canto popular e teoria musical, Fabiana vem sendo saudada pelo público, pela crítica e por artistas, incluindo Maria Bethânia, Paulo César Pinheiro e Leny Andrade, como uma das maiores cantoras da atualidade, já tendo recebido inclusive o Prêmio da Música Brasileira na categoria "Melhor Cantora de Samba".
Emprestando sua voz a sambas ou entoando outras vertentes da música de ascendência africana, Fabiana Cozza confirma a cada trabalho o talento e devoção à arte, moldando as composições à sua personalidade musical e dando às letras das canções a forma de poesia cantada.

EDUARDO GUDIN

São Paulo, SP

Precoce e genial, Eduardo Gudin foi convidado por Elis Regina, aos 16 anos, para se apresentar em solo com seu violão no programa *O Fino da Bossa*. Dois anos depois, já era classificado para o Festival de Música Popular da TV Record com sua canção *Choro* do *amor vivido,* interpretada pelo conjunto *Os Três Morais* e Hermeto Pascoal. Era apenas o início.
Eduardo Gudin tem cerca de 300 músicas gravadas, dentre elas, 80 compostas em profícua parceria com Paulo César Pinheiro, como *Lá se vão meus anéis*, *Maior é Deus* e *Mordaça*.
Sua rica formação e a vasta experiência no universo artístico lhe permitem inúmeras atividades, como a de compositor, intérprete, arranjador e produtor musical de discos e espetáculos de vários cantores e compositores que descobre e incentiva.
A cada música, disco, espetáculo ou arranjo, sua obra se reafirma entre as mais sólidas do samba.
Em se tratando apenas de São Paulo, é o maior autor em atividade no gênero e, no cenário nacional, um dos músicos brasileiros mais produtivos e influentes nas últimas décadas.

PASSOCA

Santos, SP

Compositor, violeiro e pintor, Marco Antônio Vilalba começou a tocar nos anos 60 em festivais e bailes. Na década de 70, participou do grupo *Flying Banana* como baterista e violonista. Seu trabalho é associado tanto à Vanguarda Paulista quanto ao universo caipira.
Influenciado por Renato Teixeira e Almir Sater, especializou-se na viola.
Autodidata, observando com atenção os violeiros e ouvindo suas histórias, passou a cantar e a compor. Sua ligação com o repertório sertanejo tradicional tem quase uma missão didática para que as gerações mais novas cultivem a reverência à música caipira.
Passoca tem nove CDs gravados, com álbuns de canções inéditas de Adoniran Barbosa e regravações de João Pacífico. Sua música contém a dualidade entre a cidade e o campo, a poética urbana sobre um suporte de viola caipira.
Sonora garoa é uma de suas composições mais importantes, na qual os sons dissonantes traduzem a observação urbana com a sensibilidade caipira.

SEM ELES...

Eles sempre chegam aos camarins do Teatro do SESC Pompeia poucos minutos antes de encontrar, em muitos casos pela primeira vez, os cantores, cantadores e intérpretes que irão se apresentar no *Sr.Brasil*.

Eles são, neste dia de gravação, os músicos acompanhantes ou maestros arranjadores, que dão suporte musical aos convidados. Com os seus respectivos instrumentos em mãos - violão, viola, cavaquinho, flauta, baixo, baixolão, percussão ou acordeão - lançam um rápido olhar nas partituras das músicas escolhidas. Assim, vão entrando na harmonia e no ritmo, arranjando e improvisando ali mesmo, na hora, o acompanhamento cuidadoso das mais variadas canções, para a alegria dos artistas convidados que nesse dia, excepcionalmente, não têm o suporte de seus músicos habituais ou exclusivos.

Eles são capazes de se adaptar a qualquer estilo musical, a qualquer surpresa improvisada pela produção ou até a algum capricho de criação espontânea.

Eles são grandes virtuoses de seus instrumentos e de sua arte. Todos possuem um trabalho pessoal invejável e vasto currículo.

Entre Eles, muitos já subiram ao palco do *Sr.Brasil* inúmeras vezes e nele se apresentaram com grande estilo. Neste livro, infelizmente, faltará espaço para mostrar todos que passaram pelo programa. Quantas parcerias notáveis já nasceram destas reuniões improváveis nos "ensaios" do *Sr.Brasil*? Muitas!
Dos camarins do nosso "terreiro cultural" para os palcos do Brasil e, muitas vezes, do mundo!

SEM ELES, NADA FEITO! (*Rolando Boldrin, Maio de 2019*)

EDSON ALVES

EDMILSON CAPELUPI

GUELLO

ALÊ RIBEIRO

LUIZINHO 7 CORDAS

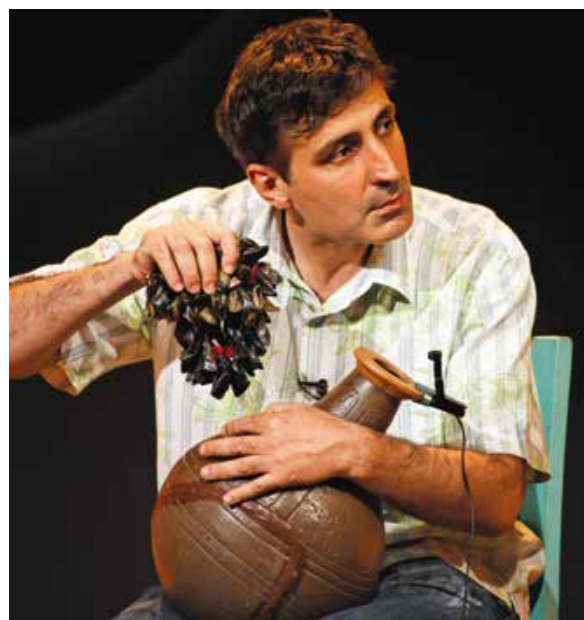
LEO RODRIGUES

ROBERTA VALENTE

BRÉ

ZÉ BARBEIRO

PRATINHA

ANDRÉ RASS

PAULO PIXU

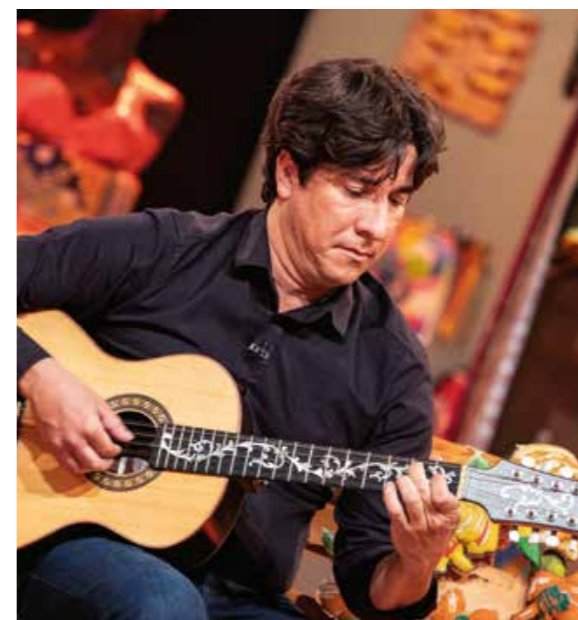
ÁLVARO COUTO

THADEU ROMANO

LULINHA ALENCAR

DANIEL ALAIN

RODRIGO Y CASTRO

MILTON MORI

NEYMAR DIAS

Fotografia, projeto gráfico, editoração: Pierre yves Refalo
Textos: Katia Sanson
Revisão: Julia Maia Maria Fernanda Rego Ortiz Alexani Barbosa Rosângela Alves Marouço
Adaptação para Versão Digital (PDF Interativo): Paula Casarini
Contatos com os artistas: Lenir Boldrin

Fontes:
Entrevistas com os artistas
Supertônica Rádio Cultura FM   http://culturabrasil.cmais.com.br/programas/supertonica
Programa instrumental SESC Brasil   https://www.instrumentalsescbrasil.org.br/artistas
Um café lá em casa - Nelson Faria   http://www.youtube.com/umcafelaemcasa
Gafieiras. Entrevistas de música brasileira   www.gafieiras.com.br
Panfletos da Nova Era – Um portal de Jorge Mautner   www.panfletosdanovaera.com.br

Artigos e dicionários:
Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019   http://enciclopedia.itaucultural.org.br/busca?categoria=musica
Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira   http://dicionariompb.com.br/

Impressão: Gráfica IPSIS